



WALT DISNEY

BIBLIOTECA DO

ESCOTEIRO MIRIM

RODRIGO

A
GIBITECA



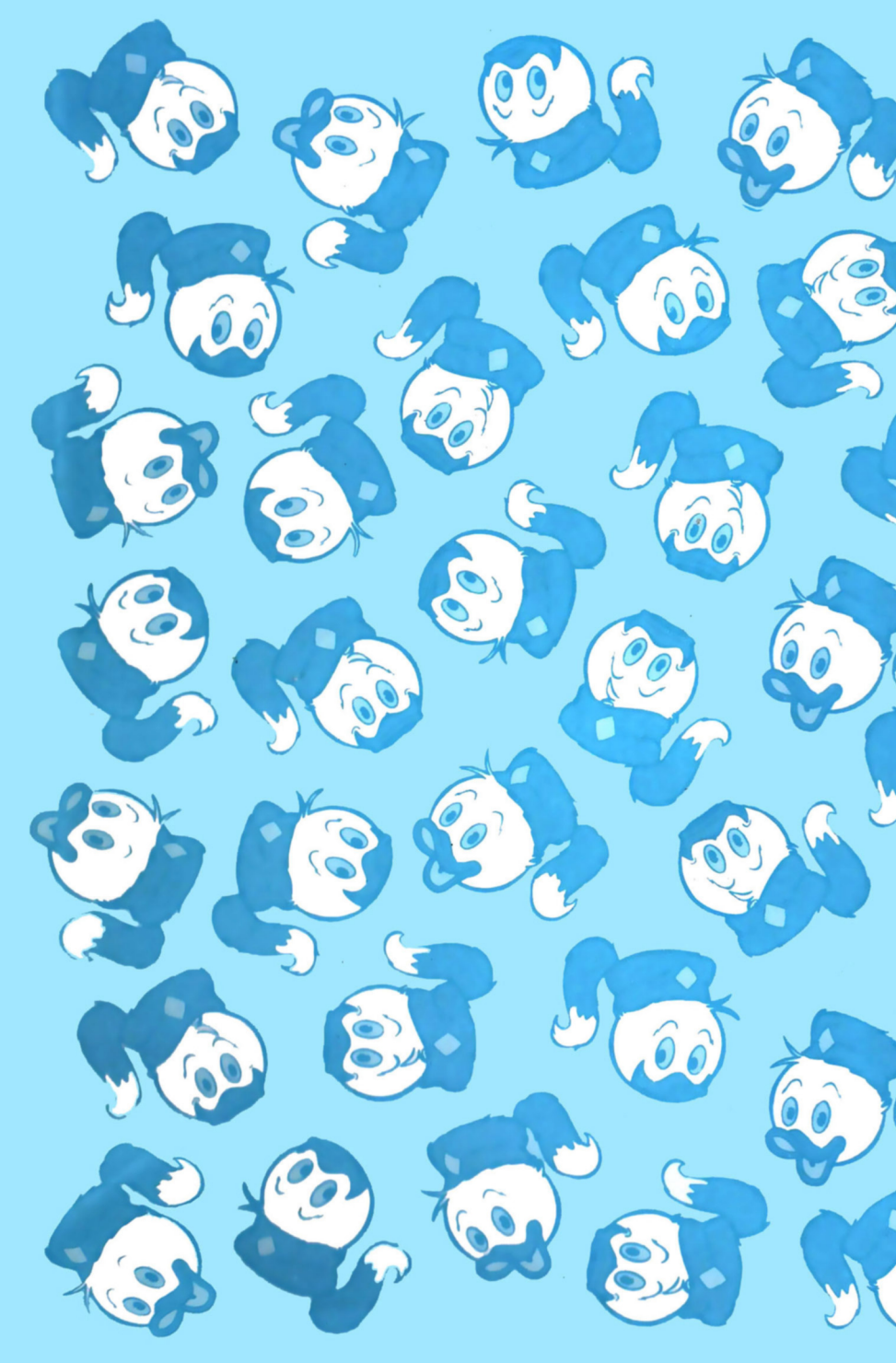
WALT DISNEY

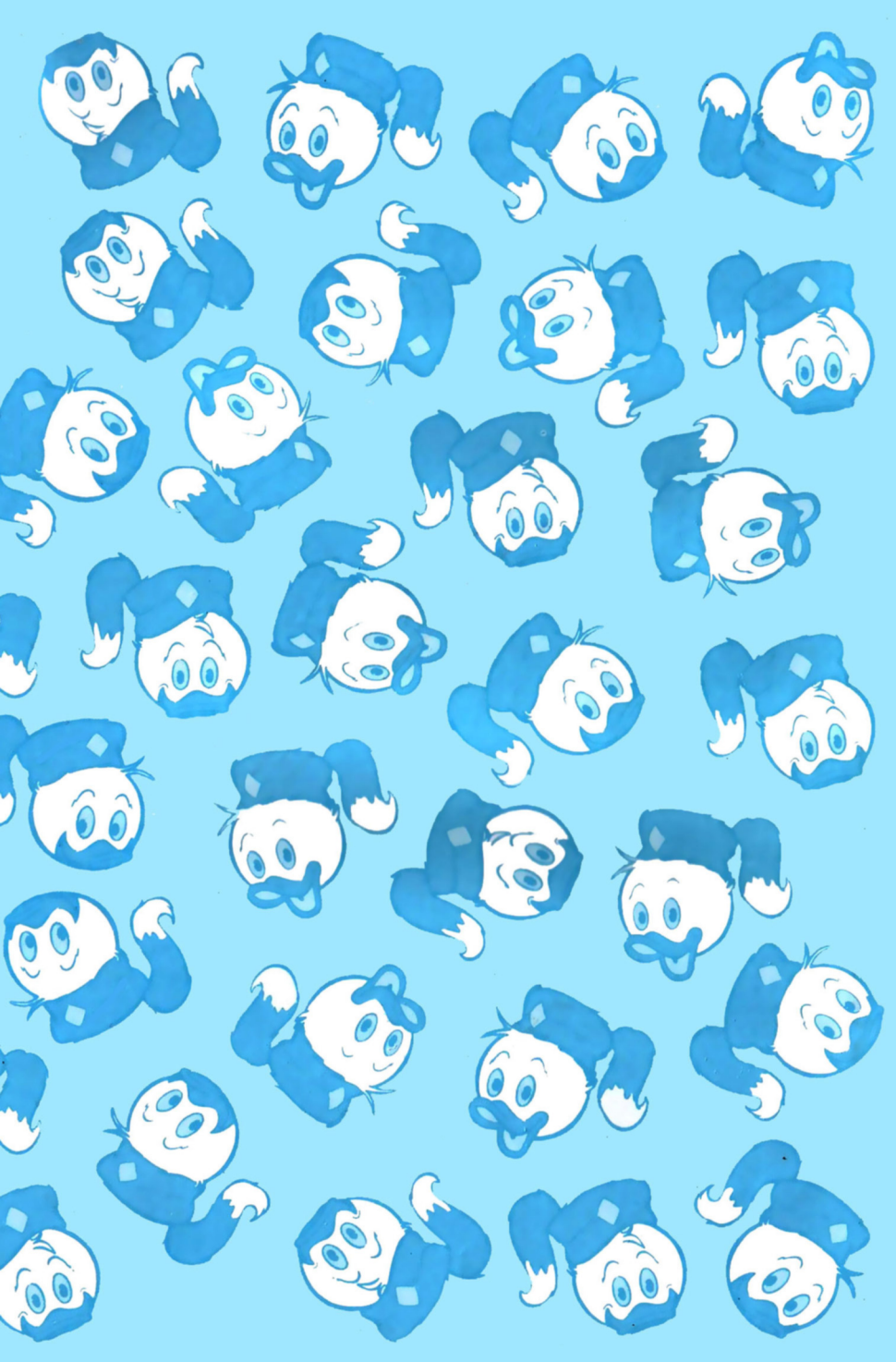
BIBLIOTECA DO

ESCOTEIRO MIRIM



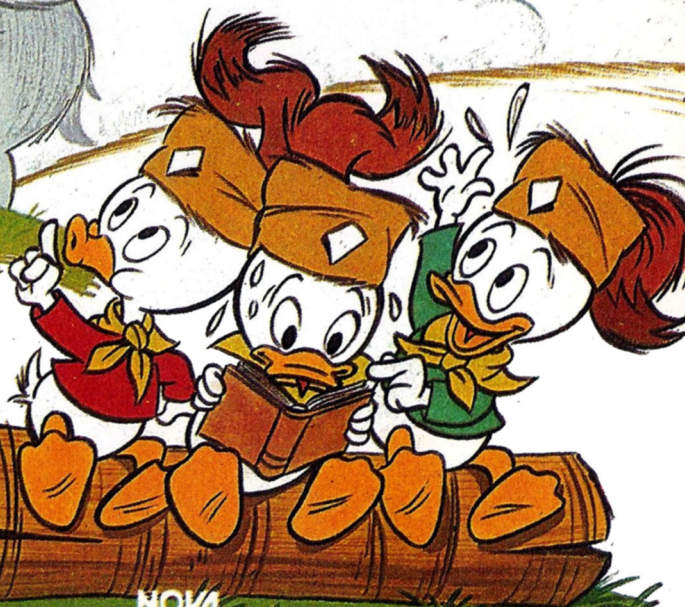
NOVA
CULTURAL





Donald Duck is climbing a large tree trunk on the left side of the cover. He is wearing a blue shirt with a yellow bow and a brown scout hat with a red feather. He has a determined expression.

WALT DISNEY
**BIBLIOTECA DO
ESCOTEIRO
MIRIM**



NOVA
CULTURAL

Copyright © 1985 - Walt Disney Productions - USA
Publicado pela Abril S.A. Cultural, São Paulo, Brasil.
Todos os direitos reservados.

WWW.AGIBITECA.COM.BR

ESCOTEIROS EM AÇÃO



RODA DE ESCOTEIROS MIRINS

Esta é uma competição de conhecimentos gerais. Podem participar quantas pessoas quiserem. É só jun-

tar o pessoal e formar uma roda, para determinar a ordem de participação. Joga-se assim:



Para começar, o grupo escolhe um assunto qualquer, que pode ser: nomes de frutas, de cidades, de bairros, rios, montanhas, países, pessoas famosas, marcas de carros etc.

Feito isso, escolhe-se uma letra inicial. Por exemplo, nomes de **frutas** que começam com a letra **M**.

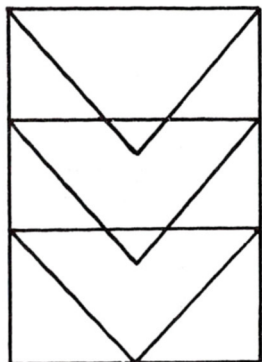
Cada um, por sua vez, vai falando: Melão, Melancia, Manga, Mamão etc. Cada vez que se completar uma rodada,

a rodada seguinte será iniciada pela pessoa seguinte à que deu início à rodada anterior, indo esta para o fim da fila. Este rodízio é necessário, pois, conforme o assunto, as pessoas que ficarem para o final terão mais dificuldades.

Se alguém, na sua vez, não lembrar uma palavra que começa com a letra pedida, azar dele: sai do círculo.

Quem ficar na roda até o fim será o vencedor.

UM AUTÊNTICO ESCOTEIRO-MIRIM



...se distingue por sua aguçada inteligência e espírito inventivo. E por isso vai conseguir traçar este desenho sem tirar uma só vez o lápis do papel e sem passar duas vezes pela mesma linha. Depois, verifique a solução na página 16 deste volume.

ATENÇÃO ... SENTIDO!

Eis a escala hierárquica militar, do posto mais alto ao mais baixo, nas "três armas", isto é, nas três grandes divisões das Forças Armadas do Brasil: Aeronáutica, Exército e Marinha.



EXÉRCITO

OFICIAIS-GERAIS



general



marechal



general-de-exército



general-de-divisão



general-de-brigada

OFICIAIS SUPERIORES



coronel



tenente-coronel

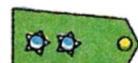


major

OFICIAIS SUBALTERNOS



capitão



primeiro-tenente



segundo-tenente

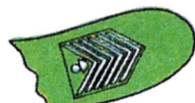


aspirante

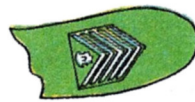
PRAÇAS



sub-tenente



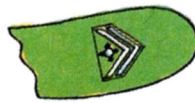
primeiro-sargento



segundo-sargento



terceiro-sargento



cabo



soldado

MARINHA

OFICIAIS-GERAIS



almirante



almirante



almirante-de-esquadra



vice-almirante
(corpo de fuzileiros)



vice-almirante
(corpo de engenharia)



contra-almirante
(corpo de intendentes)



contra-almirante
(corpo de saúde)

OFICIAIS SUPERIORES



capitão-de-mar-e-guerra



capitão-de-fragata



capitão-de-corveta



capitão-tenente

OFICIAIS SUBALTERNOS



primeiro-tenente



segundo-tenente



guarda-marinha

PRAÇAS



suboficial



primeiro-sargento



segundo-sargento



terceiro-sargento



cabo

MARINHEIROS



marinheiro



marinheiro

AERONÁUTICA

OFICIAIS-GERAIS



brigadeiro



marechal-do-ar



tenente-brigadeiro



major-brigadeiro
(intendente)



brigadeiro
(médico)

OFICIAIS SUPERIORES



coronel (aviador)



tenente-coronel
(intendente)



major (engenheiro
de aeronáutica)

OFICIAIS SUBALTERNOS



capitão
(farmacêutico)



primeiro-tenente
(infantaria de guarda)



segundo-tenente
(especialista)



aspirante (aviador)



suboficial
(escrevente almoxarife)

PRAÇAS GRADUADOS



primeiro-sargento
(mecânico de avião)



segundo-sargento
(escrevente almoxarife)



terceiro-sargento
(enfermeiro)



cabo (músico)



soldado de primeira
classe (manobra)



soldado

EU SOU O PIRATA DA PERNA DE PAU!

"Quinze homens sobre a arca do defunto, e um barril de rum...", assim cantavam os piratas de "A Ilha do Tesouro", o famoso romance de Robert Louis Stevenson.

Vocês devem saber que os piratas, quando pretendiam livrar-se de alguém, costumavam abandoná-los numa das inúmeras ilhas inexploradas do Mar das Caraíbas: ilhas que costumavam "batizar" com nomes inventados. Sucedeu um dia que o célebre pirata Edward Teach, apelidado "Barbanegra", para não

dividir o butim (isto é, o produto dos assaltos aos outros navios), com quinze homens, abandonou-os com poucas armas e um barril de rum numa ilha que, pela sua forma, era conhecida como "A Arca do Defunto".

Vamos agora conhecer um pouco mais de perto estes "cavalheiros" que, no correr dos séculos XVI, XVII e XVIII, infestavam os mares? Primeiramente, precisamos fazer uma clara distinção entre **bucaneiros** (ou **flibusteiros**), **piratas** e **corsários**.

Corsários

Os corsários eram aventureiros ingleses, franceses e holandeses, hostis aos espanhóis, que faziam a "guerra dos corsários" por ordem de seus governos e não para tirar proveito pessoal. Famoso entre eles foi Sir Francis Drake (1541-1595), que teve uma importante participação na criação do império colonial inglês.

Acontecia, porém, às vezes, que um corsário se transformasse em pirata.

Típico é o exemplo do célebre Capitão William Kid (1645-1701). Este, encarregado de dar caça aos piratas e efetuar ações de represália contra a frota francesa, recebeu do governo britânico o comando do galeão "Aventura", a bordo do qual alcançou Madagáscar e acabou envolvendo-se com os piratas. Após dois anos de incursões, foi preso e terminou sua vida aventureira na forca, em 23 de maio de 1701.

Piratas

Ao contrário dos corsários, os piratas "trabalhavam" em proveito próprio, assaltando os navios mercantes e particularmente os galeões espanhóis, que velejavam carregados de ouro e de mercadorias preciosas da América, voltando para a Europa.

Bucaneiros

Os bucaneiros eram uma mistura de corsários e de piratas: às vezes agiam por conta própria, outras vezes por conta deste ou daquele governo e, quase sempre, contra os espanhóis. Denominavam-se a si mesmos "irmãos da costa" e, no período de maior esplendor, fundaram até mesmo uma república na ilha de Tortuga, ao largo de Hispaniola (Haiti). Comandados por chefes impiedosos e cruéis, obedeciam a leis férreas que estabeleciam rigidamente a repartição dos butins, a disciplina a bordo e o comportamento na ilha. As pequenas faltas (como a de fumar na estiva, isto é, o

fundo interior do navio), eram punidas segundo a "lei de Moisés", ou seja, com 40 chicotadas. A pena de morte punia os delitos mais graves. Famoso pela intransigência na aplicação da lei foi Bartolomeu Roberts que, no curso de sua carreira, capturou e saqueou cerca de 40 navios.

Outros bucaneiros passaram à História: Sir Henry Morgan, William Dampier e Basil Ringrose. Entre os piratas merece particular menção o já citado Capitão Edward Teach, chamado o "Barbanegra". Era famoso, usando longa barba que ornava com variadas fitas que depois enrolava nas orelhas. Em combate, usava uma bandeirola (correia que se põe a tiracolo para prender as armas) da qual pendiam três pares de pistolas. Debaixo do seu tricórnio (chapéu de três bicos) enfiava tranças de estopa às quais tocava fogo: e seu rosto, emoldurado pelas chamas, assumia um aspecto terrificante.

Menos fantasiosas que ele, mas igualmente ferozes, foram as duas únicas mulheres-piratas que a His-



tória registra: Anne Bonny e Mary Read. Todos esses bandoleiros do mar militavam sob uma bandeira que geralmente consistia de um pano negro no qual eram bordados uma caveira com dois ossos cruzados, ou então um esqueleto empunhando um copo de rum e na outra mão o sabre de abordagem.

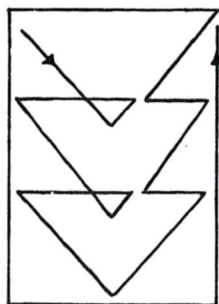
Armas e navios

As armas que usavam eram as pistolas, o sabre e as adagas, o machado, o arcabuz (tipo antigo de espingarda), os canhões de pequeno calibre (espingardões que disparavam pregos e fragmentos metálicos), os canhões de grosso calibre (que lançavam balas únicas ou aos pares). Estas últimas, ligadas entre si por uma corrente, tinham o objetivo de romper a mastreação das naus inimigas. Geralmente os combates terminavam pela abordagem, isto é, com a invasão e conquista do navio inimigo, após enganchá-lo com pontes munidas de "ganchos de abordagem".

Terminamos com uma úl-

tima visita aos seus navios. O menor deles era a **fusta**, muito veloz. Depois, a **galeota**, de um só mastro e remos. Seguia-se a **galeaça**, com três mastros, trinta e dois remos e trinta e seis canhões. Por fim, o **galeão**, com quatro mastros e setenta canhões.

UM AUTÊNTICO ESCOTEIRO-MIRIM



Eis a solução do enigma proposto na página 9: é só seguir a direção da flecha da esquerda, como no desenho acima, (separamos o encontro dos pequenos triângulos do centro com a linha ziguezague da direita, mas isto só para tornar mais visível a solução).

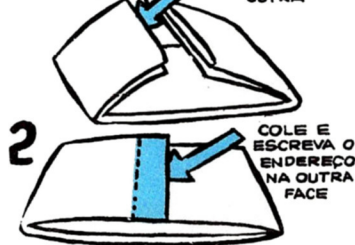
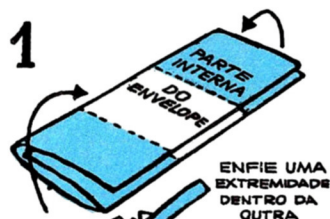
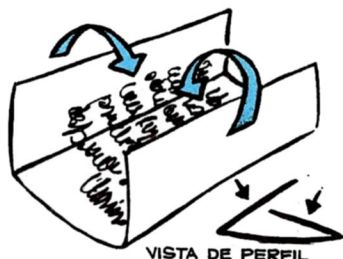
SAUDAÇÕES DO INFERNO

Existe no estado de Michigan, Estados Unidos, uma cidadezinha chamada Hell (Inferno, em inglês). Para incrementar o turismo, o correio local carimba os selos das cartas e postais expedidos com dizeres assim: "Saudações do Inferno", "O Inferno o aguarda" etc. Naturalmente, estes carimbos obtêm grande procura junto aos colecionadores. O mesmo ocorre com os carimbos sobre a correspondência proveniente de cidades cujos nomes sejam **palíndromos**, isto é, legíveis também de trás pra frente. Assim, por exemplo, as cidades de Harrah (Estados Unidos), Glenelg (Escócia), Lal Lal (Austrália), Okonoko (Estados Unidos), Ee (Holanda), ili (Finlândia), Oo (França).

ENVELOPES DO TIO PATINHAS

Opobre riquilhonário Tio Patinhas está desesperado! Imagine: o seu

cérebro eletrônico lhe revelou que todo ano ele gasta um bom dinheiro na aquisição de artigos de escritório e especialmente de envelopes para a remessa de intimações de pagamento aos seus devedores "esquecidos". Pois bem, aqui está a maneira de evitar essa... insensata despesa: sistema que você próprio poderá seguir quando tiver urgência de enviar uma carta e estiver sem envelope... e curto de dinheiro.



Dobre em três partes a sua folha, no sentido vertical, sobrepondo as duas bordas externas uma sobre a outra. Repita a operação no sentido horizontal, inserindo — desta vez — as duas bordas externas uma dentro da outra. Alise bem o “envelope”, feche-o com fita colante. Agora é só escrever o endereço, selar e colocar na caixa do correio.

PARA NÃO TOMAR BANHO FORÇADO

Você está no acampamento e precisa atravessar um riacho? “É só usar a ponte!” Cadê o en-

graçadinho? Não existe ponte. Que se faz, então? Procura-se um ponto onde a corrente seja mais estreita e a água menos profunda, tiram-se os sapatos e as meias, arregaçam-se as calças e se entra na água, avançando em direção à margem oposta a passos curtos e seguindo uma linha oblíqua que fique contra a corrente. Abra os braços ligeiramente para equilibrar-se melhor; sobretudo, cuidado para não se deixar tentar por eventuais passagens de pedra: podem não estar firmes e fazer com que você tome um banho inesperado assim que pisar numa delas.



VIVA A NATUREZA!



COMO SUBIR NUMA ÁRVORE

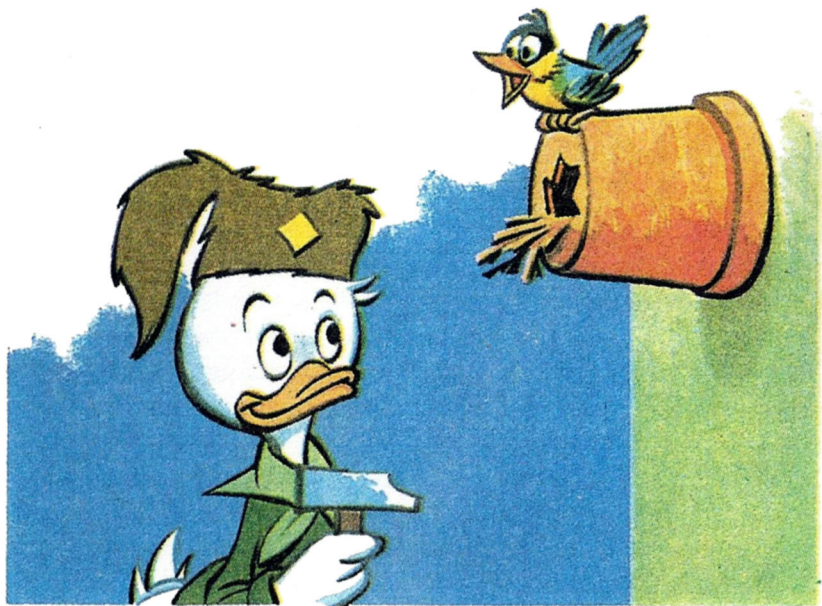
Você deve, sempre que houver uma oportunidade, excursionar pelo campo: ainda que seja para um simples passeio na floresta ou num bosque, ao longo das aprazíveis encostas de um morro. Uma vez ali, procure mergulhar os olhos naquele mar de verde e de azul que se estende abaixo e acima de nós. Observe as plantas silvestres, por exemplo. No Brasil há inúmeras variedades e, de vez em quando, você poderá ter o prazer de encontrar um pé de amoras ou morangos silvestres, ou mesmo uma goiabeira. Mas não pense apenas no estômago, pense no seu espírito também: por um momento, permaneça em absoluto silêncio e imobilidade... e logo você estará ouvindo a doce melodia da natureza, os mil e um rumores, silvos e sussurros das árvores dançando ao vento, dos cantos dos pássaros, dos ruídos de insetos.

Pois bem, amiguinhos Escoteiros, é tempo de



marchar adiante. E já que você recobrou o fôlego após essa "pausa para meditação" que lhe sugerimos, que tal... dar uma subidinha numa árvore? Os seus jovens músculos precisam manter-se em forma — e desenvolver-se — com exercícios e, além disso... habituando-se desde já com escaladas, como a de uma árvore frondosa e alta, você acabará aprendendo a escalar as montanhas e as... dificuldades da vida. Se você já tem prática de lidar com cordas — é um exercício de alpinismo que se faz em provas de ginástica — você não terá dificuldades em subir numa árvore. Proceda desta forma: atire e prenda num galho forte (o primeiro a partir do solo) uma corda resistente. A corda deverá ficar o mais próximo possível do tronco, de modo que durante a sua subida você possa apoiar os pés no mesmo. (Lembre-se de usar sempre sapatos de excursão, com boas solas de borracha: nada de solas de couro, que fazem escorregar). Apóie-se com os pés no tronco e, fazendo

uma leve alavanca com o corpo inclinado para trás, vá subindo aos poucos, agarrado à sua corda. Uma vez alcançado o galho mais baixo, tome um pouco de fôlego e desça. Repita este exercício várias vezes... depois, largada a corda, se você se sentir seguro, faça a escalada aos outros galhos, sempre mantendo-se vizinho ao tronco. Mas, cuidado: não se deixe entusiasmar pela sua bravura. Especialmente agora, que você precisa descer. E descer é mais difícil que subir — pelo menos em árvores. Pode acontecer, por exemplo, que, ao olhar para baixo tentando apoiar os pés, você tenha uma leve tontura. Segure-se! Engula em seco, não olhe para baixo no momento; observe com calma o que está em sua volta e, sobretudo, pense e convença-se de que não lhe sucederá nada, sobretudo se você não largar o seu ponto de apoio. Agora faça uma nova tentativa e verá que a coisa vai melhorar. Devagar, bem devagar, deixe-se pousar sobre o galho do qual partiu, e... a descida está feita.



HOSPEDANDO PASSARINHOS

Na primavera, muitos passarinhos procuram lugares para fazer seus ninhos. Você pode ajudá-los, criando um "quarto de hóspedes" em sua casa, para eles se abrigarem.

É bem fácil: primeiro, arranje um vaso de barro, desses que são usados para flores.

Aumente o buraco do fundo do vaso, até ele ficar com uns 5 cm de diâmetro. Esse buraco vai ser a entrada do abrigo.

Agora, escolha cuidado-

samente um lugar para pendurar o vaso. Os melhores lugares são árvores bem grandes, ou paredes. Não deixe que o vento, a chuva ou... os gatos cheguem perto da entrada do vaso. E não escolha um lugar com movimento onde passe gente o dia inteiro. Seu "hóspede" vai querer muito sossego!

Ponha um prego no lugar escolhido e pendure o seu vaso.

Se os passarinhos demorarem a aparecer, experimente colocar comida e água por perto: migalhas de pão, pedacinhos de fruta, nozes ou alpiste. E não esqueça da água.



TICO-TICO

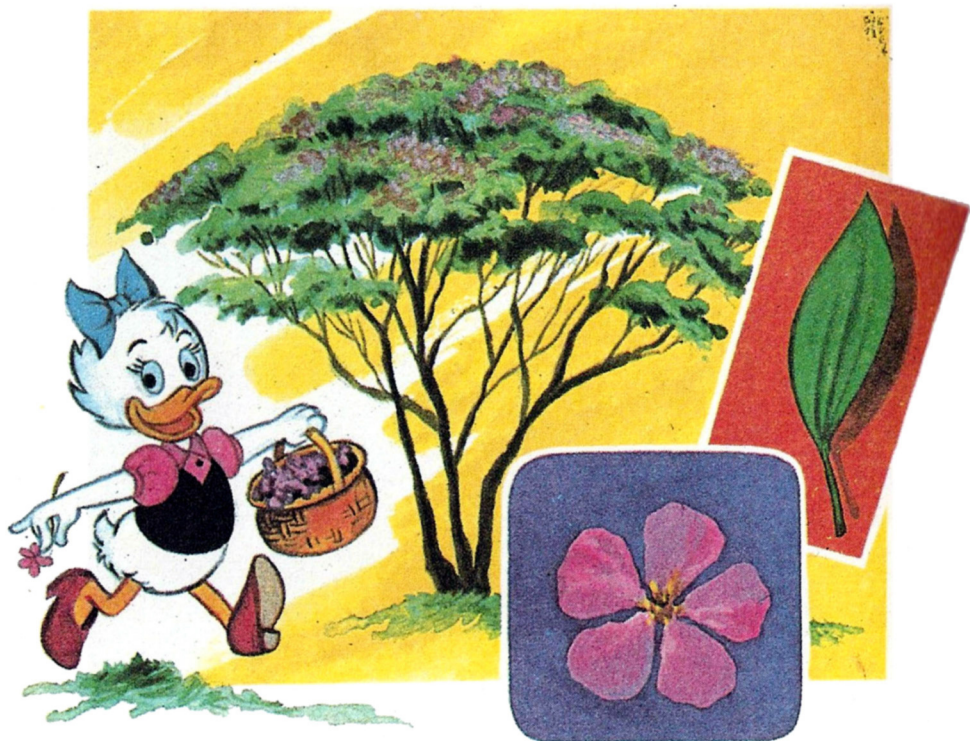
De longe é muito fácil confundir o tico-tico com o pardal. Entretanto são bem diferentes, tanto na aparência quanto nos hábitos.

O tico-tico possui uma pequena crista de penas na cabeça, o que torna fácil distingui-lo do pardal à primeira vista.

Alimenta-se principalmente de insetos. Por isso ele é considerado um animal muito útil.

Segundo a imaginação popular, quando o tico-tico canta, parece dizer com melancolia: "minha vida é assim, assim..."

Esse passarinho, nativo do nosso país, pode ser visto em quase toda a América do Sul, chegando até México.



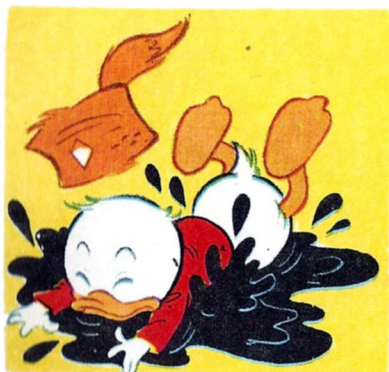
QUARESMEIRA

Ao chegar a época da quaresma, certas árvores começam a ficar carregadas de flores, que podem variar do roxo ao rosaclaro: são as quaresmeiras, ou cuipeúnas. Estas árvores, nativas do nosso país e muito comuns nas regiões serranas, estão sendo cada vez mais utilizadas na ornamentação das cidades. Podem alcançar até 10 metros de altura, proporcionando bastante som-

bra. As flores, que aparecem também na primavera, desabrocham bem claras, e vão escurecendo aos poucos. As folhas são longas e aveludadas, e sua cor pode variar do verde ao verde-avermelhado. A quaresmeira se multiplica por estacas, que são ramos lenhosos de uns 30 centímetros, com pequenos cortes oblíquos nas duas pontas. Esses ramos ficam plantados em areia úmida cerca de 1 mês até que brotem, quando são transplantados para um local definitivo.

TIRA-MANCHAS

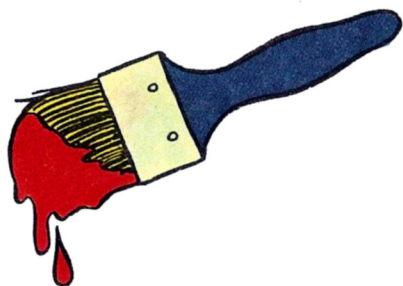
Podem ficar tranquilos, garotos! De agora em diante vocês não receberão mais "pitos" pelas manchas de sorvete ou de terra que "involuntariamente" acabam aparecendo em suas roupas. Ao contrário, poderão até dizer: "Chocolate e doces à vontade"... ou quase. É só verificar na tabela qual é o seu problema e a respectiva solução.



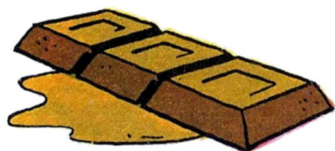
TINTA DE ESCRIVER: leite azedo, sumo de limão, água morna.



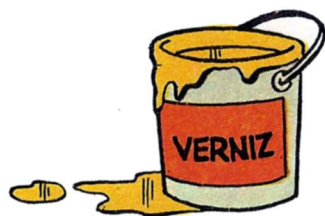
FERRUGEM: água morna ou sumo de limão.



TINTA A ÓLEO: primeiro procure tirar a tinta fora, raspando. Depois, aplique uma mistura de álcool com essência de terebintina (aguarrás). Aguarde dez minutos, depois passe benzol.



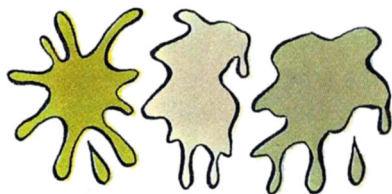
CHOCOLATE: água quente com sabão ou água oxigenada.



VERNIZ: essência de terebintina (aguarrás).



FRUTAS: água morna, leite azedo, sumo de limão ou vinagre branco.



MANCHAS DIVERSAS: faça uma mistura de amoníaco, éter, vinagre, benzina e aguarrás.



GORDURA: o local manchado deve ser colocado entre dois mata-borrões. Isto feito, passa com ferro quente. Depois é só passar benzina, amoníaco ou talco.



CANETA ESFEROGRÁFICA: álcool a 90 graus.



CAFÉ: água morna, glicerina ou água oxigenada.

SANGUE: água morna com sabão, água oxigenada, água fria ou sal de cozinha.

HORA DO LANCHE



DE ÁGUA DOCE OU ÁGUA SALGADA?

— **C**omi como um rei! — disse Tio Patinhas fitando o esqueleto do peixe que a Vovó tinha preparado — Esse era um peixe de rio ou de mar?

— A maneira mais segura de saber é verificar de que forma o peixe respira! — explicou Ludovico — Tanto os peixes de água doce quanto os de água salgada respiram

pelas brânquias, ou guelras, localizadas dos dois lados da cabeça. Mas os peixes de água salgada absorvem a água pela boca e eliminam o sal pelas brânquias, enquanto os peixes de água doce absorvem a água diretamente pelas brânquias!

— Tem uma forma mais fácil — brincou Donald — É só perguntar ao peixe!



FILÉS DE PEIXE AO CREME DE PARMESÃO

Você vai precisar de:

- 1 kg de filé de peixe
- 1 xícara de creme de leite
- 2 colheres (de chá) de suco de limão
- 1/4 de xícara de manteiga amolecida
- 1/2 xícara de queijo parmesão ralado
- 1/2 colher (de chá) de sal
- 1/4 de colher (de chá) de pimenta



Modo de fazer:

1 — Coloque os filés de peixe dentro de uma fôrma refratária bem untada.

2 — Misture o creme de leite, o suco de limão, a manteiga, o

queijo, o sal e a pimenta. Espalhe esses ingredientes sobre os filés.

3 — Asse em forno brando até que esteja dourado (demora aproximadamente 30 minutos.)

SARDINHAS REAIS

Você vai precisar de:

- 1 kg de sardinhas frescas, limpas
- sal e pimenta
- 2 colheres (de sopa) de óleo
- casca de um limão, cortada em tiras
- 5 folhas de louro
- 6 cravos inteiros
- 1 xícara de vinagre
- 2 xícaras de água

Modo de fazer:

1 — Lave bem as sardinhas e depois esfregue-as por dentro e por fora com sal e pimenta.

2 — Pincele as sardinhas com

óleo, coloque numa assadeira e leve ao forno (pré-aquecido) por 5 minutos.

3 — Em seguida, coloque as sardinhas numa fôrma de vidro, e camadas de casca de limão, louro e cravo.

4 — Aqueça o vinagre e a água, junte 1/2 colher (de chá) de sal e deixe levantar fervura.

5 — Cubra as sardinhas com o molho de vinagre depois que ele esfriar.

6 — Embrulhe toda a vasilha em papel alumínio e leve à geladeira por 2 ou 3 dias.

7 — Você poderá servir as sardinhas com salada de batata, no pão ou cobertas com creme de leite.

O MISTÉRIO DO MACARRÃO CHINÊS

O misterioso agente secreto 00Zero estava de volta de uma missão na China e foi visitar a Vovó quando toda a turma estava lá.

— Em homenagem à sua visita — declarou a Vovó — vou preparar meus famosos “bolinhos misteriosos”, acompanhados por macarrão tipicamente italiano!

— Tipicamente chinês, a senhora quer dizer! — corrigiu 00Zero — Todo mundo pensa que o macarrão foi inventado pelos italianos porque foram os italianos que trouxeram o macarrão para

o Brasil! Mas, na verdade, foram os chineses que o inventaram há séculos. A Itália só começou a comer macarrão no século XIII, quando o mercador italiano Marco Polo o trouxe da China, junto com o uso do carvão, da pólvora e outras invenções chinesas!

— Continue investigando, 00Zero! — sugeriu Donald — Quem sabe você descobre que os palitinhos chineses são uma invenção italiana, deixada por Marco Polo quando ele foi lá buscar o macarrão?



BOLINHOS BÁRBAROS

Você vai precisar de:

- 1/2 kg de carne moída
- 1 xícara de migalhas de pão
- 1/2 xícara de castanha de caju picada (já vem pronta)
- 1/4 de xícara de "catchup" picante
- 1/2 colher (de chá) de sal
- 1/2 xícara de leite

Modo de fazer:

- 1 — Misture levemente todos os ingredientes.
- 2 — Coloque um pouco da mistura em forminhas indivi-

duais de vidro, aperte bem e desenforme sobre uma assadeira untada. Asse em forno moderado por 30 minutos ou até que estejam bem dourados.



BOLINHOS MISTERIOSOS

Você vai precisar de:

- 1/2 kg de carne moída
- 1 ovo
- 2 colheres (de sopa) de farinha de trigo
- 1/2 colher (de chá) de sal
- 1 pitada de pimenta
- 1/2 xícara de óleo
- 1 1/2 colher (de chá) de sal
- 1 xícara de caldo de galinha (preparado com 1 xícara de água para 1/4 de um tablete)
- 1 rodela de abacaxi em calda, cortada em 8 pedaços
- 2 colheres (de chá) de maisena
- 2 colheres (de chá) de molho de soja
- 1/2 xícara de vinagre
- 1/2 xícara de açúcar

Modo de fazer:

- 1 — Misture o ovo, a farinha, o sal, a pimenta e a carne. Forme bolinhos.
- 2 — Aqueça o óleo e o sal e frite os bolinhos até que dorem. Coloque numa travessa.
- 3 — Deixe na frigideira uma colher de sopa de óleo, retirando o restante.
- 4 — A este óleo junte 1/3 de xícara de caldo de galinha e o abacaxi. Aqueça bem.
- 5 — Misture a maisena, o molho de soja, o vinagre e o açúcar. Acrescente 1/2 xícara de caldo de galinha. Misture bem e junte à frigideira.
- 6 — Cozinhe, mexendo sempre até engrossar. Despeje sobre as bolinhas de carne.

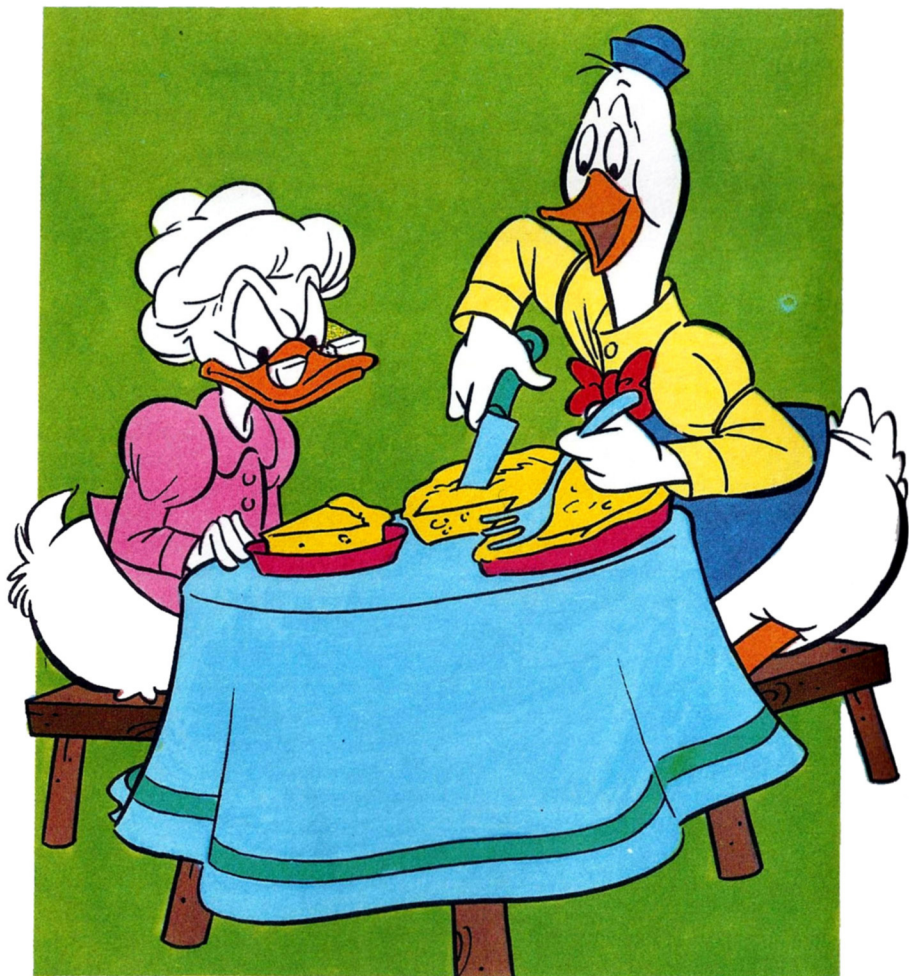
A TORTA MAIS FAMOSA DO MUNDO

Se há uma coisa que todo mundo adora em Patópolis é a torta de maçã da Vovó Donald. Em todo concurso, ela aparece com uma torta nova. E sempre ganha o prêmio!

Por isso, a receita de torta de maçã era a mais esperada

daquele dia. Mas a ativa Vovó não fez uma receita. Fez logo duas! Cada uma mais gostosa do que a outra. E ambas muito fáceis: qualquer um pode fazer essas tortas!

Experimente. Você vai adorar as tortas da Vovó!



TORTA DE MAÇÃ EM CAMADAS

Você vai precisar de:

- 4 maçãs picadas (descascadas)
- 100 g de passas, sem caroço de preferência (equivale a um pacotinho)
- canela em pó
- 2 xícaras de farinha de trigo
- 1 1/2 xícara de açúcar
- 1 colher (de sopa) de fermento
- 125 g de manteiga derretida
- 3 ovos

Modo de fazer:

1 — Unte uma fôrma com manteiga e coloque as maçãs. Por cima das maçãs espalhe as



passas e uma fina camada de canela em pó.

2 — Junte a farinha, o açúcar e o fermento, e peneire 3 vezes. Depois coloque essa mistura sobre a primeira camada, formando uma segunda.

3 — Cubra com a manteiga derretida, despeje os 3 ovos batidos com uma colher de açúcar e leve ao forno para assar.

TORTA DE MAÇÃ EM FATIAS

Você vai precisar de:

- 1/2 kg de maçã descascada em pedaços
- 1 colher (de sopa) de suco de limão
- 1/2 xícara de farinha de trigo
- 1/2 xícara de açúcar mascavo
- 1 pitada de sal
- 1 colherinha de canela em pó
- 1 colher (de sopa) de manteiga ou margarina

Modo de fazer:

1 — Arrume as maçãs, cortadas em fatias, no fundo de uma fôr-

ma que possa ir ao forno e depois à mesa.

2 — Reserve 6 fatias para enfeitar o prato.

3 — Espalhe o suco de 1 limão por cima das maçãs que já estão na fôrma.

4 — Misture bem a farinha de trigo, o açúcar mascavo, o sal, a canela em pó e a manteiga ou margarina até que forme uma massa esfarinhada.

5 — Espalhe essa massa sobre as maçãs.

6 — Enfeite com as 6 fatias de maçã restantes, fazendo uma estrela no centro da fôrma.

7 — Asse em forno moderado durante 1/2 hora, para que fique tostado por cima.

PUDIM, UMA INVENÇÃO BRASILEIRA?

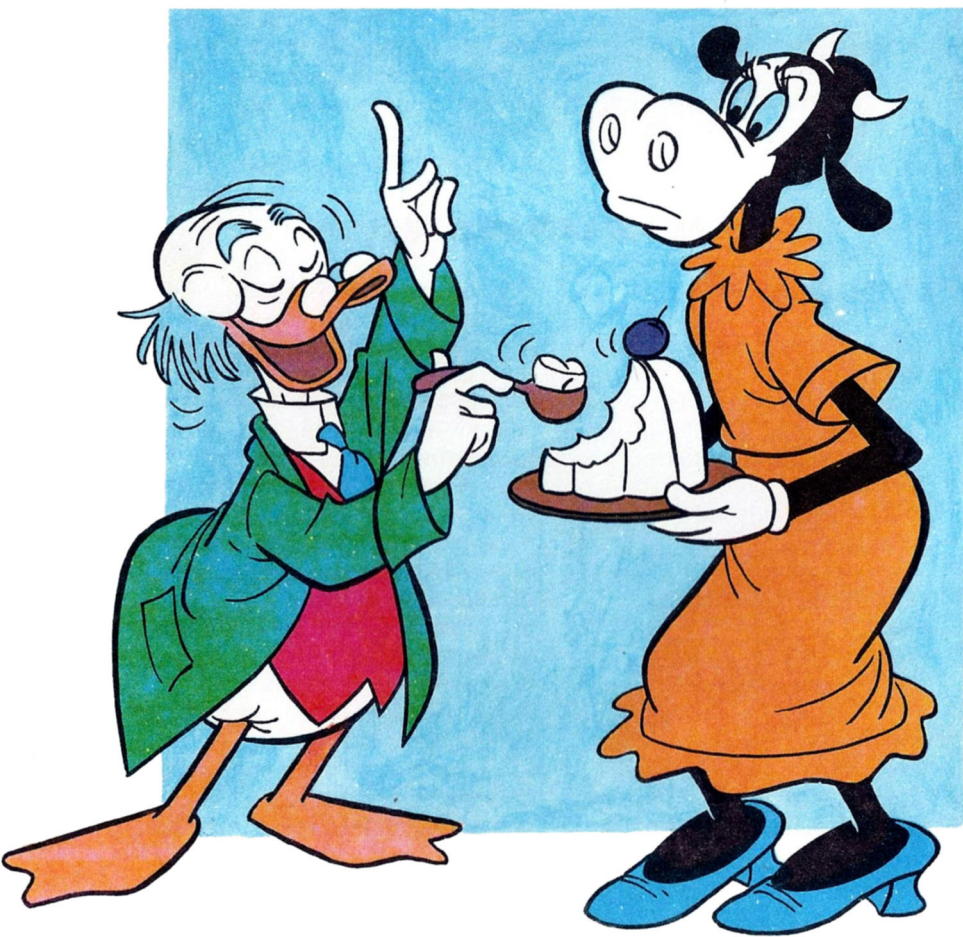
No aniversário da Clara-bela, a festa foi feita toda na base do pudim, sua sobremesa preferida. Havia de tudo: Manjar do Céu, Pudim de Banana, Pudim de Maçã, Pudim de Iaiá, Quero Mais, Come e Cala, Tutano Celeste, Pudim dos Desman-dos e Busca Marido.

— No Brasil, há muitos nomes para pudim! — explicou Ludovico enquanto raspava um resto de calda de

açúcar da panela com uma colherinha — Conforme os ingredientes e a região do País, os pudins...

— Uééé... — estranhou Patinhas — E eu que sempre pensei que o pudim brasileiro viesse do famoso *pudding* inglês!

— O nome certamente vem do inglês! — continuou Ludovico — Mas o *pudding* é um bolo mais sólido enquanto o pudim brasileiro é



do tipo "treme-treme" como a gelatina!

— Quer dizer então que este pudim é uma invenção brasileira? — perguntou Clarabela, servindo-se de uma generosa fatia de manjar branco com ameixas.

— Na verdade, o pudim é uma combinação entre o gosto português pelo açúcar e a papa de farinha de carimã que os indígenas comiam e chamavam **mingá-u**, isto é, "comida visguenta"!

Documentos brasileiros de 1587 já falam desse pudim e, no século seguinte, já há uma receita de pudim no livro "Arte de Cozinha", de Domingos Rodrigues, mes-



tre de cozinha de El Rei de Portugal. Em 1808, quando a família real portuguesa chegou ao Brasil, o pudim passou a ser a sobremesa oficial da corte.

— E então? — pavoneou-se Clarabela — Agora ninguém vai poder negar que eu sou uma garota de muito bom gosto, não é?

MANJAR BRANCO COM AMEIXAS PRETAS

Você vai precisar de:

- 2 xícaras de leite de coco
- 2 xícaras de leite de vaca
- 8 colheres (de sopa) de açúcar
- 8 colheres (de sopa) de maisena
- 2 colheres (de sopa) de manteiga
- 1 lata de ameixa preta em calda

Modo de fazer:

- 1 Misture o açúcar e a maisena. Misture o leite de vaca e o leite de coco.
- 2 Coloque a maisena e o açúcar em uma panela. Junte

um pouco da mistura de leite e mexa com uma colher de pau até obter uma pasta.

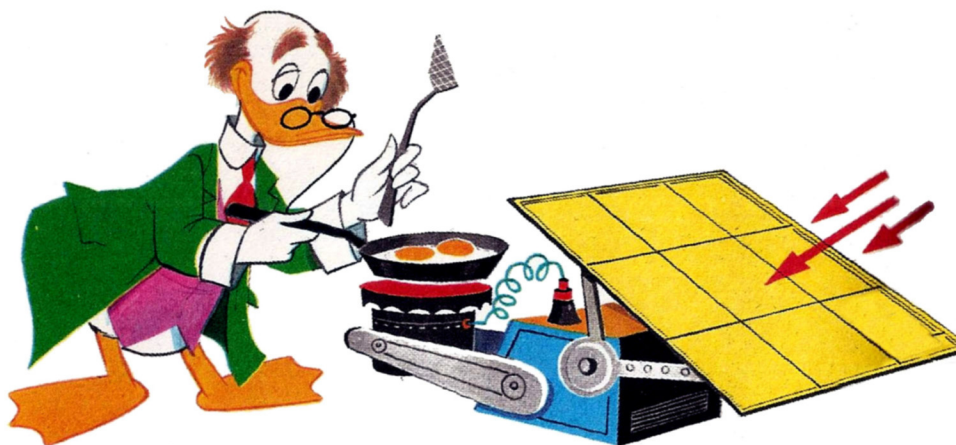
3 — Aqueça a mistura de leite restante e quando estiver quente junte aos pouquinhos à mistura de maisena mexendo muito bem para não empelotar.

4 — Cozinhe em fogo baixo, até que fique grosso e bem liso.

5 — Retire do fogo e deixe esfriar. Quando estiver frio, junte a manteiga já tirada da geladeira (uma hora antes) e bata bem com uma colher de pau.

6 — Coloque numa forma de pudim. Arrume bem e leve à geladeira por 1 hora. Desenforme sobre um prato e coloque as ameixas em calda em volta.

O FOGÃO DO LUDOVICO



De todos que se candidaram a cozinhar no sítio da Vovó era difícil apontar o melhor, tantas as embrulhadas em que todos haviam se metido. Faltava apenas o Ludovico.

Ao contrário de todos os outros, ele não se fechou na cozinha — ele se trancou no celeiro.

Horas depois, a porta se abriu e o sábio pediu que todos entrassem. Dentro do celeiro, apontada para a janela, havia uma máquina cheia de enormes lentes e espelhos gigantescos.

De dentro do bolso, Ludovico tirou três ovos:

— Aqui está o meu almoço: ovos fritos!

— Ovos fritos? Que almoço sem graça!

— O segredo não está no almoço! disse o sábio —

Está no fogão! Vejam: este é o primeiro fogão solar do mundo! Em menos de um segundo, nosso amigo sol vai fritar estes ovinhos para a gente!

Foi um sucesso! Os ovos ficaram fritos no mesmo instante em que tocaram a frigideira. Ludovico estava contentíssimo e não parava de falar na revolução energética que sua invenção certamente provocaria, quando alguém gritou:

— Cuidado! Está pegando fogo no chão! Desligue o fogão, Ludovico!

— Que horror! — gritou o sábio — Esqueci de inventar o desligômetro!

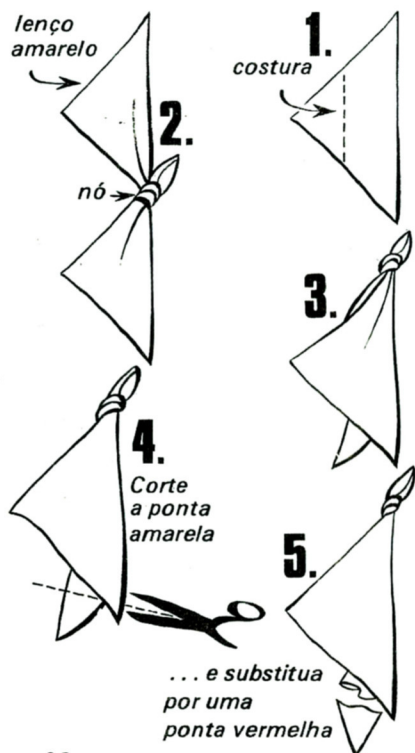
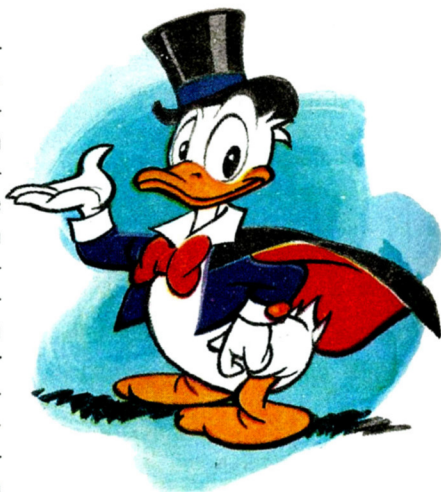
Se não fosse uma nuvenzinha providencial que, naquela hora, encobriu o sol, o sítio da Vovó teria virado cinzas!

MÁGICAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



A DANÇA DOS QUADRADOS

Todo espetáculo de mágica, digno desse nome, tem que ter uma apoteose final. Pegue, recortados dum tecido muito fino, três quadrados de 15 a 20 cm de lado: dois vermelhos e um amarelo. Dobre um dos quadrados vermelhos em diagonal e dê pontos largos com uma linha da mesma cor (não muito perto das bordas). Sem perder a flexibilidade, este quadrado, tornado triângulo, apresenta



agora uma espécie de bolso sem fundo. Dê um nó na ponta superior do quadrado amarelo, também dobrado em diagonal, mas sem estar costurado, com a ponta inferior do quadrado vermelho "trucado". Faça subir o quadrado amarelo, com a ponta livre pra frente, pelo interior do bolso, de modo que a sua ponta ultrapasse a do quadrado vermelho, em quase 3 cm. Corte esta ponta amarela que ultrapassa e costure, em seu lugar, uma ponta vermelha do mesmo tamanho. Aperte bem uma contra a outra. No momento certo, você apresenta a seus amigos, com uma mão, este triângulo que está preso pelo nó e, com a outra mão, um outro quadrado verme-

lho também dobrado em diagonal e preso pelo nó. Prenda-os delicadamente, pelas suas pontas, dando um nó. Mas, cuidado: cada pessoa deverá acreditar que você prendeu as duas pontas vermelhas juntas, quando, na realidade, uma delas é a do quadrado amarelo "trucado" e colocado no bolso vermelho. Mostre — sem agitar muito — os dois triângulos presos um no outro e deixe-os cair num copo colocado sobre a mesa, o **triângulo vermelho "trucado"**

entrando em primeiro lugar no copo. Assim, após fazer passes mágicos, você puxa firmemente a ponta do primeiro pedaço de tecido (a mão esquerda segurando o copo), e estende diante dos seus amigos **três** triângulos, presos um ao outro: um vermelho, um amarelo e um outro vermelho. É necessário que o seu golpe de mão seja bem firme para que, logo após o vermelho, o triângulo amarelo saia do seu esconderijo puxando atrás de si o segundo triângulo vermelho.



AS PENALIDADES DOS ESCOTEIROS- MIRINS

Se quisermos que um jogo seja mesmo divertido e que todos participem dele com prazer, devemos escolher bem a penalidade. Ela não deve ser uma punição desagradável, e sim uma tarefa que exija certo esforço. Ao mesmo tempo, deve ser divertida tanto para quem a executa como para quem a assiste. Por exemplo: tocar a campainha do vizinho é uma idéia de mau gosto. Mas, ter de pôr um avental e ir lavar um prato na cozinha pode ser uma penalidade divertida. Vamos dar mais alguns exemplos de tipos de "multas" que o jogador (que errou ou perdeu) terá de pagar. Lembre-se: quanto mais gozada, melhor.



● Imitar um papagaio dizendo qualquer frase que possa ser entendida

● Andar de quatro imitando um cavalo (penalidade reservada aos meninos) e, se possível, com uma menina nas suas costas. O "cavalo" deve passar na frente dos jogadores que aplaudem, enquanto o "cavalo" relincha e a sua cavaleira (ou cavaleiro) cumprimenta o público.

● Fazer o contrário de tudo que for ordenado. Se um jogador (escolhido antes para dar ordens) disser "MARCHE!", o outro deve ficar parado. Se disser "FIQUE DE PÉ!", o outro deverá sentar-se. Se for dada a ordem de virar à direita, deve-se virar à esquerda, e assim por diante, até que cinco ordens desse tipo sejam executadas sem erro.

● Fazer de conta que dança com uma dama ou cavaleiro imaginário: fazendo o convite e indo dançar, enquanto cantarola algum ritmo.

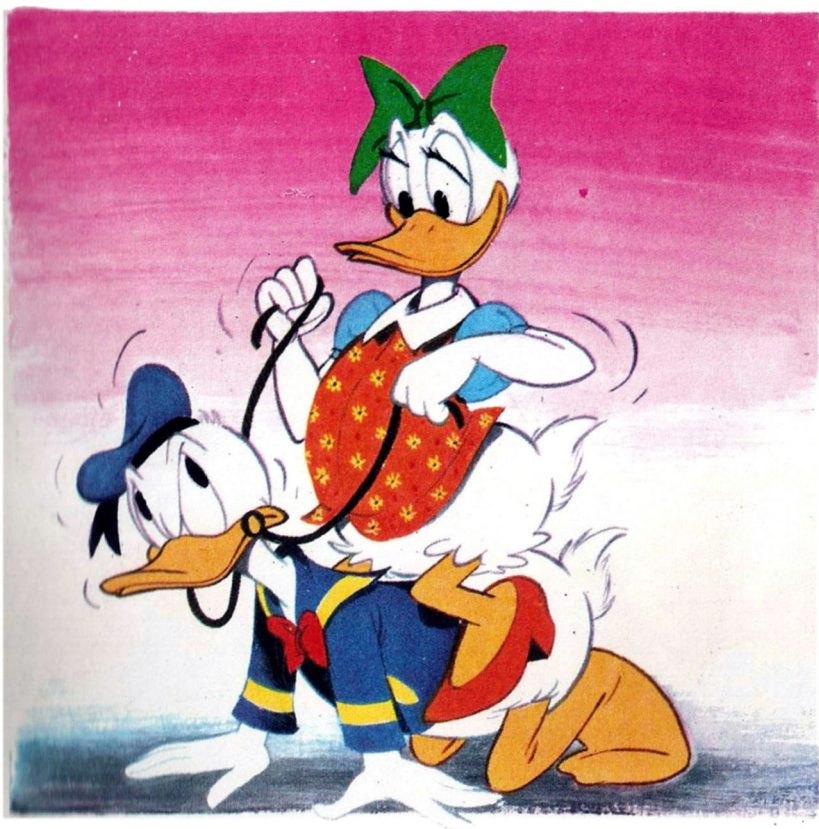
● Equilibrar uma régua no dedo, na vertical, enquanto, com a outra mão, bebe um copo de água.

● Se for um rapaz, fazer de conta que está tricotando e, se for menina, fazer de conta que está travando uma luta de boxe até ser nocauteada.

● Bancar o saci-pererê andando num pé só — sem tro-

car de pé — enquanto faz de conta que toca violino ou algo assim.

Você pode inventar uma série de penalidades tão ou mais divertidas que essas que demos como exemplo. É só usar um pouquinho a imaginação e trocar idéias com os amigos, que você vai ver quanta penalidade gozada dá para se fazer com os participantes perdedores. Mas, lembre-se: nada de jogo bruto!



FAÇA SUA MÁGICA O CASACO ENCANTADO

E sta mágica, que requer um pouco de treino mas não é difícil de fazer, é a do "casaco encantado". Para começar, você dirá ao público que vai vestir um casaco "encantado" e depois tirá-lo na frente de todos... com as mãos amarradas nas costas!

O público fará cara de descrença, na certa, mas você, todo confiante, vestirá o

casaco e pedirá a um dos espectadores que amarre a ponta de um cordão num dos seus pulsos, à vista de todos (quanto mais liso o cordão, melhor). Isto feito, você colocará as duas mãos para trás e fará a pessoa amarrar a outra ponta do cordão no seu outro pulso. Ficará um pequeno comprimento entre os dois pulsos (figura 1).

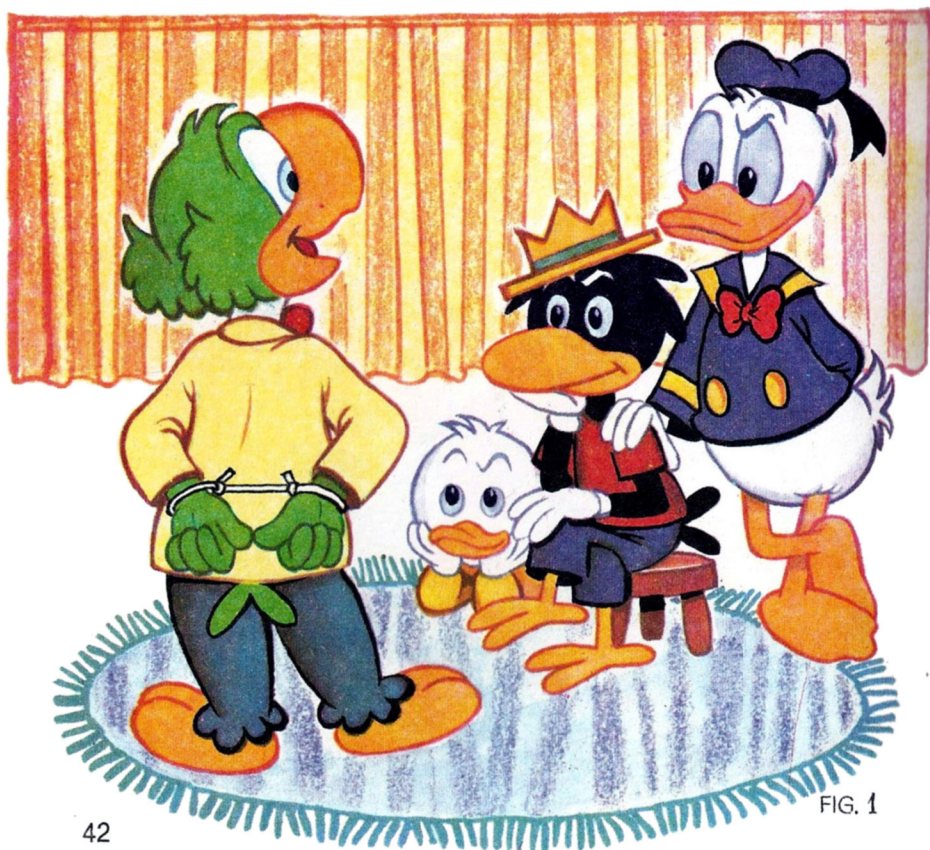


FIG. 1

Em seguida, você anunciará a todos que vai tirar completamente o casaco, conforme prometeu, com as mãos atadas. Pedirá, então, para o ajudante puxar o casaco dos seus ombros, deixando-o caído sobre os bra-

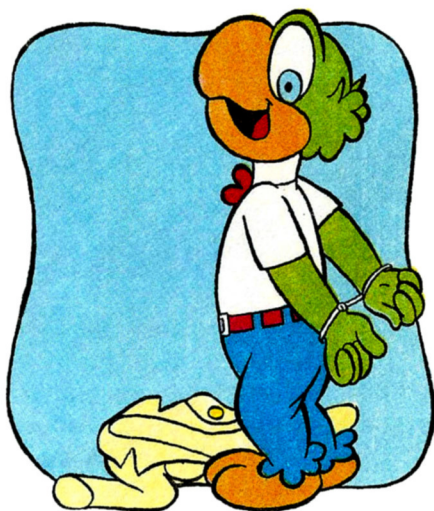
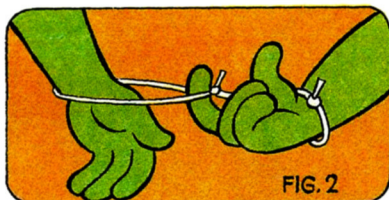
ços, quando o casaco estiver caído sobre os seus braços, encobrindo os pulsos amarrados, você enfiará um dedo (da mão que foi atada em primeiro lugar) no nó do segundo pulso. Dando um puxão, o laço desse nó se alargará, e você poderá soltar o pulso (figura 2).



ços. A seguir, você tirará o casaco, sem ajuda de ninguém, fazendo-o cair ao assinalho, atrás de você. A assistência, que estava descrente, certamente abrirá a boca de admiração e não poupará aplausos.

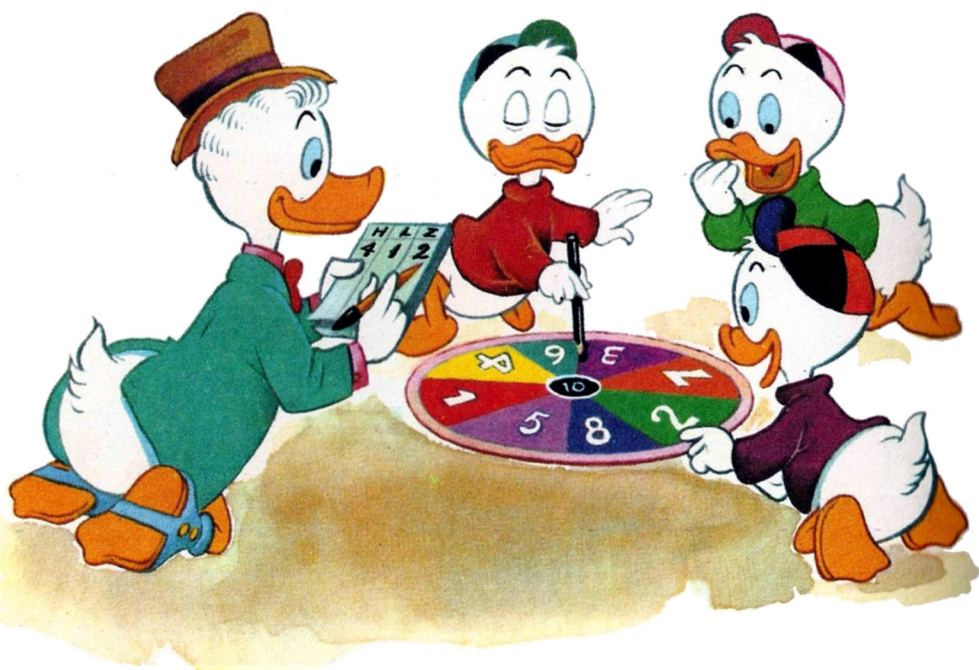
O TRUQUE

É assim: no momento em que a pessoa estiver amarrando o seu segundo pulso, você deve procurar afastar ao máximo um pulso do outro, deixando o cordão bem esticado (todo o segredo está aí). É que a pessoa estará, assim, dando um nó **corrediço**, e não um nó firme. Ou seja, ela própria estará colaborando com o seu truque, sem o saber. De-



Aí, com as mãos livres, fará o casaco cair, sem que a assistência perceba que você soltou uma das mãos. Logo em seguida, você enfiará a mão livre no laço que tinha alargado antes, prendendo-a novamente, e voltará as costas para o público, a fim de que todos vejam que você ainda está com os pulsos unidos pelo cordão.

JOGUINHO DO GASTÃO O JOGO DA RODA



Eis um jogo fácil de fazer e bastante divertido. Você só precisa de duas coisas: lápis e papel. Desenhe um círculo de 15 centímetros numa folha branca de papel. Em seguida, divida o círculo em oito partes iguais. No centro do círculo, trace um círculo menor. Numere as partes nesta ordem: 1, 4, 6, 3, 7, 2, 8 e 5. No círculo menor escreva o número 10. A folha é colocada então sobre a mesa ou no chão. Tire-se "par ou ímpar" para ver quem será o primeiro a jogar. O primeiro jogador se-

gura o lápis um palmo acima do papel, fecha os olhos e gira o lápis no ar. Sempre de olhos fechados, o jogador baixa a ponta do lápis sobre o papel. Se o lápis tocar na casa do número 4, ele ganha 4 pontos. Se acertar no círculo do centro, ganha 10 pontos. Cada participante escreve suas iniciais na casa em que acertou. Depois que todas as casas tiverem sido tocadas, ganha quem fez mais pontos. Se houver muitas crianças, você poderá fazer um círculo maior, com dezesseis ou 32 casas.

INVENTOS & INVENTORES





DA RODA À CARRUAGEM

A Diretoria do Clube Feminino de Patópolis passou a semana inteira sem tirar o nariz para fora da biblioteca, revirando livros e mais livros. Qual diretoria? Ora, Minie, Margarida e Clarabela!

— Aquele Donald vai ver uma coisa! — resmungava Margarida.

— E o Mickey vai engolir aquele convencimento! — falava Minie.

— Imagine, dizer que só os homens entendem

de carro! Logo o Pateta, que não entende de coisa alguma! — completava Clarabela.

Era um desafio e as meninas estavam se saindo muito bem. Na verdade, a gozação dos rapazes tinha alguma razão de ser. Elas não entendiam muito de automóveis. Mas pesquisaram muito e, agora, nem mesmo o Mickey entendia tanto sobre o assunto.

Elas agora já sabiam

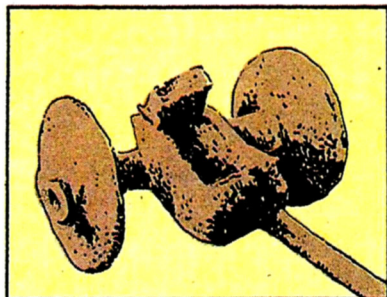
toda a história do automóvel, desde o princípio, e tudo começou com a roda, a maior de todas as invenções. Ninguém sabe bem quando, mas o certo é que o primeiro da linhagem do professor Pardal, um belo dia, cortou duas fatias de um tronco de árvore, assim como quem corta um rocambole, e pronto! Estava inventada a roda.



Depois, foi só fazer um furo no meio de cada roda, encaixar essas rodas nas pontas de um tronco fino, colocar uma prancha em cima do tronco e sair rolando por aí. Provavelmente, esse nosso genial inventor não teve tempo

de inventar o breque e, na certa, esborrachou o nariz na primeira vez que resolveu descer uma ladeira. Mas isso as garotas não encontraram nos livros.

O que Minie encontrou



Carro de argila cozida

foi a notícia de um carro feito em Susa, na Pérsia, com argila cozida, lá pelo ano 4000 a.C., que alguém achou, todo estragado, em 1850. Nesse tempo, e bem antes até, os homens já tinham domesticado alguns animais, que atrelavam aos carros para facilitar o serviço.

Os egípcios, que entendiam muito de pirâmides e já eram civilizados, mas que de carros não entendiam nada, só conheceram a roda por volta de 2300 a.C. Isto aconteceu quando foram dominados pelos hicsos, um povo de pastores nômades. O carro dos hicsos tinha

uma caixa de madeira, onde cabiam duas pessoas, e era puxado por dois cavalos.

Usavam o carrinho nas guerras, mas só gente importante viajava neles. O resto brigava a cavalo ou a pé mesmo.

Na Roma antiga, os carros já eram maiores, puxados por dois, três, quatro ou mais pares de cavalos. Essas **Bigas**, **Trigas** e **Quadrigas** tinham a parte da frente móvel, para facilitar as manobras na hora de virar a esquina.

Mas a falta de boas estradas não deixou os car-



Carro Romano

ros melhorarem muito, depois disso. Só no século XIII é que apareceram novamente os carros como condução dos senhores feudais. Mas a caixa de passageiros ainda se apoiava sobre as rodas e só viajava sem se queixar

quem gostasse de ser bem chacoalhado. Nessa época, a coisa só melhorou para o lado do cavalo, pois inventaram a ferradura. Resultado: os cavalos se machucavam menos e podiam correr mais.

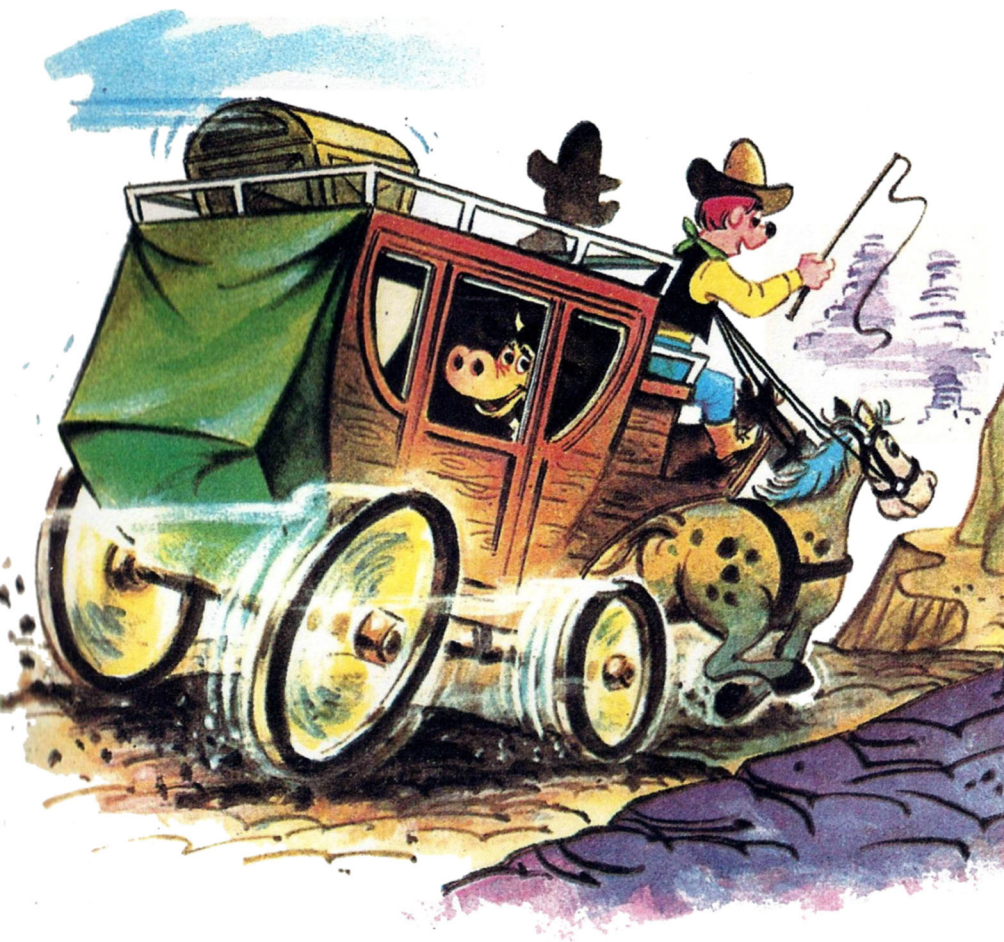
Por volta de 1450, Ladislau V, rei da Hungria, ofereceu à esposa de Carlos VII da França, Maria d'Anjou, um carro em que a caixa ficava suspensa por cadeias e correias de couro e, por isso, balançava menos. Aí então, o carro passou a se chamar

carruagem.

Em 1534, em Ferrara, na Itália, surgiu a primeira fábrica de carruagens e logo a novidade tomou conta da Europa. As estradas melhoraram e as carruagens foram usadas até para serviços públicos.

No século passado, a moda foi a diligência, carruagem mais veloz e se-

gura, com freios nas rodas, usada para o transporte de pessoas em viagens longas. Puxadas por duas ou mais parejas de cavalos, as diligências fizeram tanto sucesso que, no começo do século XX, ainda eram usadas para atingir lugares onde nem o trem nem o automóvel podiam chegar!



PARA QUEM FAZ A BARBA

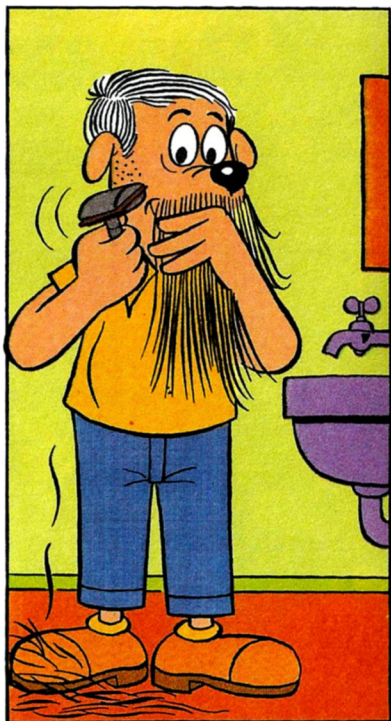
Muitas vezes o inventor fica tão famoso que o seu nome vira sinônimo do próprio invento. É o caso do dirigível construído pelo conde Zeppelin, que ficou conhecido como zepelin, simplesmente. É o caso da gilete, que também ficou conhecida com o nome de seu inventor: King Camp Gillette.

Gillette era um vendedor norte-americano. Tinha quarenta anos quando ouviu um conselho do seu chefe:

— Por que você não vende uma coisa que o freguês use e depois jogue fora? Assim ele voltará para pedir mais.

Um dia, em 1895, Gillette estava fazendo a barba diante do espelho. Reparou então que só uma parte da navalha era realmente necessária: a ponta da lâmina. Aí ele pensou: "Por que temos de usar uma baita navalha desta, se apenas usamos o seu gume? Por que não fabricar uma pequena lâmina de aço para se usar e depois jogar fora?"

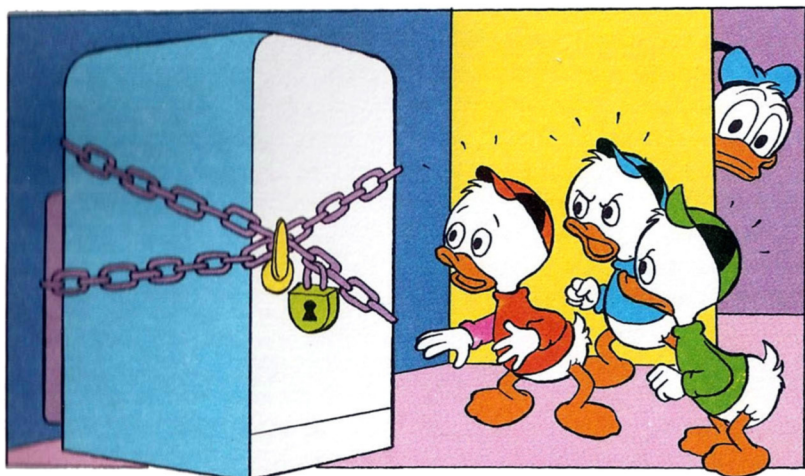
Gillette pôs-se a agir. Os peritos achavam impossível fazer uma lâmina pequena, de bom corte e tão



barata que pudesse ser jogada fora depois de usada. Somente em 1901 é que todos os problemas técnicos foram superados e surgia a American Safety Razor Company com a gilete que hoje todos conhecem.

Mais tarde, a barba conheceria outro eficiente "adversário", o barbeador elétrico. Seu criador foi um oficial reformado do exército americano, o tenente-coronel Jacob Shick, que o patenteou em 1928.

A FABRIQUINHA DE GELO



A invenção da geladeira veio resolver uma velha necessidade humana: a preservação dos alimentos. Até 1860 não se sabia porque a comida se estragava depois de certo tempo. Nesse ano, o cientista francês Luís Pasteur mostrou que a deterioração dos alimentos é devida à ação de microrganismos vivos e que essa ação é retardada por baixas temperaturas.

Na Antiguidade, os egípcios e indianos já produzem gelo artificial. Nas noites frias deixavam em buracos no solo vasos de barro poroso cheios de água. Ela virava gelo e era usada no dia seguinte.

Em 1834, Jacob Perkins, um engenheiro norte-ame-

ricano, registrou a patente de uma máquina de fazer gelo. Seus princípios são a base da geladeira moderna: em certas condições, se comprimimos um gás dentro dum recipiente, ele se torna líquido, vira gás e **absorve** calor. Um bom exemplo é o tubo de gás para isqueiro: o fabricante colocou gás tão comprimido lá dentro que o gás se tornou líquido. Basta agita-lo para verificar. Agora, se derrarmos um pouco de líquido na mão, ele vira gás e absorve o calor da mão, que por isso esfria. São essas transformações de um líquido para gás e a volta do gás para o estado líquido que esfriam o interior da geladeira, mantendo-o em baixa temperatura.



ENERGIA ATÔMICA

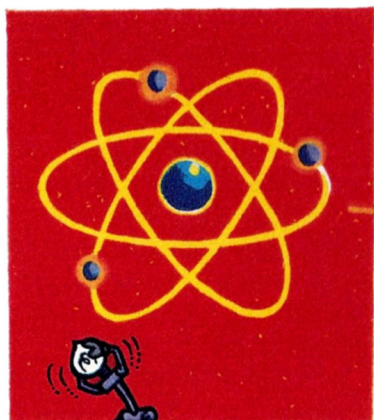
Você já mexeu num vespeiro? O vespeiro é aquele ninho de vespas que costuma aparecer nas árvores ou debaixo dos telhados. E fica quietinho, quietinho, como se não houvesse viva alma ali dentro. Mas é só você cutucar com uma vara e... perna pra que te quero! É um verdadeiro "estouro" de vespas pra todo lado, ameaçando todo mundo com suas ferroadas.

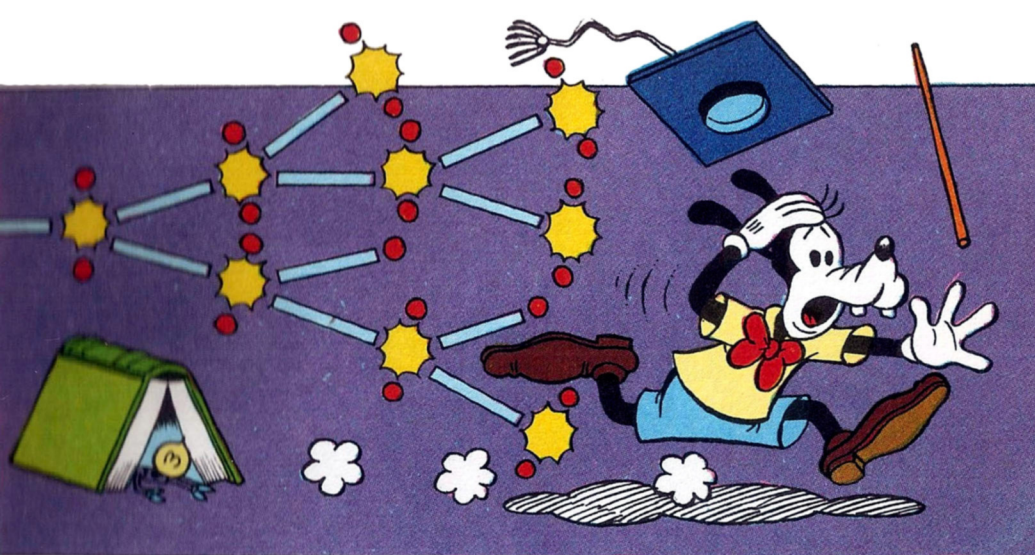
Pois o **átomo** é mais ou menos como o vespeiro. O átomo — que é a menor porção de um elemento químico — também está ali quietinho, quietinho, na estrutura das coisas. Mas, vá você mexer com ele! Aí ele estoura (mesmo) com uma violência maior

que a de qualquer outro explosivo. E assim temos... a **bomba atômica**.

A explosão atômica é provocada pela **energia nuclear**. Essa energia é obtida quando se libertam as forças que ligam as partículas que constituem o **núcleo** do átomo. Essa energia imensa é conseguida por meio de reações que **modificam** a estrutura do átomo. Daí o nome de **energia atômica**, também usado.

O uso dessa força poderosa surgiu com os estudos do físico alemão Albert Einstein sobre massa e energia, em 1905. O italiano Enrico Fermi, em 1934, prosseguiu nas pesquisas: bombardeou núcleos de urânio com nêutrons; o nú-





cleo do urânio dividiu-se em dois, provocando uma fissão (separação) e produzindo energia.

A primeira energia atômica produzida foi a da bomba que os Estados Unidos fizeram explodir no dia 16 de julho de 1945, no Novo México.

A produção de energia atômica é feita por intermédio de pilhas ou reatores atômicos. Em 1951, os Estados Unidos construíram seu primeiro reator. Depois veio o da União Soviética em 1954, o da Inglaterra em 1956 e o da França em 1957. Logo numerosos países tinham também reatores para a produção de energia atômica. Não é para menos: a energia atômica representa o combustível do fu-

turo, quando as jazidas de petróleo começarem a escaçar.

A utilização da energia atômica só não está ainda bastante desenvolvida porque um reator atômico precisa de um grande volume de proteção (blindagem) contra as radiações. Por isso, seu uso só é possível nas grandes usinas atômicas e nos meios de transporte de grandes proporções, como os navios.

O emprego da energia nuclear como combustível teve início com o submarino "Nautilus", dos Estados Unidos, e em uma pequena usina elétrica, na União Soviética, em 1954.

O primeiro navio comercial movido a energia atômica foi o mercante americano "Savannah".

O QUE É "ROYALTY"



Pardal tinha acabado de inventar o seu último invento: o DDF (Detector de Dinheiro Falso). Tio Patinhas logo quis usá-lo: assim teria certeza de que no meio dos seus quaquilhões não haveria nenhuma moedinha falsa!

— Está bem — disse o Pardal —, mas terá de me pagar o **royalty** por isso.

Tio Patinhas berrou, esperneou, mas não teve outro jeito: pagou o **royalty** pelo uso do DDF.

A palavra **royalty** se origina da Inglaterra. Por muitos séculos, as minas de ouro e prata pertenceram à coroa. Esses metais reais (**royal**, em inglês) só podiam ser extraídos mediante o pagamento feito ao so-

berano inglês. Esse pagamento chamava-se **royalty**.

Se você é dono de um invento, ou de uma mina, ou é autor de um livro ou de uma música, você possui os **direitos** sobre essas coisas. Ninguém pode usá-las sem sua autorização. No caso de alguém querer usar seu invento ou sua música, existe um jeito: é só lhe pedir autorização e pagar o **royalty** pelo direito de usá-los.

Pode-se pagar **royalty** pelos direitos mais diversos: musicais, artísticos, de invenções, exploração de petróleo, gás natural, e até sobre processos industriais, isto é, sobre um método exclusivo de produzir determinado artigo.



A PÓLVORA E A DINAMITE

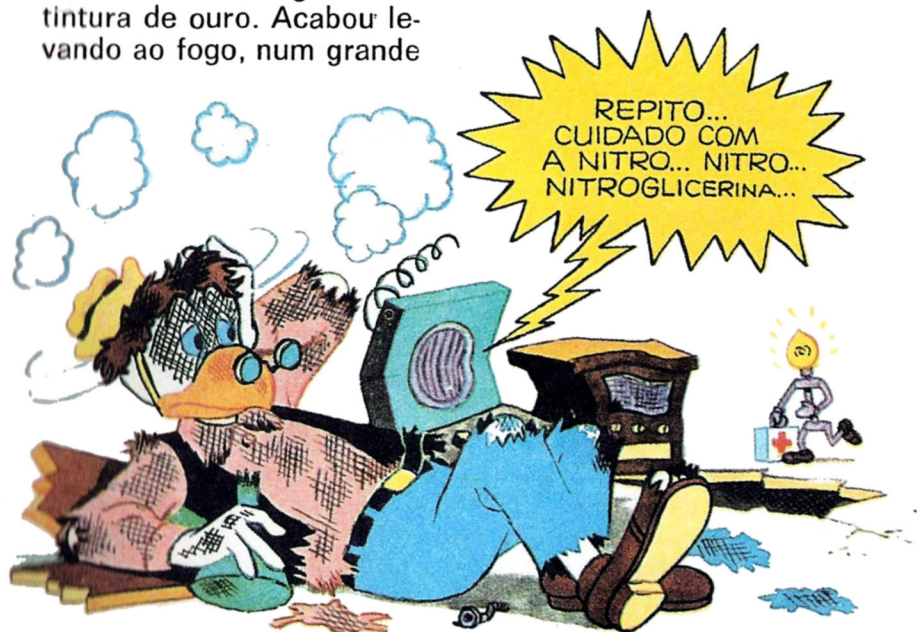


A origem da pólvora é cercada de mistério. A pista mais aproximada é uma carta de 1247, onde o sábio inglês Roger Bacon fala de uma substância capaz de produzir explosões barulhentas e brilhantes.

Uma lenda explica sua origem: um monge alemão, Bertold Schwarz, alquimista, tentava conseguir uma tintura de ouro. Acabou levando ao fogo, num grande

caldeirão, salitre, carvão e enxofre. Como esses três elementos juntos dão a pólvora, o resultado da sopa do alquimista foi uma bela explosão.

O que se sabe de mais certo é que na primeira metade do século XIV a pólvora chegou à Europa, trazida da China por Marco Polo.



Quem ouve falar no Prêmio Nobel da Paz dificilmente liga o nome de Al-

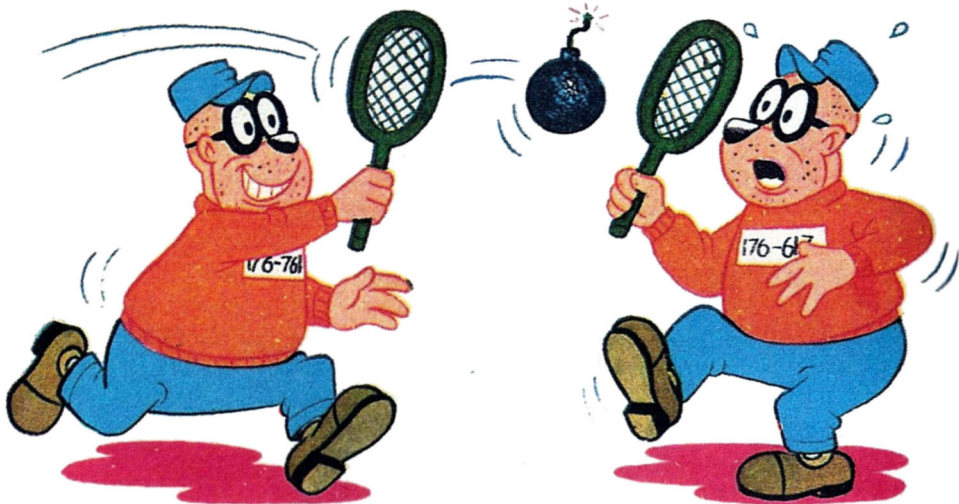
fred Nobel à dinamite. E foi esse amante da paz que inventou o explosivo.

Alfred era filho de um engenheiro militar sueco e estudou nos Estados Unidos. Ao retornar à Suécia já era um inventor de renome. Ele e o pai começaram então a pesquisar um líquido novo e perigoso, capaz de explodir com o simples aumento do calor ou à menor agitação. Era a **nitroglicerina**.

Em pouco tempo Alfred descobriu um meio eficaz de provocar a detonação da nitroglicerina, mas pagou caro pelas experiên-

cias: uma explosão mandou pelos ares todo o laboratório e várias pessoas morreram — entre elas um irmão de Alfred.

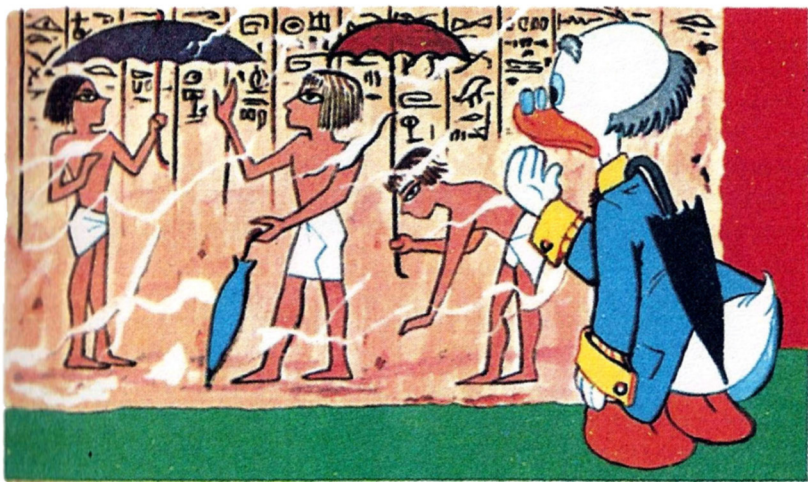
Os acidentes continuaram até que Nobel resolveu o problema adicionando substâncias absorventes à nitroglicerina. Agora ela poderia ser armazenada e transportada sem riscos: só explodiria mediante um detonador especial. Nobel batizou o novo produto de **dinamite** (do grego **dynamis** = força).



Alfred Nobel tornou-se rico e respeitado, mas era um homem triste: seus inventos não contribuíam — como ele esperava — para o fim das guerras. Por isso, deixou parte de sua fortuna para a criação do prêmio Nobel, dedicado

aos que mais se destacassem na Literatura, Física, Química, Medicina — em trabalhos destinados ao benefício da humanidade. E um prêmio especial, o da Paz, ao que mais contribuisse para a paz entre os homens.

O GUARDA-CHUVA



O professor Ludovico iniciou sua conferência no Clube dos Escoteiros-Mirins. Assunto: o guarda-chuva.

— O guarda-chuva serve, hoje em dia, para nos proteger da chuva, mas...

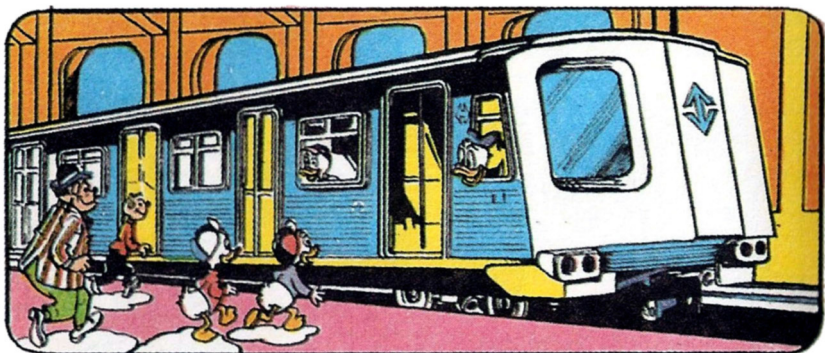
— Iac, iac, iac! — gargalhou o Pateta. — Isso até eu sei!

— ... mas na Antiguidade ele **não** era usado pra isso! — concluiu Ludovico, lançando um olhar furioso ao Pateta. — Era um símbolo cerimonial no Egito, China e Grécia. A data de sua origem é incerta, mas um vaso grego do ano 340 antes de Cristo já nos mostra um guarda-chuva. Mais tarde, nos países asiáticos, era usado como proteção contra os raios

do sol. No Sião (atual Tailândia), o guarda-chuva era símbolo de posição social. Os japoneses, por sua vez, difundiram o seu uso, com variados modelos e lindos desenhos.

No século XVIII ele foi introduzido na Europa pelo inglês Jonas Hanway, que demonstrou sua utilidade como proteção contra a chuva. Só então os homens passaram a usá-lo: antes era considerado um objeto feminino, por ser delicado. No início foi adotado o modelo chinês.

Os mais comuns eram feitos de alpaca (um tipo de lã) e os mais finos, de seda. Depois, foram substituídos pelos modernos tecidos impermeáveis. E estamos conversados!



O METRÔ

Metrô é abreviatura de **metropolitano**, o sistema de transporte das grandes cidades, ou **metrópoles**. O metrô utiliza trens que andam principalmente através de túneis subterrâneos, mas também percorrem trechos ao nível do solo e vias elevadas.

No século XIX o trem de ferro era o único meio rápido de transporte. Não existia ainda o automóvel, e três descobertas deram impulso ainda maior às ferrovias: a perfuratriz a vapor, inventada em 1835 (e que passou a ser movida a ar comprimido em 1861); a pá mecânica ou escavadora, também acionada a vapor, no início; e a dinamite, inventada em 1867.

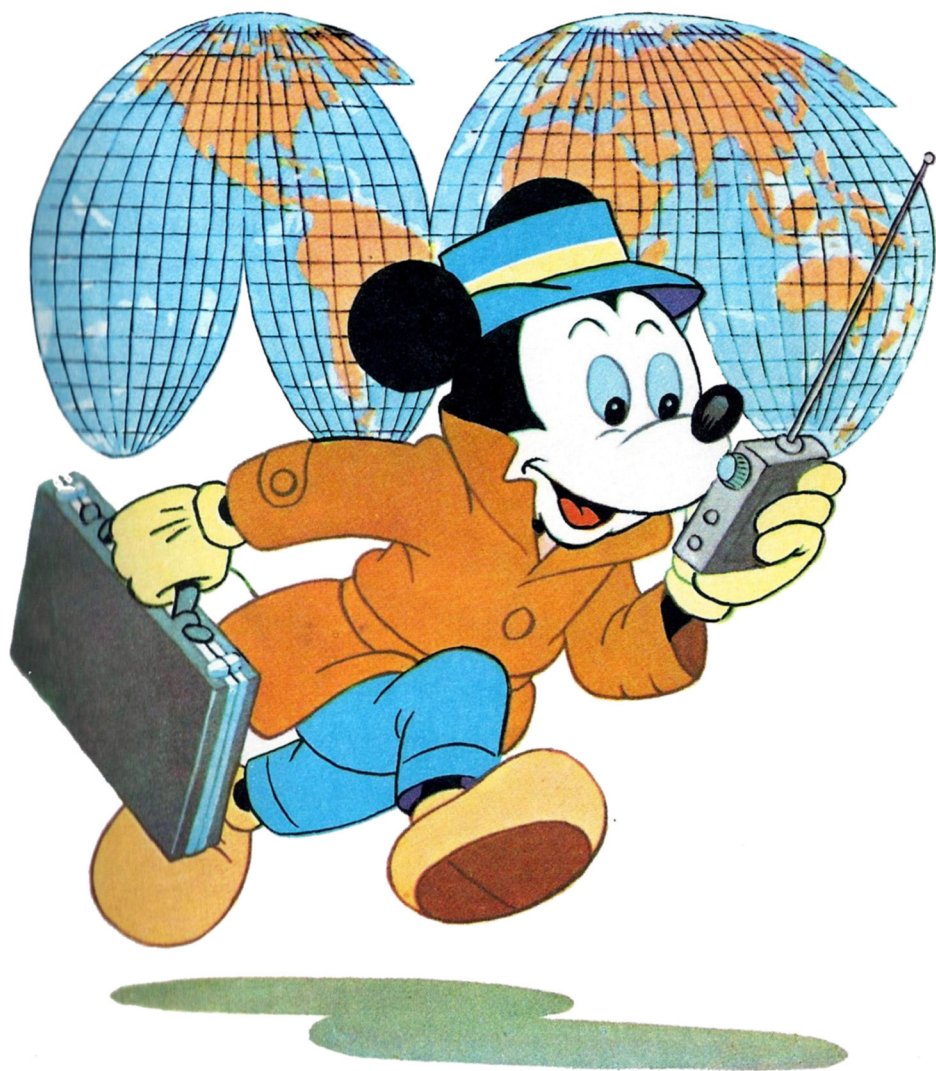
Assim, tornou-se bem mais fácil a remoção de obstáculos naturais, como as rochas, por exemplo. A escavação de túneis tam-

bém se tornou possível: agora o trem poderia passar **através** da montanha, em vez de galgá-la.

Dispondo de toda essa tecnologia — que na época era avançadíssima —, os ingleses inauguraram o primeiro metrô do mundo em 1863.

O século XIX viu surgir também os metropolitano de Nova York, Paris, Berlim, Chicago, Budapeste e Viena. O primeiro metrô brasileiro foi construído em São Paulo e começou a correr em 74, com 17 km de extensão e 20 estações. O projeto total abrange 139 km e 129 estações. No Rio, o metrô começou a funcionar em 79 e até 89 terá 74 km e mais de 60 estações. Milhões de passageiros já viajam diariamente nos metrô de São Paulo e Rio. Ambos são dos mais modernos do mundo.

AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPIÕES



O REVÓLVER E O CAVALO DO MOCINHO

Bang! Bang! Bang! — Aiii-ôôô, Silver! O revólver e o cavalo do mocinho. Com tiros e galopes foi escrita a história do velho Oeste americano. Pelo revólver Colt modelo Fronteira e pelo rifle Winchester 73, calibre 44. O revólver era a arma individual com que o pai ensinava o filho a atirar; era o companheiro inseparável do mocinho... e do bandido também. O rifle foi decisivo nas batalhas com

os índios. Só que os próprios peles-vermelhas acabaram aprendendo a usar também armas de fogo, compradas do homem branco, fazendo o feitiço virar contra o feiticeiro.

Atiradores ganhavam fama demonstrando destreza. Wild Bill Hickok, famoso caçador de búfalos, certa vez acertou dez balas, a 100 metros, num "O" da palavra **saloon** de uma tabuleta em Kansas City... feito que entrou para a

história do Far West.

O cavalo, mais que um meio de transporte desses homens, era como um prolongamento dos seus corpos. Pistoleiros, xerifes, índios, Texas Rangers, vaqueiros, cavaleiros do exército, eram todos como centauros. Cavalgando é que os peles-vermelhas cercavam as caravanas de colonos e os bandidos atacavam as diligências.

Os ladrões de cavalos eram submetidos à lei de Lynch, isto é, executados sumariamente pelo povo, sem julgamento. Daí veio o (feio) verbo **linchar**.

Assim eram os tempos heróicos do Far West selvagem, quando imperava a lei do mais forte e a justiça era feita a bala. Mas, na verdade, os tempos áureos do bangue-bangue não duraram mais do que meio século, tendo como centro, provavelmente, o apogeu da legendária cidade de Dodge City, no Kansas. O resto correu por conta das criações, evidentemente exageradas, do cinema americano, que inventou grandes mocinhos, atiradores fenomenais e audaciosos bandidos, fazendo do velho Oeste um mito.



A LENDA DO CARAMURU

Um aventureiro legendário da história do Brasil é Diogo Álvares Correia, o **Caramuru**. Segundo a tradição, teria ele vindo ao Brasil fazendo parte de uma expedição portuguesa, por volta de 1510. Mas a expedição naufragara ao largo do litoral da Bahia, morrendo a maioria de seus componentes. Dos poucos que conseguiram chegar vivos às praias, quase todos su-

cumbiram nas mãos dos índios tupinambás. Não se sabe como, Diogo Álvares havia conseguido salvar-se, levando um arcabuz (um pesado avô das espingardas) e um barril de pólvora. Diante da ameaça dos selvagens, em desespero de causa, disparou um tiro. O forte estrondo da arma e o fogo que lhe saiu da boca assustaram os nativos. Eles julgaram fosse o forasteiro um ser

sobrenatural que tinha o domínio do trovão e podia manejá-lo contra o inimigo. Daí, deram-lhe o apelido de **Caramuru**, cujo significado seria **filho do trovão**. Esta versão foi muito difundida graças ao poema "Caramuru", de Frei Santa Rita Durão (século XVIII). Mas a verdade parece ser esta: caramuru é o nome indígena de um peixe comum no litoral baiano (moréia), e os índios teriam comparado o naufrago ao peixe.

O fato é que, ganhando

o respeito e a estima dos tupinambás, Caramuru foi ficando cada vez mais importante, sendo admitido na tribo e casando-se com Paraguaçu, filha de um grande cacique de Itaparica. Valendo-se de sua influência sobre os índios, Caramuru prestou valiosa ajuda a Martim Afonso de Sousa, a Francisco Pereira Coutinho, donatário da capitania da Bahia, e ao governador-geral Tomé de Sousa, nos momentos mais difíceis do início da colonização do Brasil.



AVENTUREIROS DA VIDA REAL



FRANCISCO DE ORELLANA

Soldado espanhol nascido em 1490, **Francisco de Orellana** viajou para o Peru em 1535. Entre 1539 e 1540, como lugar-tenente do chefe, acompanhou a expedição de Gonzáles Pizarro, que partiu de Quito com duzentos homens em busca do lendário Eldorado, o país do ouro; e, se possível, um lugar onde existisse a árvore da canela. Contava-se, então, que, em algum lugar do Novo Mundo, possivelmente na América do Sul, havia um país abarrotado de ouro. Sua capital, a áurea Manoa, teria as ruas pavimentadas com tijolos de ouro maciço. As casas teriam telhados, pisos e paredes tam-

bém de ouro puro.

O grupo quase morreu congelado na penosa travessia dos Andes nevados, sofrendo também terremotos e furacões. Os homens de Pizarro encontraram a árvore da canela e, cheios de esperança, deram ao lugar o nome de Canela. Orellana seguia na frente com um grupo de cinqüenta homens e esperou por Pizarro, mas este não mais o alcançou. Premido pela fome, Orellana abandonou o chefe e desceu pelo grande curso de água que havia achado. Meses a fio, seguiu o rio, que parecia não ter fim, mas ia ficando cada vez mais largo. Em suas margens só se viam formidáveis florestas. Finalmente, em agosto de 1541, foi sair no oceano Atlântico. O colossal mun-

do de água corrente descoberto por ele ficou conhecido como o rio das Amazonas, pois, de volta de sua

aventura, contara que, num certo trecho do rio, ele vira uma tribo de mulheres guerreiras.

DANIEL BOONE

Famoso caçador e pioneiro americano, seu nome tornou-se legendário na conquista do oeste selvagem. Nascido na Pensilvânia por volta de 1734, dedicou a maior parte de sua vida à caça. Em 1765 foi até o sul da Flórida e nas viagens que fez foi atacado e roubado por índios; de outra vez foi capturado, mas conseguiu escapar com vida.

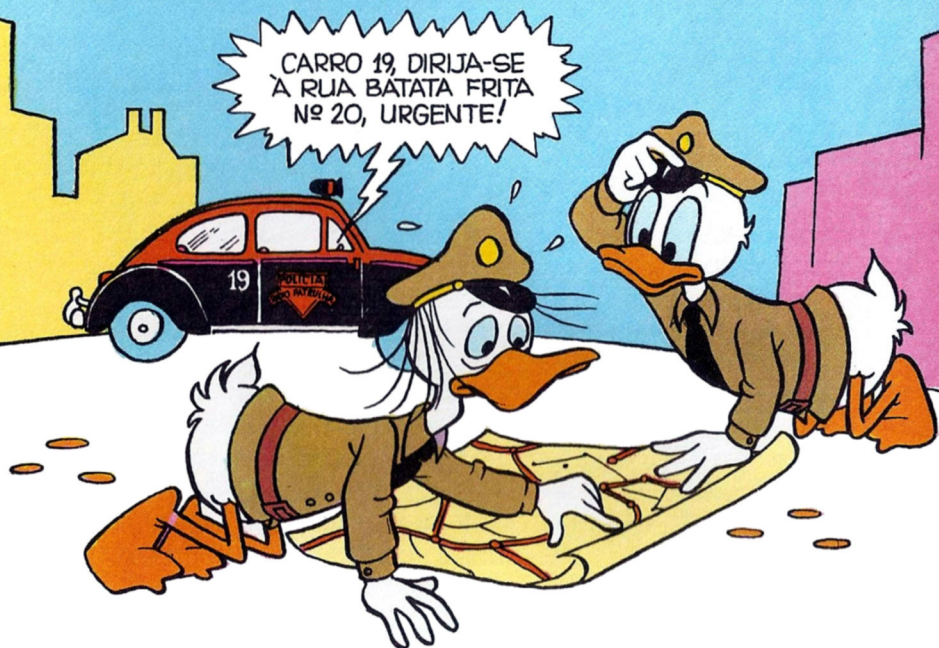
Em 1773 resolve conduzir a sua e várias outras famílias para o bravo oeste, mas é novamente atacado por índios, os Cherokees. Dois membros da co-

mitiva, um dos quais seu filho James, são torturados e mortos. Os sobreviventes regressam, contrariando o desejo de Boone. Ele próprio seria de novo capturado pelos índios em 1778. Foi adotado como filho pelo chefe Blackfish (Peixe Negro), da tribo Shawnee.

Após cinco meses ele escapa e avisa os moradores de Boonesboro (cidade onde construiu um pequeno núcleo) de um futuro ataque. Quando os índios e ingleses investiram contra a cidade, seu povo reagiu e venceu, em dez dias, a batalha. Quando morreu, em 26 de setembro de 1820, Boone era um lendário herói nacional.



A RADIOPATRULHA



A lô! Alô! Chamando todos os carros!" Não há quem não conheça o alarma geral da Radiopatrulha. A invenção do rádio e a sua aplicação nas viaturas policiais veio facilitar a localização, perseguição e captura dos criminosos, mudando o ritmo das investigações e possibilitando maior velocidade na apuração dos fatos.

No Brasil, a Radiopatrulha foi criada em 1935. Inicialmente, os patrulheiros de São Paulo pertenciam à Força Pública e à Guarda Civil. Desde 1967, porém,

eles fazem parte da Polícia Militar.

A cidade de São Paulo está dividida em cinco zonas: Centro, Norte, Sul, Leste, Oeste. Em cada uma delas existe uma sede, de onde saem as viaturas. Mas, tanto as sedes como as viaturas são supervisionadas pelo controle geral. Cada sede tem um rádio e um controlador em permanente contato com as viaturas. Assim, é possível fazer um policiamento eficiente em toda a cidade, atendendo a qualquer tipo de ocorrência.



PULSEIRAS PARA BANDIDO

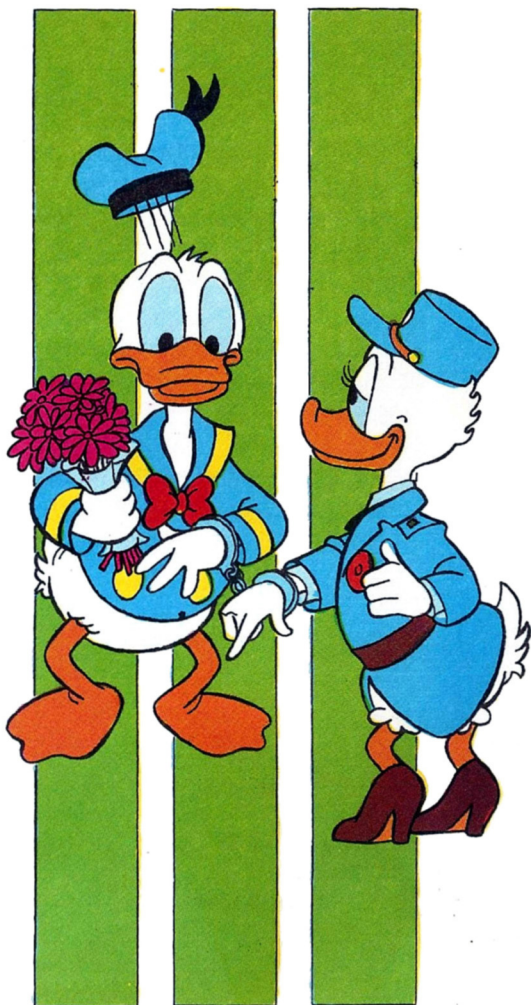


Algemas são argolas de aço usadas pela polícia para prender os braços pelos pulsos, mas podem também servir para prender os pés de uma pessoa. Sua função é evitar a fuga de prisioneiros. No Brasil usam-se algemas nos pulsos. Mas há variações na maneira de aplicá-las. O mais comum é algemar um pulso ao outro, com os braços atrás do corpo. Algemar alguém com os braços na frente é sempre perigoso: unindo as mãos, o preso poderá agredir ou, com uma delas, apoderar-se da arma do policial distraído.

As algemas são ajustáveis ao tamanho do pulso, equipadas com uma fechadura automática. Podem-se algemar dois presos com uma só algaema: um pulso de cada um. Para prender dois criminosos em fuga, o primeiro a ser preso poderá ser algemado num dos pulsos, e a outra argola da algaema, presa a uma grade de rua, portão etc., até que o outro perseguido seja também detido.

É preciso técnica no uso das algemas, a fim de não ferir os pulsos do detido,

quando são exageradamente apertadas. Agora, cá pra nós, o melhor mesmo é a gente nunca dar motivo a ter que usar essas incômodas "pulseirinhas"...



POLÍCIA RODOVIÁRIA

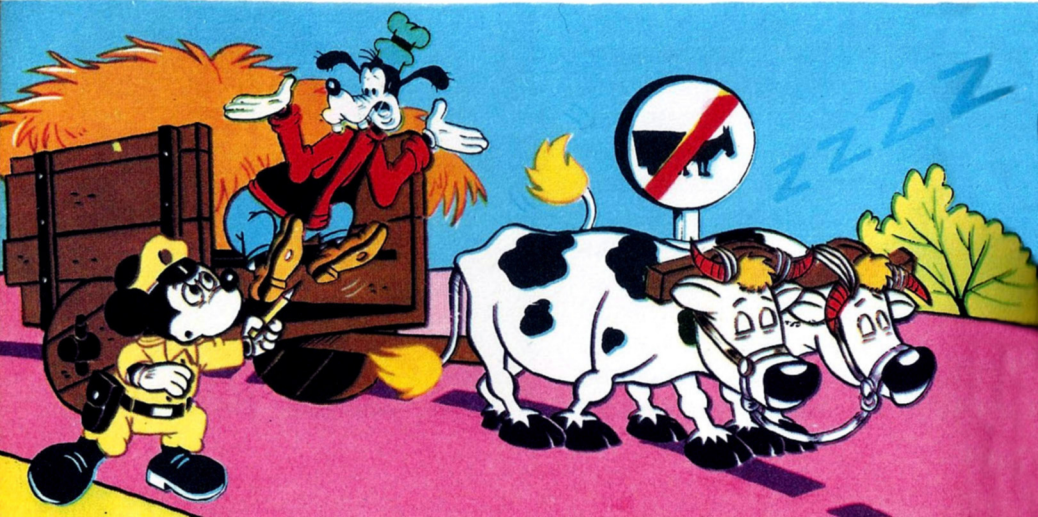
Do alto de uma lombada, binóculo em punho, o patrulheiro observa o fluxo de veículos. Motoristas imprudentes, queda de barreiras, acidentes — qualquer anormalidade, enfim, e lá está a Polícia Rodoviária para tomar as providências necessárias.

A Polícia Rodoviária é uma corporação que, graças à boa organização e à qualidade de seus integrantes, granjeou o respeito da população. A Patrulha Rodoviária Federal foi fundada em 1935. Era então chamada Polícia de Estrada. Em 1942 já se apresentava como uma corporação organizada, com 74 inspetores. Já em 1985 tinha 2.300 inspetores e era dotada de modernos equipamentos:

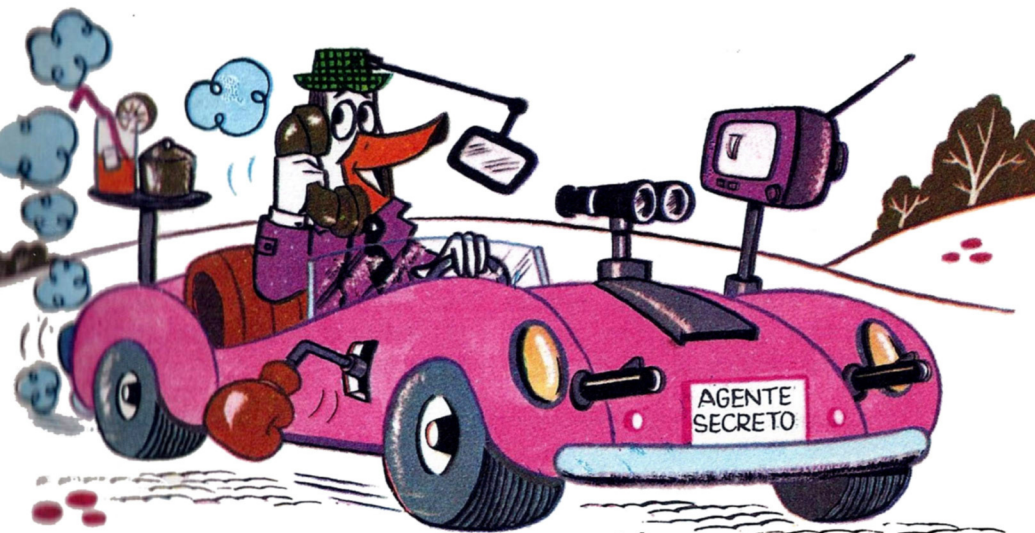
motocicletas, peruas, estações móveis e fixas de radiocomunicação, radares para fiscalização de infrações etc.

Há também as polícias rodoviárias dos Estados, que patrulham rodovias de jurisdição estadual. A Polícia Rodoviária de São Paulo foi criada em 10 de janeiro de 1948. Seus homens passaram a usar farda cáqui, mais apropriada à maioria das estradas da época, de terra batida. As botas serviam para proteger as pernas dos policiais quando estivessem pilotando motocicletas.

Para ser admitido na Polícia Rodoviária, o candidato a patrulheiro deve passar por rigorosas provas de seleção.



AS SUPERARMAS DO SUPERAGENTE



James Bond, ou 007, é o superagente secreto da literatura policial e do cinema, que luta contra a **SPECTRE**, superquadrilha do mal. Por isso, ele também tem superarmas. Como o seu carro: é um Aston-Martin à prova de... perseguição. Para despistar os inimigos, sua aparência é normal. Mas vejam o que ele contém: 1) Sistema rotativo de placas: apertando um botão, 007 pode trocar num segundo sua chapa inglesa por outra suíça ou francesa. 2) Mesmo que o carro inimigo esteja ainda longe, Bond pode vê-lo numa tela, pelo radar instalado no espelho retrovisor. 3) Pelo telefone em código, ele pode comunicar-se

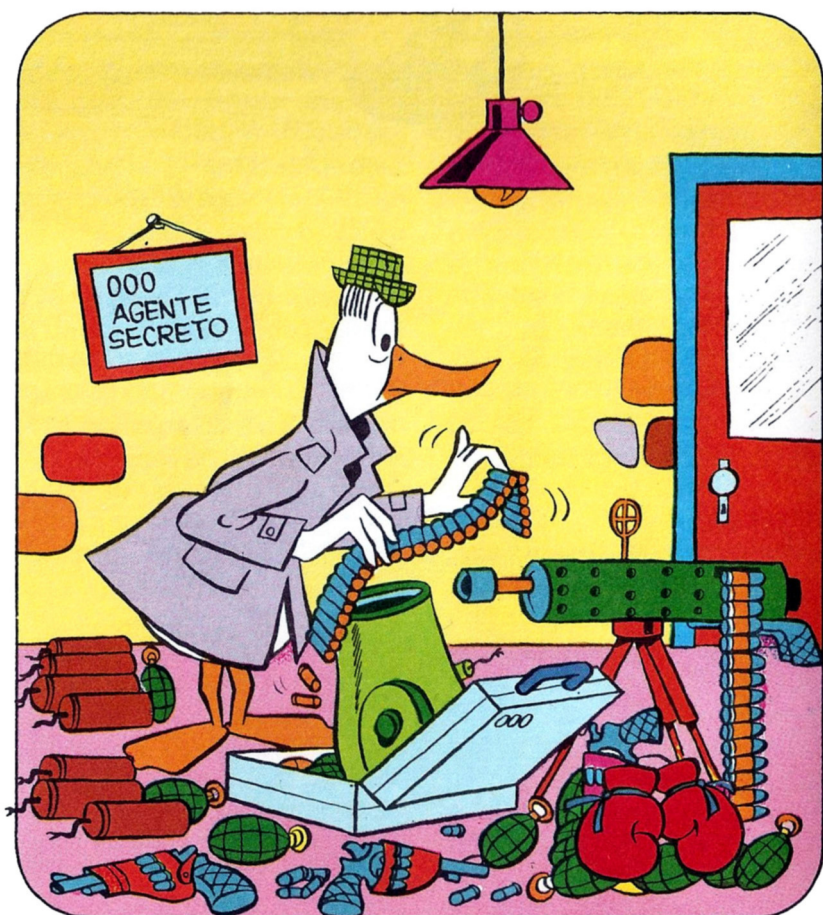
com seus aliados. 4) Atirar no Aston-Martin de Bond é inútil; os pneus são à prova de bala e uma chapa blindada ergue-se atrás do carro, protegendo-o contra rajadas de metralhadora. 5) Se os inimigos se aproximarem mais, terão de enfrentar uma nuvem de fumaça negra que sai do cano de escapamento, tapando-lhes a visão; e ainda uma saraivada de pregos de quatro pontas e um jato de óleo para o carro inimigo derrapar. 6) Se, mesmo assim, este conseguir ficar lado a lado com o Aston-Martin, seus pneus serão rasgados por facas que avançam lateralmente das rodas do carro de Bond. 7) Um outro comando projeta

da frente do carro duas metralhadoras de controle remoto. 8) Em último caso, 007 ainda pode fazer o teto do carro abrir-se e saltar para fora no seu assento ejetável... Ufa! Assim, até nós, hein?

Já a maleta de James Bond é um verdadeiro arsenal em miniatura, embora não pese mais de 4 quilos. Entre o couro e o

forro ocultam-se cinquenta cápsulas de munição calibre 25. Na tampa há lugar para cinquenta moedas de ouro para qualquer emergência. Dentro da maleta, um tubo de creme de barbear oculta o silenciador de uma pistola automática.

A maleta de James Bond fez tanto sucesso que ainda é vendida nas lojas como **maleta 007**.



O DINHEIRO DA MESADA

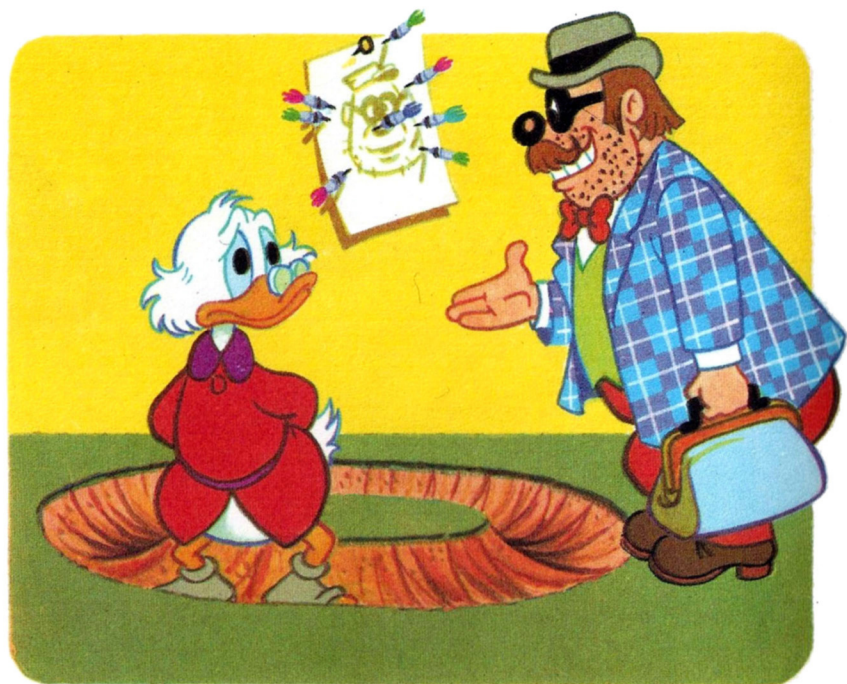


OS BANCOS SUÍÇOS

Tio Patinhas dava voltas, preocupado, na sala de **preocupações** após o último assalto que sofrera dos irmãos Metralha, já não sabia mais o que fazer para guardar seu dinheiro em segurança. Foi quando, numa oportuna coincidência, recebeu a visita de um especialista em "segurança do dinheiro." Era um senhor malencarado, mas muito risinho, que foi logo dizendo:

— Tenho a solução para o seu problema: **bancos suíços**. Sem ninguém saber, o senhor vai até a Suíça e deposita todo o seu dinheiro em qualquer banco de lá. Ninguém irá saber que o dinheiro é seu, porque os clientes são identificados por um número, apenas. Só o senhor e o gerente saberão o número, ninguém mais.

— Mas eu não tenho dinheiro suíço — retrucou





Patinhas. — Só tenho dinheiro patopolense; será que aceitam?

— Ora, os banqueiros suíços aceitam qualquer dinheiro. E não querem saber de onde veio. Ali estão depositadas as maiores fortunas do mundo: de reis, artistas famosos etc., e até de ladrões! Isso porque o dinheiro ali depositado é protegido por uma tradição: ninguém, a não ser o depositante, poderá mexer nele. E então, sr. Patinhas, não é uma solução genial?



Tio Patinhas pensou, pensou, pediu licença para se retirar da sala e ... chamou a polícia para prender aquele "especialista"! Sabem por quê? Por que é ilegal desviar dinheiro do seu país. O dinheiro, ficando no Brasil, ajuda o desenvolvimento do país. Transportá-lo às escondidas para o estrangeiro é crime, portanto. E sem perceber, Tio Patinhas acertou duplamente: na polícia o tal "especialista em segurança do dinheiro" não passava de um Metralha disfarçado, que tramava roubar toda a fortuna do Tio Patinhas quando ele a levasse para fora do país.



CADERNETA DE POUPANÇA



Vovó Donalda foi sempre uma mulher econômica. De tostão em tostão, juntados penosamente durante muitos anos, ela conseguiu fazer um “pé-de-meia” razoável. Mas descobriu que, se ficasse parado, seu dinheiro iria, pouco a pouco, desvalorizar-se. A conselho do Tio Patinhas, resolveu aplicar tudo numa **Caderneta de Poupança**. Entrou no seu fordeco 1905 e tocou para a cidade. Foi direto a uma firma de investimentos e, tomando cuidado para não perder seu dinheiro, disse a um corretor:

— Olha, eu queria aplicar minhas economias numa Caderneta de Poupança, mas não sei bem como isso funciona...

— Minha senhora — explicou gentilmente o corretor —, a Caderneta de Poupança é um incentivo criado pelo governo para estimular a poupança popular, ou seja, a economia das pessoas de renda mais baixa. A Caderneta rende juros, mais

correção monetária. Atualmente, todas as Caixas Econômicas (a federal e as estaduais), além da maior parte dos bancos, possuem Caderneta de Poupança. Os depósitos feitos nessas Cadernetas são garantidos pelo governo federal. Isso quer dizer que, haja o que houver, o dinheiro assim depositado está sempre protegido. Se um banco, que tenha depósitos da Caderneta, vier a fechar, tais depósitos serão integralmente reembolsados. É através das Cadernetas que se financia a construção de casas pelo Banco Nacional da Habitação e se dão outros benefícios para o povo.

— Pois bem, então eu topo! — exclamou, entusiasmada, Vovó Donalda.



TESOUROS PERDIDOS

...E ACHADOS!



Estamos em 1622, em pleno oceano Atlântico, na costa da Flórida, Estados Unidos. Uma esquadra de 8 galeões espanhóis, grandes navios de madeira a vela, que partiram de Havana, Cuba, cruzam o mar rumo à Espanha. Naquela época, a Espanha era a dominadora da maior parte da América Latina, riquíssima em pedras e metais preciosos. Os navios espanhóis iam para a Europa abarrotados de riquezas

incalculáveis. Nesse dia de 1622, aqueles 8 galões não fugiam à regra. A frota era liderada pela nau capitânea "Nuestra Señora de Atocha". O "Atocha", com suas 550 toneladas, carregava uma fortuna de meter inveja ao Tio Patinhas: segundo seu "inventário de carga" levava uma montanha de barras de prata, com 18 metros de comprimento, 9 metros de largura e 1 metro e meio de altura! E ainda

3 enormes baús com 180 barras de ouro, rubis, esmeraldas e muitas moedas também de ouro. Só de prata havia 1.200 barras, pesando 47 toneladas. Um dos outros 7 navios era o "Santa Margarita", que também conduzia uma fortuna.

De repente, um furacão se abate sobre o "Atocha", o "Margarita" e o resto da frota. A tempestade é impiedosa e não perdoa os espanhóis: os 8 galeões são jogados contra uma cadeia de recifes e vão a pique, levando seus 60 tripulantes. Ninguém se salvou. O furacão passa e o mar fica em silêncio. A 15 metros de profun-

didade jazem os navios e uma das maiores riquezas

Mais de 3 séculos depois da tragédia, precisamente em 1969, um homem chamado Mel Fisher, apaixonado pelas histórias dos antigos galeões espanhóis, decide transformar-se em caçador de tesouros. Ele funda uma companhia chamada "Treasure Salvors" ("Salvadores de Tesouros") e resolve vender ações da empresa para financiar sua grande busca. Muita gente ri do bom americano, mas outros, atraídos pelo toque romântico da empreitada, aderem com entusiasmo.

Com o capital reunido,

Mel comprou um velho navio, juntou uma equipe de jovens e ambiciosos mergulhadores e tocou-se para o mar.

O tempo passou e ... nada de tesouro! Somente em 1980 localizaram o "Santa Margarita", com prata, ouro e pedras preciosas. Mas Fisher sabia que aquilo era apenas uma pequena amostra do que poderiam conseguir se achassem o "Atocha", o maior dos 8 galeões. E, finalmente, em 1985, 16 anos depois de iniciada a aventura e exatamente 3 séculos e 63 anos após o naufrágio, o "Atocha" foi localizado e toda a sua fortuna resgatada.

Houve uma grande festa entre todos os integran-

tes da expedição da "Treasure Salvors": todos dançaram e tomaram uma taça de champanhe.

E então começou o trabalho gostoso de trazer à superfície o imenso tesouro. Depois, a contagem das barras de prata e de ouro, das moedas de ouro, dos rubis, das esmeraldas. Quando o valor de cada peça foi minuciosamente calculado, todos ficaram de queixo caído: a prata, o ouro, os rubis e as esmeraldas somados valiam muito, mas muito mais de 400 milhões de dólares!...

Tio Patinhas, quando soube, caiu desmaiado: 16 anos antes ele se recusara a participar da empreitada, dizendo que era uma bobagem...



AS CORTES MAIS LUXUOSAS



Certa vez, irritado com a mania do Tio Patinhas de ser **o mais rico do mundo**, Donald lhe mandou uma carta... só pra chatear:

"Luís XIV reinou na França de 1643 a 1715. Julgando-se representante de Deus na Terra, rodeou-se do máximo esplendor. Mandou cons-

truir o magnífico Palácio de Versalhes, obra na qual se gastaram 20 anos. O palácio era luxuosíssimo: as estátuas espalhadas pelos jardins representavam o Rei Sol (assim apelidado) e seus colaboradores. Sucediãam-se bailes, festas, caçadas, divertimentos. **O que o senhor tem, Tio Patinhas, não chega nem aos pés do que teve Luís XIV...**"



Tio Patinhas continuou lendo:

"Nabucodonosor, o segundo rei da Babilônia, era o soberano mais poderoso do Oriente. Sua capital tinha as ruas pavimentadas com pedras de cal e paredes revestidas de tijolos azuis polidos.



Salão da Guerra
Palácio de Versalhes

Todas as pedras do calçamento tinham esta inscrição: "Nabucodonosor, rei da Babilônia, sou eu". Tantas eram as riquezas acumuladas em seu palácio que, para protegê-las, mandou construir na planície do rio Eufrates uma enorme muralha. **O que o senhor tem, Tio Patinhas, não chega nem aos pés do que teve Nabucodonosor...**



vinagre. O que o senhor tem, Tio Patinhas, não chega nem aos pés do que teve Cleópatra..."



E Cleópatra, então? Tinha uma galera enfeitada de ouro, com toldos e velas de púrpura e remos de prata. Vestia-se adornada como uma deusa, rodeada por suas escravas sob um dossel bordado a ouro. Diz-se até que ela, para impressionar os visitantes, dissolvia pérolas em

No dia seguinte, Donald recebeu esta carta:

"Caro Donald: para seu governo, tudo que você mencionou em sua carta foi **comprado** por mim em minhas viagens pelo exterior. **A esperteza que você tem, Donald, não chega nem aos pés da minha...**"

Chato para o Donald, não?



O DINHEIRO NO BRASIL

Também no Brasil houve época em que o comércio era feito à base de troca de mercadorias. O açúcar, o fumo e o algodão já serviram de moeda.

No reinado de D. Pedro II, o povo brasileiro utilizava-se de moedas de ouro, prata, cobre e bronze. As de ouro eram: **dobrão** (12 patacas ou 12 000 réis); **meio dobrão** (6 patacas ou 6 000 réis, chamado **joanete**, em homenagem a D. João VI); **patacas** (4 000 réis, 2 000 réis e 1 000 réis). As de

prata: **patacas** (960 réis, 320 réis e 80 réis). As de cobre: **vinténs** (40 réis e 20 réis). As de bronze: nos valores de 40, 20 e 10 réis).

Até 1942, o Brasil utilizou em seu sistema monetário o padrão introduzido pelos portugueses — o **real** (plural, réis), cuja unidade, na prática, era o **mil-réis**. Um milhão de réis perfazia um **conto de réis**. Nos últimos decênios da vida do **mil-réis** a moeda divisionária menor era o famoso **tostão**, que valia 100 réis.



Dobrão de ouro (cara e coroa)



Pataca de prata (320 réis)



O popular vintém

O CRUZEIRO

O **cruzeiro** foi adotado em 1942, valendo mil réis. Era dividido em 100 **centavos**, sendo a moeda divisionária menor a de 10 centavos. A princípio, essa mudança causou grande confusão entre o povo.

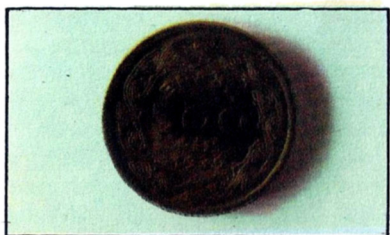
Entretanto, com o correr dos anos e o aumento da taxa de desvalorização da moeda, o valor aquisitivo do cruzeiro caiu tanto que, em 1964, foi extinto o centavo. Finalmente, em novembro de 1965, o governo decretou a criação do **cruzeiro novo**, que passou a vigorar a partir de 1967, valendo mil cruzeiros antigos. Como moeda divisionária voltou o **centavo**, valendo 10 cruzeiros antigos. Cem centavos perfaziam um **cruzeiro novo**. As velhas cédulas de 1, 2 e 5 cruzeiros desapareceram. Mais tarde, voltou a ser simplesmente *cruzeiro*. Em 1985, outra vez foi abolido o centavo. E, a partir de janeiro de 86, volta o cruzeiro novo, com a supressão de 3 zeros.



Cédulas de 500 réis, do tempo do Império.



Moeda de 4 000 réis de prata, mandada cunhar em 1900 para a comemoração do 4.º centenário do descobrimento do Brasil.



Moeda de 500 réis de 1939.



As primeiras moedas cunhadas no Brasil entraram em circulação nos anos de 1645, 1646 e 1654. Os holandeses, que dominavam Pernambuco, aí cunharam essas moedas para o pagamento de suas tropas. Eram quadradas e marcadas com algarismos romanos, nos valores de 3, 6 e 12 florins. Aqui vemos o reverso de uma moeda de 6 florins de 1646.

Já no século XVIII, uma das moedas mais comuns em circulação eram as de cobre. Como as outras de metal, tinha os bordos marcados, para que não pudesse ser raspada e desvalorizada com a perda do peso. Esta moeda data de 1715, início do período da mineração no Brasil. Valor: 20 réis.

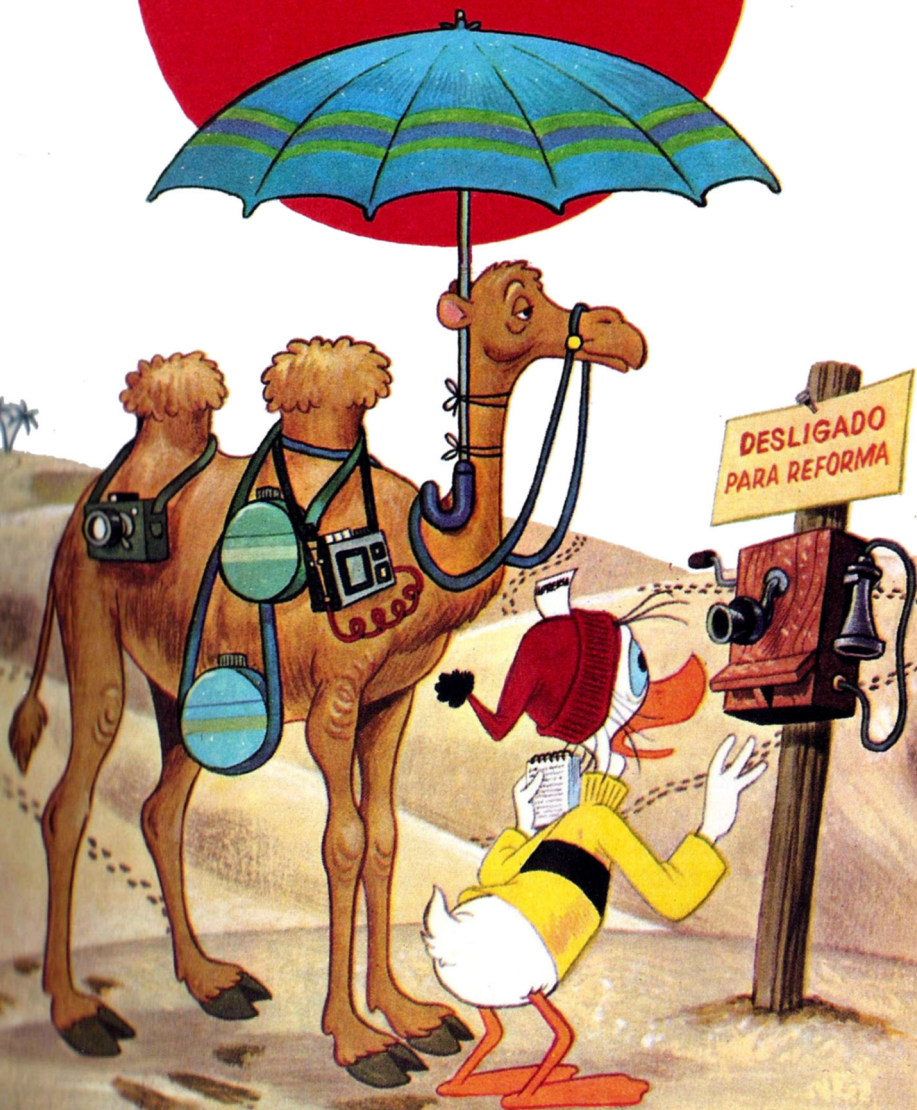


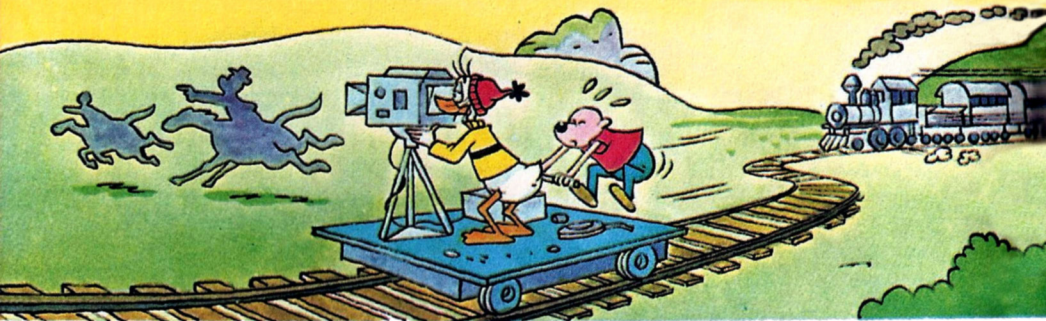
As moedas mais comuns no Brasil foram as de cobre, pois as de ouro e prata circulavam mais fora do Brasil. A diversidade de valores, às vezes, complicava as coisas. Chegaram a circular, por exemplo, moedas espanholas de 8 reales.

No período da Regência, durante a minoridade de D. Pedro II, houve muitas falsificações de moedas. Para pôr um paradeiro na situação, as moedas metálicas foram sendo substituídas por papel-moeda. Apesar disso, o numerário era insuficiente. Só no reinado de D. Pedro II é que foram cunhadas moedas de ouro, prata, cobre e bronze de diversos valores. Havia, então, bastante moeda, com características diferentes das falsas, o que veio solucionar outro grande problema da época — a dificuldade de se fazer troco. Esta moeda de bronze de 40 réis com a efigie de D. Pedro II data de 1829.



FIQUE LIGADO!





CÂMERA... AÇÃO!

Um recurso que o diretor de TV tem para a escolha das imagens está nas diversas movimentações que a câmera pode realizar.

Um desses movimentos é a **panorâmica**, uma tomada em que a câmera se desloca apenas horizontalmente, girando sobre seu eixo, sem sair do lugar. É uma clássica tomada de começo de cena, geralmente feita em planos gerais.

Outro movimento é o **travelling**, onde a câmera se desloca horizontalmente, mas saindo do lugar, ao contrário da panorâmica. Neste caso, o ponto de vista da câmera muda, podendo acompanhar duas pessoas que correm por uma rua ou então mudar o ponto de vista de uma tomada, não alterando seu foco de atenção, mas fazendo um giro de 180 graus em torno do objeto ou pessoa focalizados.

Para a realização do **travelling**, é necessário um chão absolutamente liso, para que a câmera não balance, provo-

cando saltos de imagem.

Nas produções mais caras, porém, a câmera é montada sobre um pequeno trilho (como o de um trem), possibilitando um movimento mais suave.

Movimentos verticais também são possíveis graças às gruas, espécie de guindastes que elevam ou abaixam a câmera.

Apesar de existir uma altura padrão para a câmera de TV (ela deve ficar um pouco mais baixa do que os olhos das figuras focalizadas), pode-se tanto fazer tomadas com a câmera alta (que costuma "diminuir" as figuras) ou com a câmera baixa (que "aumenta" as pessoas).

Essas regras, porém, não são obrigatórias. A partir da década de 60, houve uma modificação dos padrões estéticos no cinema (e, consequentemente, na televisão). A câmera deixou de ser usada apenas no seu tripé, passando a movimentar-se livremente.

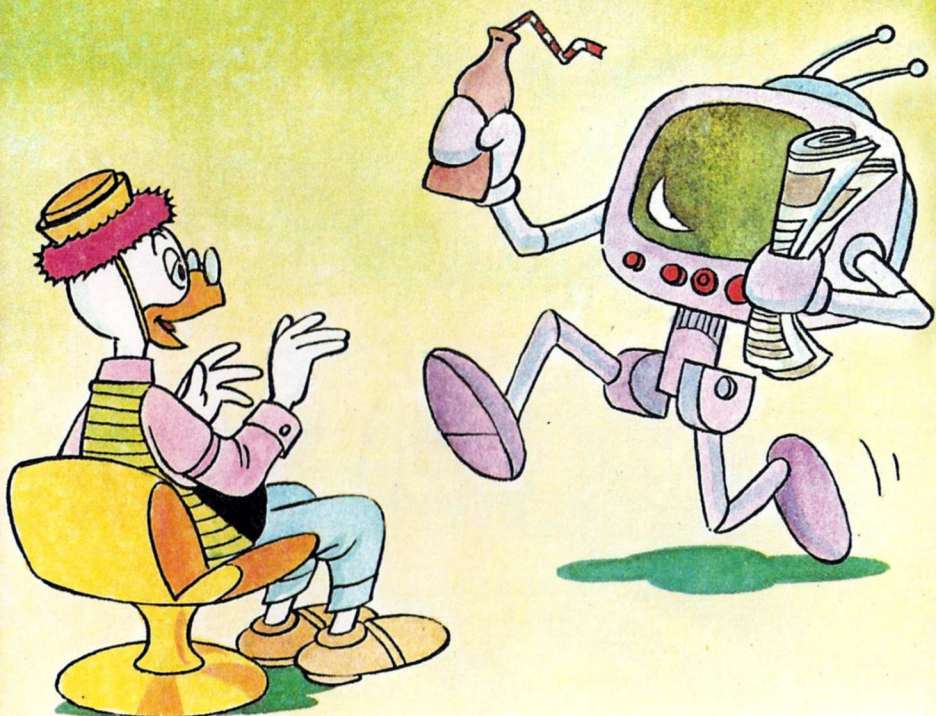


Os grandes acontecimentos mundiais, como a conquista da Lua ou os Jogos Olímpicos, não são mais importantes para o leitor do que o incêndio que aconteceu perto de sua casa. Para qualquer leitor do mundo é mais importante um fato que ocorra no bairro em que ele vive e onde conhece todo mundo do que a notícia de um fato acontecido em outro continente. Eis a razão pela qual o jornal de bairro é cada vez mais popular.

Com o crescimento constante das grandes cidades, tornou-se quase impossível aos grandes jornais publicar

tudo o que interessa aos bairros. Essa função é preenchida pelos jornais de bairro, onde você encontra desde o anúncio do dentista próximo à sua casa até a notinha da última festa do clube na qual você esteve presente. É assim que o jornal de bairro serve à comunidade. Em geral, ele mantém uma ligação muito grande com o comércio, a indústria e a sociedade do lugar. E é distribuído gratuitamente porque vive dos anúncios que publica.

Em São Paulo existem alguns jornais de bairro que atingem a tiragem de 36 000 exemplares.



O PROGRAMA DE SERVIÇOS

Existe o criado-mudo, aquele móvel que não abre a boca pra nada, onde a gente coloca qualquer coisa que queira beber ou comer sozinho no quarto, onde a gente coloca o livro que está lendo antes de dormir, o despertador, os óculos etc.

Mas existe também o criado-falante, que não é nada mais nada menos que o seu aparelho de TV, nas horas em que ele está ligado num "programa de serviços".

Essa é a classificação ge-

ral para programas com um ou diversos apresentadores, divididos em seções diferentes, cuja função é atender o telespectador, fornecendo informações úteis.

Apresentam pequenas entrevistas, visando o esclarecimento de dúvidas sobre os assuntos mais diversos — moda, medicina, como tirar uma mancha de tinta de um uniforme escolar ou onde comprar os acessórios para se envenenar um carro.

São programas de orçamen-

to barato (custam relativamente pouco para ser produzidos) e vão ao ar ao vivo. Em alguns casos, são feitos apenas em estúdio (com cenários que lembram uma sala de estar), em outros comportam reportagens em externa ou mesmo um auditório.

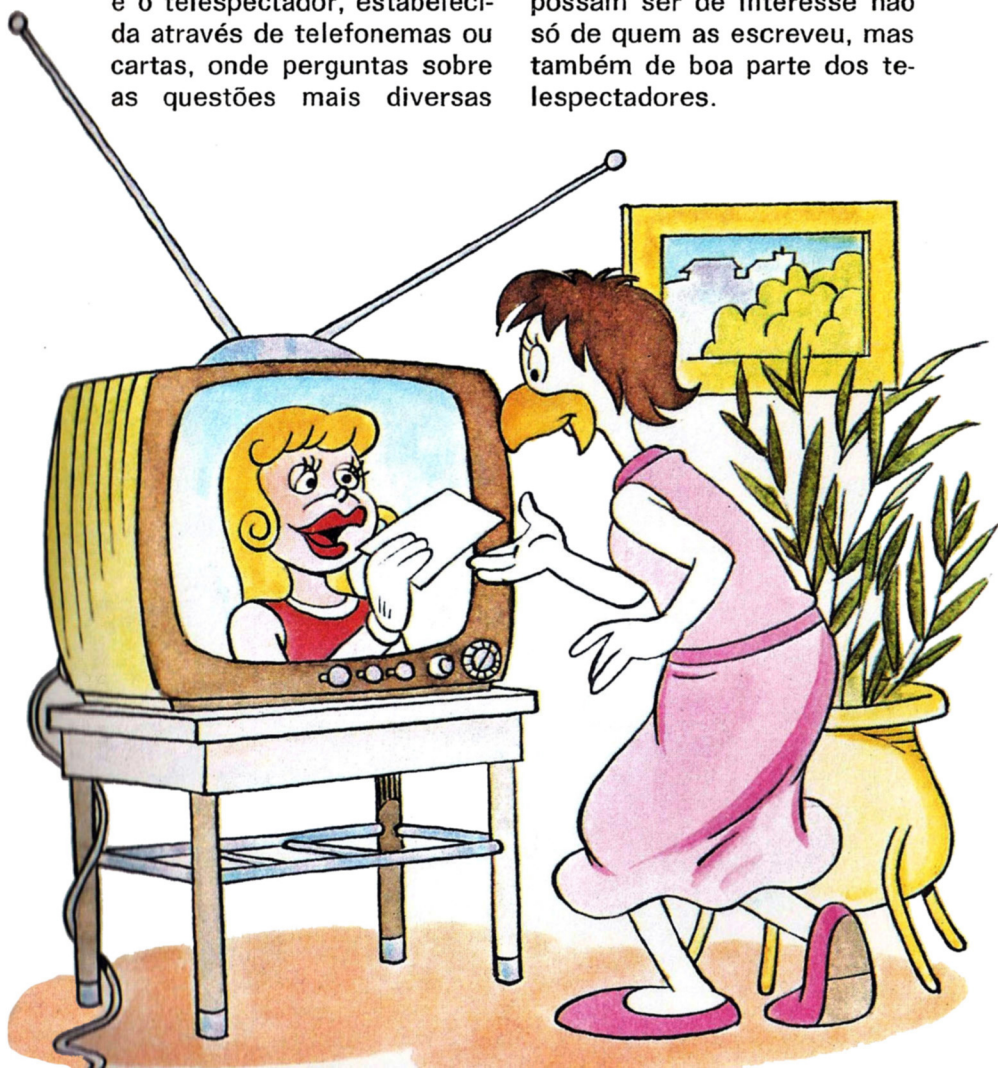
Mas praticamente todos trabalham a partir de uma relação direta entre a produção e o telespectador, estabelecida através de telefonemas ou cartas, onde perguntas sobre as questões mais diversas

são encaminhadas ao programa e respondidas por especialistas.

O sucesso dos programas de serviço depende muito da simpatia e da popularidade de seus apresentadores.

E seu objetivo é criar uma comunicação direta entre o telespectador e a TV.

Por isso, as cartas respondidas tratam de temas que possam ser de interesse não só de quem as escreveu, mas também de boa parte dos telespectadores.



SUPLEMENTOS

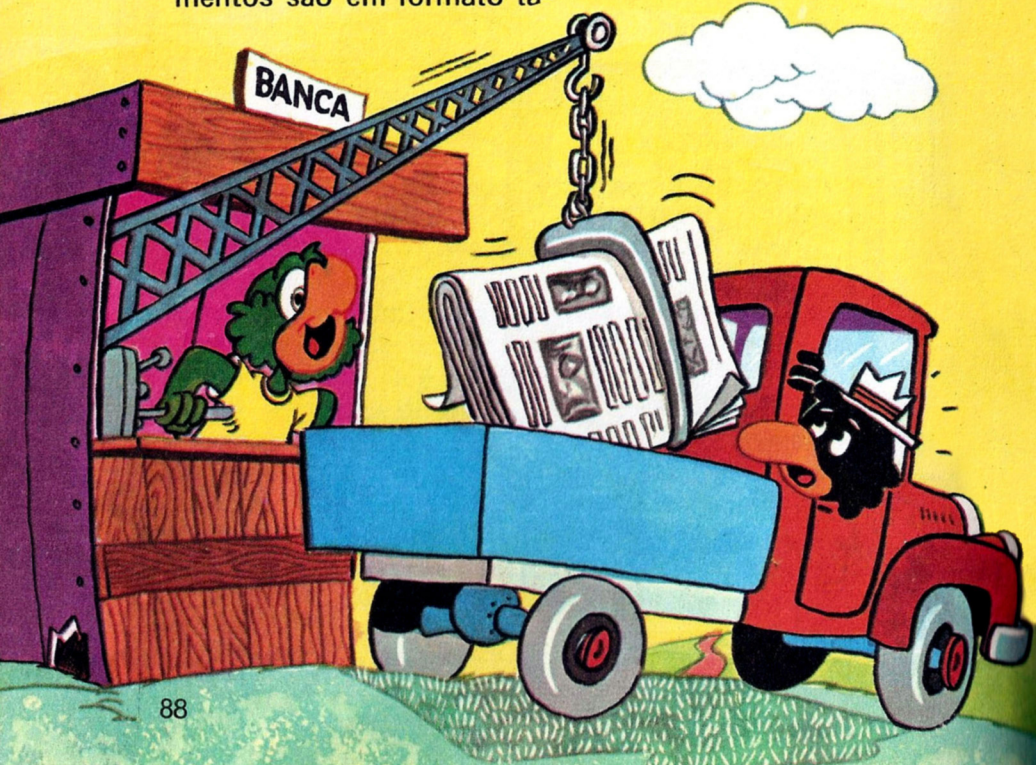
Nos velhos tempos, quando o Tio Patinhas ainda lutava para ganhar seu primeiro milhão, a vida podia ser dura, porém era mais simples que a de hoje. E os jornais da época refletiam isso: eram também mais simples do que os de agora.

No mundo de hoje acontecem tantas coisas que apenas o noticiário e as reportagens costumeiras não bastam para dar cobertura a tudo. Por isso, os jornais modernos passaram a editar **suplementos**.

Em geral esses suplementos são em formato ta-

blóide e fornecem informações especializadas. Se um agricultor quiser saber algo sobre como cultivar melancias, por exemplo, é num **suplemento agrícola** que ele encontrará a orientação necessária. Se uma família pretende passar umas férias e não sabe onde ou como, poderá encontrar boas "dicas" num **suplemento de turismo**. Com a vantagem de que o suplemento vem junto com o jornal, sem custo extra.

No Brasil, jornais como *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de*



S. Paulo, O Estado de Minas, O Estado do Paraná, Diário de Pernambuco e outros enriquecem suas edições (dominicais, geralmente) com vários suplementos, abrangendo desde esportes até turismo, automobilismo, literatura, agricultura, assuntos femininos, economia,

educação, etc.

O recordista mundial em suplementos é o mais importante jornal americano, *The New York Times*. Sua edição dominical é tão "gorda" que nem dá para dobrá-la. Uma edição recorde de 1965 pesava — cada exemplar — três quilos e meio!

A COLUNA DO LEITOR

Um jornal é feito por muita gente, e até pelos... leitores. São aqueles que escrevem para os jornais, dando suas opiniões próprias sobre determinado assunto, denunciando alguma coisa errada ou reclamando uma providência das autoridades ou mesmo de particulares em cargos de responsabilidade social.

...E QUERO SABER POR QUE VOCÊS NÃO PUBLICARAM MINHAS RECLAMAÇÕES NA "COLUNA DO LEITOR"!



Essas cartas obedecem à ordem de chegada para serem — ou não — publicadas. Como a correspondência dos jornais é grande, a redação geralmente seleciona as cartas (ou os trechos) mais interessantes para saírem no jornal.

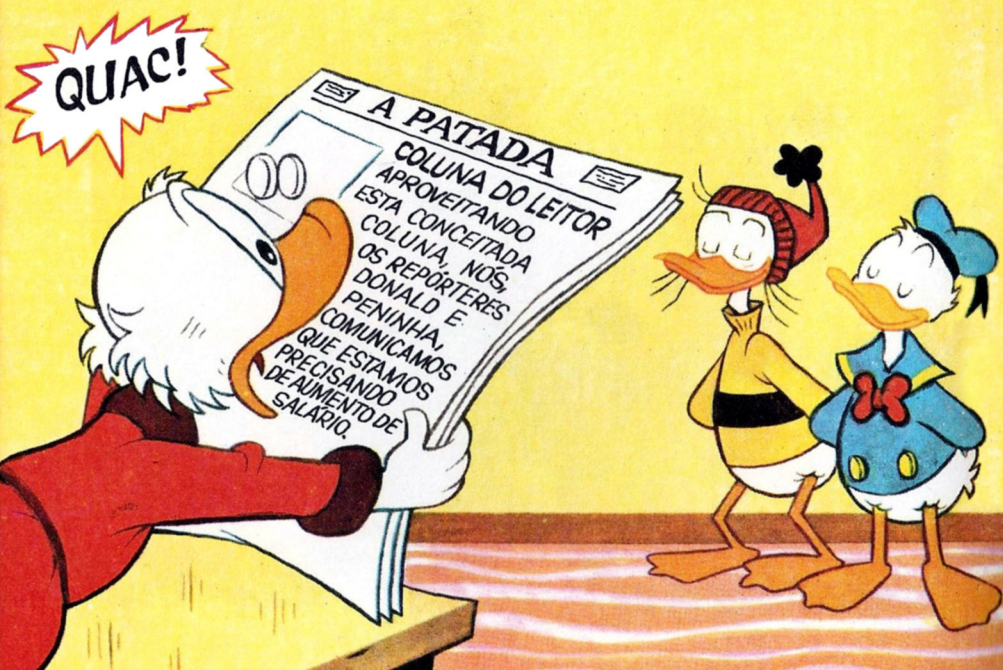
As cartas dos leitores são mais úteis à coletividade do que parecem, pois muitas vezes apontam problemas — e até soluções — que de outra forma não chegariam ao conhecimento das autoridades.

Foi escrevendo uma carta ao jornal *O Estado de S. Paulo* que Monteiro Lobato iniciou sua brilhante carreira literária. Em sua missiva Lobato criticava a devastação das matas pelas queimadas, e a repercussão foi tanta

que logo ele era convidado pelo jornal a continuar escrevendo.

A coluna do leitor mais conhecida é possivelmente a do jornal *The Times*, de Londres. Uma espécie de termômetro da opinião pública inglesa, ali são debatidos os mais variados assuntos. Gente importante andou (e anda) freqüentando a coluna, como Bernard Shaw e Sir Winston Churchill.

A chamada coluna do leitor é, por assim dizer, uma espécie de tribuna, onde o cidadão comum pode manifestar publicamente o seu pensamento. Basta, para isso, que ele assine a carta e assuma a responsabilidade do que escreve, sempre dentro dos limites de seus direitos.



FEITICOS & FEITICÉIROS



BACO, O DEUS DO VINHO



Baco era filho de Júpiter e Sêmele. Segundo a lenda, sua mãe morreu num incêndio antes de ele nascer, mas Júpiter salvou-o milagrosamente. Depois, já crescido, ele ajudou o pai na luta contra os Titãs, os gigantes inimigos de Júpiter. No calor do combate, Júpiter animava o filho, exclamando: **Evohe, Bacche! Evohe!** (Coragem, Baco! Coragem!)

Esta expressão veio a ser posteriormente a divisa das **bacantes**, sacerdotisas do culto de Baco.

Conta-se que esse deus

ensinou a agricultura aos homens no Egito, tendo sido o primeiro a plantar a videira. Era por isso adorado como o deus do vinho. Era representado ora sobre um coche puxado por tigres ou panteras, ora com um copo numa das mãos, mas sempre empunhando o **tirso**, a insígnia que consistia numa haste encimada por uma pinha e ornada com hera e galhos de videira.

SIMBOLISMO DAS PEDRAS PRECIOSAS

Os minerais, da mesma forma que as estrelas e tantas outras coisas, não escaparam ao significado místico que os povos primitivos costumavam dar a tudo o que representava valor, como a água, o fogo, o ar, etc. Dessa forma, cada pedra preciosa tinha o seu significado simbólico e sua influência mágica, segundo acreditavam na Antiguidade (e muitos acreditam até hoje). Então vejamos:

Ágata — é benfeitora para uma carreira próspera e feliz. Protege contra perigos ou maquinções e traz simpatia a quem a usa.

Âmbar — defende contra venenos secretos e tem o poder de atrair a compaixão e a compreensão.

Ametista — traz alegria para quem a usa. Na Antiguidade servia para evitar o desejo de beber. Também serve para atrair o favor de pessoas importantes.

Água-marinha — deve ser usada por aqueles que são infelizes. Ela simboliza a esperança.

Azeviche — tem o poder de afastar aparições desagradáveis ou temores psíquicos.

Berilo — promove o amor. Quem o usa atrai a afeição da pessoa amada.

Coral — protege da desventura e da doença. Afasta o medo e a

tentação para a violência. Inspira a razão e a sabedoria. O coral branco adiciona a esses atributos a modéstia; o coral negro, a fibra e a perseverança.

Cristal — induz à serenidade e ao equilíbrio. Aguça a mente e controla a emotividade.

Diamante — traz a serenidade e a paz. Simboliza também constância, inocência e fidelidade, sendo por isso usado pelos que estão noivos ou casados.

Esmeralda — realça o amor e dá também alegria, eloquência e popularidade aos que a utilizam.

Granada — possui inúmeras virtudes. A principal é atrair a constância; seguem-se a sinceridade, a amizade e a caridade.



Jade — é o símbolo da franqueza e da imortalidade. Em séculos passados, na Índia, somente os homens de caráter nobre podiam usar o jade. É uma pedra sagrada para os chineses e japoneses. Atribuem-lhe poderes curativos contra numerosas doenças.

Lápis-lazúli — atrai a ternura, a simpatia e o amor.

Opala — na Antiguidade acreditavam que ela atraía riquezas e beleza ao seu possuidor, inclusive a capacidade de se tornar invisível.

Ônix — acreditava-se que ele protegia a pureza de quem o usava, mas atribuíam-lhe, na Antiguidade, muitas qualidades negativas: achavam que trazia o medo, a tristeza, discórdias, sonhos agitados e presságios agourentos.

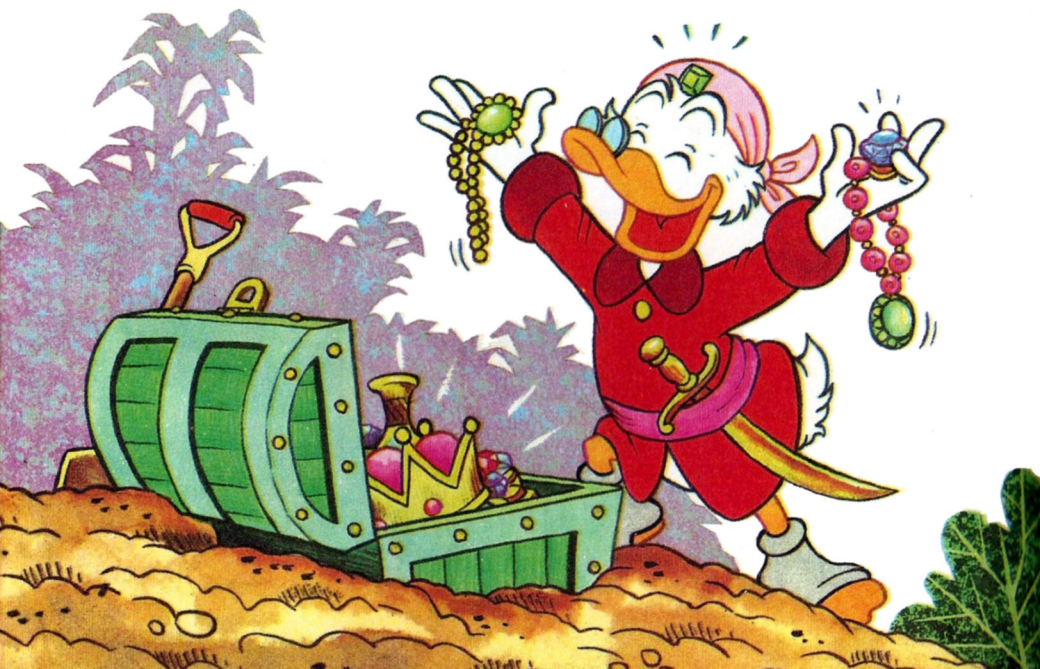
Pérola — simboliza lágrimas de

tristeza e também de alegria. Representa a paciência, a pureza espiritual, a fidelidade e a aversão à violência.

Rubi — atrai a lealdade, a caridade e a coragem.

Safira — transmite a paz e a humildade. Simboliza a verdade, a lealdade e a justiça.

Topázio — na Antiguidade acreditava-se que esta pedra tornava seu possuidor invulnerável à injúria ou aos ataques. Simboliza a sobriedade, a clemência, a fidelidade e o amor. Acalma a ira, transforma a tristeza em felicidade, traz a riqueza e as honrarias. O topázio é também usado como detector para localizar água, tesouros enterrados e metais preciosos. (Depois que soube de tudo isso, Tio Patinhas já encomendou uma tonelada de topázio às suas minas lá na África.)



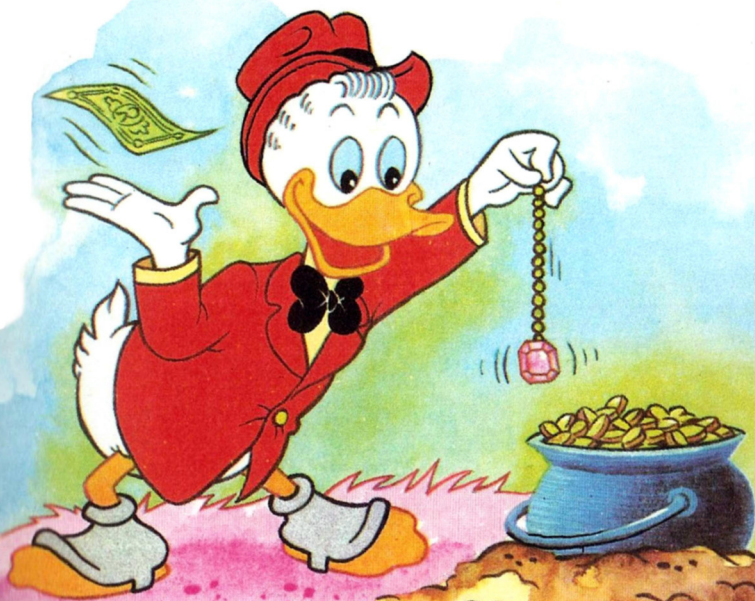
Turmalina — é o símbolo da vitalidade e da força, e se diz que dá ao seu possuidor contentamento e poder análogos à potência da eletricidade.



Turquesa — é considerada um talismã que evita agressões e acidentes fatais ou violências de qualquer espécie. Propicia a coragem e o amor aos que a usam, além de ser o símbolo da juventude e do amor inocente.

Zircão — é um talismã de boa

sorte que dá ao seu possuidor a realização de todos os seus desejos de saúde, prosperidade e honrarias. Acredita-se que ele protege contra todos os perigos da terra, mar e ar. Propicia o sono profundo e traz felicidade e força aos que o usam.





CENTAUROS, SÁTIROS E FAUNOS

A mitologia grega era rica em divindades monstruosas. Os **centauros** habitavam a Tessália, no norte da Grécia, e andavam armados de clava, mas eram também muito hábeis no manejo do arco e flecha. Seu corpo era metade homem e metade cavalo. Embora selvagens na maioria, eram, porém, geralmente amigos dos homens.

Na festa de casamento de Pirítoos, rei dos lapitas, outro povo monstruoso, alguns centauros provocaram desordens que degeneraram num conflito, após o que foram exterminados.

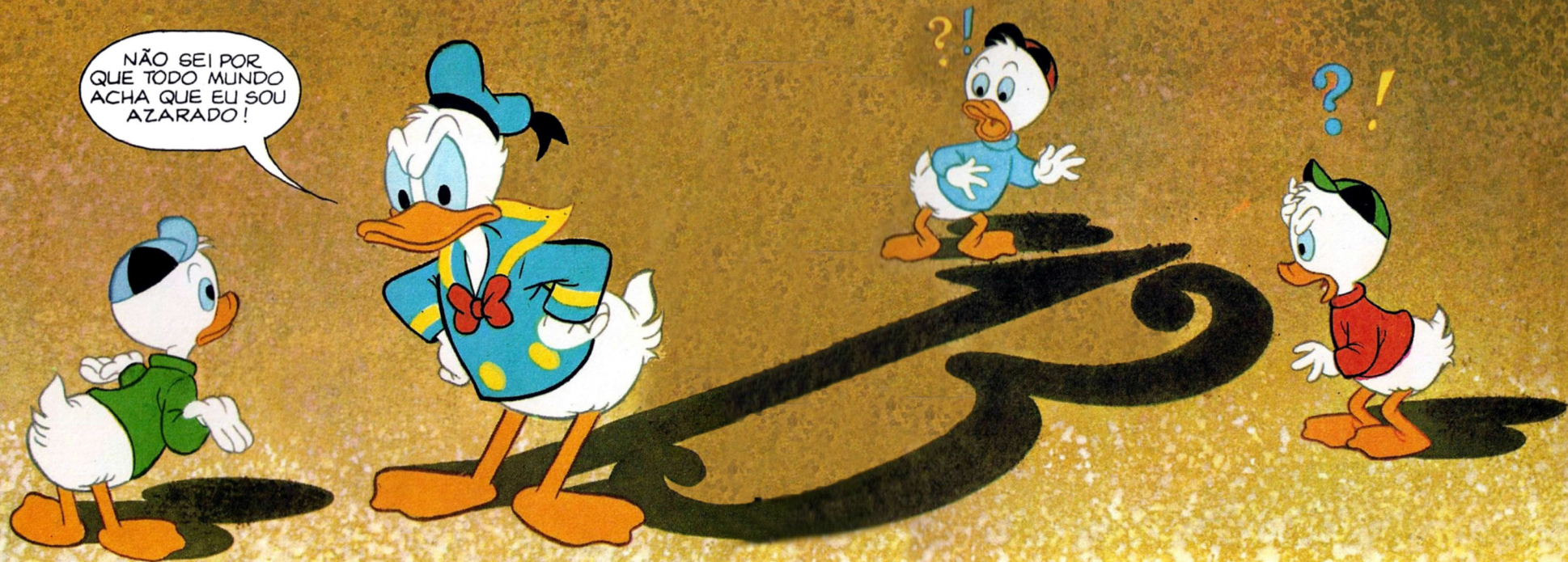
Os **sátiros** eram divinda-

des inferiores, seguidores de Baco, o deus do vinho e da alegria. Seu corpo era peludo, metade homem e metade bode; na cabeça humana destacava-se um par de chifres. Habitavam os bosques e montanhas. De gênio alegre, gostavam de dançar e brincar, correndo atrás das ninfas e pregando-lhes peças.

Os **faunos**, divindades semelhantes aos sátiros, tinham também corpo de bode. Em matéria de fealdade, da mesma forma empata-vam com os sátiros. Tinha-m, porém, uma grande qualidade: protegiam os animais.

SORTE & SUPERSTIÇÃO





WAGNER E A RAINHA VITÓRIA ERAM UM NÚMERO

Wagner, o grande compositor alemão, teve uma vida repleta de sucessos. Podemos apostar que ele não acreditava — como muitos — que o número 13 dá azar. Porque, se acreditasse, estaria frito, pois o n.º 13 predominou em sua vida.

Richard Wagner nasceu em 1813; somando-se os algarismos desta data, temos o número 13. Compôs **treze** óperas e a primeira delas teve sua estréia no dia 13 de setembro de 1837. Terminou de compor sua célebre ópera *Tannhäuser* em

13 de abril de 1860. Esta obra estreou no dia 13 de abril de 1861, sem obter sucesso. Mas, quando ela foi apresentada em 13 de maio de 1865, despertou a atenção do público para a sua grandiosa beleza.

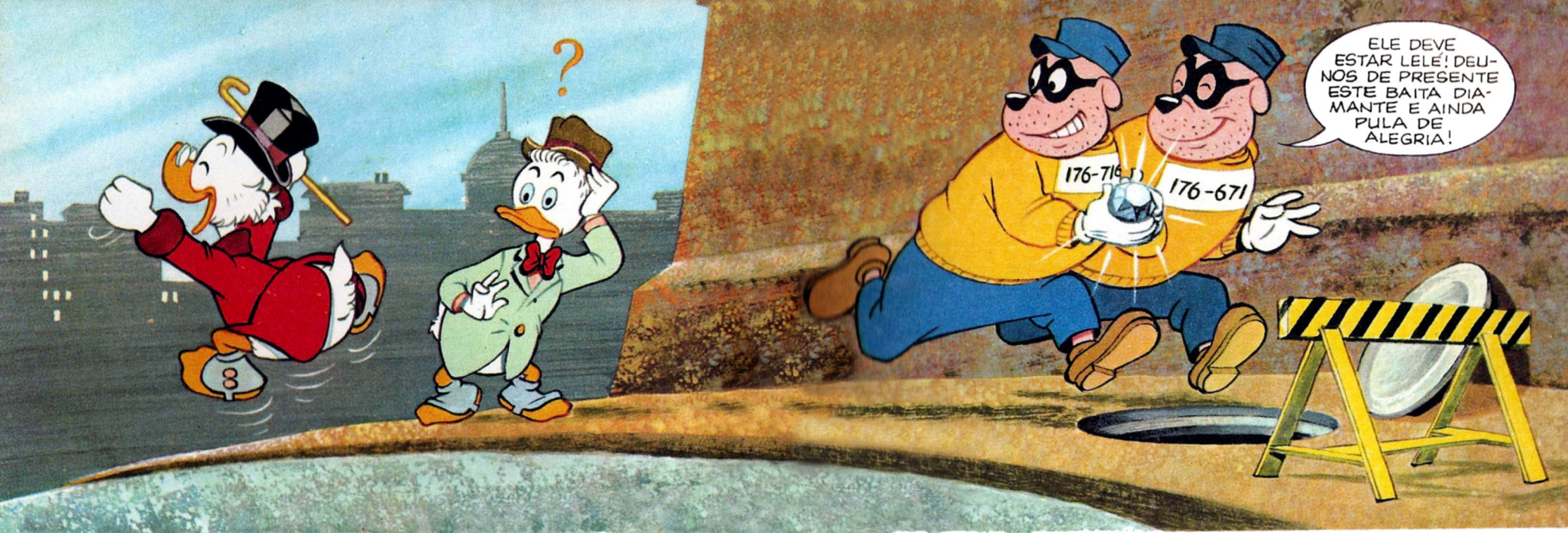
Incrível, não? Mas... tem mais! Wagner esteve **treze** anos desterrado na Saxônia. No dia 13 de agosto ocorreu a estréia de sua grande **Tetralogia**, *O Anel dos Nibelungos*, composta de quatro dramas líricos: *O Ouro do Reno*, *O Crepúsculo dos Deuses*, *A Valquíria* e

Siegfried. E, para não fugir à tradição, veio a falecer em Veneza no dia 13 de fevereiro de 1883...

Outro caso notável de presença insistente de um número numa vida é o de Vitória, rainha da Inglaterra. O número 9 também não goza da simpatia dos supersticiosos, que acham que dá azar. Talvez por causa daquela história dos nozes fora, zero (ou nada). Pois o algarismo 9 sempre acompanhou a célebre rainha, que nem por isso deixou de ser bem sucedida e ter um reinado brilhante. Seu pai, o duque de Kent, era o 9.º filho da família e foi o 9.º rei da Inglaterra a partir de

1688, ano em que a monarquia inglesa foi estabelecida nas bases atuais. Vitória nasceu em 1819. A soma desses algarismos dá 19. Ela herdou a coroa em 1837. (Some estes algarismos: também dão 19). Nessa ocasião, Vitória tinha 19 anos e o século era o de n.º 19.

O marido de Vitória nasceu também em 1819. O casal teve **nove** filhos. A soberana reinou por 63 anos que, somando, dá 9. Morreu aos 81 anos, outro 9. Seu sucessor, Eduardo VII, nasceu em 9 de setembro (o **nono** mês do ano), e a mulher que desposou tinha **dezenove** anos de idade e era filha de Cristiano IX!



O DIAMANTE DO AZAR

Uma pedra tão preciosa como o diamante tinha que ter muitas histórias em torno dela. O caso do diamante Hope, por exemplo. É o maior diamante azul conhecido e tem uma história de arrepiar. Dizem que uma terrível maldição o acompanha há mais de três séculos, trazendo toda sorte de desgraças aos seus possuidores. Seria o castigo de uma divindade hindu, de quem a pedra teria sido roubada.

Consta que o diamante pertencia a um ídolo hindu, quando foi roubado, em 1642, por um aventureiro

francês chamado Jean Tavernier. Logo este vendia a pedra ao rei Luís XIV, que a deu de presente a Madame de Montespan. Ela usou a pedra numa festa e no dia seguinte perdeu a amizade do rei. Um dos súditos, Fouquet, ficou com o diamante emprestado e, dias depois, era condenado à guilhotina.

O fatídico diamante foi depois usado pela princesa de Lamballe, que morreu linchada pelo povo. A rainha Maria Antonieta adornou-se com o mesmo diamante e terminou na guilhotina. Enquanto isso, Tavernier, o la-

drão da pedra, voltava à Índia, onde teve morte horrível, atacado por uma furiosa matilha de cães.

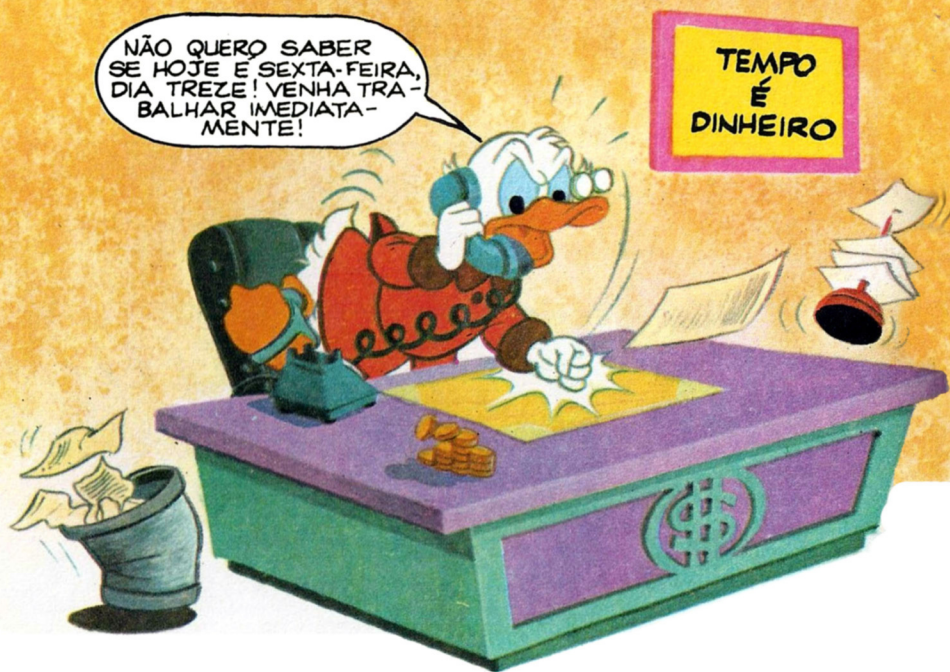
Após a Revolução Francesa, o diamante caiu em poder de ladrões. Mais tarde foi parar em mãos de um francês, que morreu louco.

Prosseguindo em sua carreira fatídica, o diamante vitimou um príncipe russo, morto por revoltosos após entrar na posse da pedra.

Somente em 1830 a "pedra maldita" reapareceu, agora em Londres, em poder de Daniel Eliason. Seu filho, então, suicidou-se, e Eliason foi parar num hospício. Mais tarde a jóia foi adquirida pelo banqueiro inglês lorde Fran-

cis Hope, que deu seu nome à pedra (*hope* significa *esperança*). Mesmo assim, tanto o lorde como sua esposa, a atriz americana May Yohe, chegaram à velhice na miséria, pedindo esmolas nas ruas de Boston.

A última proprietária do "diamante fatal" foi Evalyn McLean, que morreu misteriosamente. Após sua morte, a pedra foi "descansar" num museu de Nova York, onde pode ser vista pelo público. É uma linda pedra azul, de formato oval, pesando 44,5 quilates, e que tem um estranho brilho, segundo as pessoas que a viram. Mas nem mesmo o Tio Patinhas quis comprá-la...



UMA HISTÓRIA CHEIA DE TREZES

Dizem que o número 13 esteve sempre presente na história dos Estados Unidos. Treze foram as colônias que formaram a nação americana; treze são as listras de sua bandeira, adotada em 13 de abril de 1743. O símbolo do país foi criado em 13 de junho de 1794. O hino nacional americano foi composto em 13 de dezembro de 1814. Durante a Primeira Guerra Mundial, as tropas americanas atravessaram o Reno em 13 de dezembro de 1918. E o presidente Wil-

son, cujo nome completo constava de treze letras, nasceu num dia 13 e casou-se também num dia 13.

Mesmo com tantos trezes que não poderiam ser classificados de azarentos, muitos americanos ainda receiam esse número. Tanto que, toda vez que um dia 13 cai numa sexta-feira, as atividades econômicas no país sofrem uma retração, causando prejuízos calculados em mais de 200 milhões de dólares. Receando desgraças, nesses dias muita gente evita viajar,

fazer negócios ou até mesmo trabalhar . . .

Em compensação, alguns cidadãos são adversários declarados da superstição e até fundaram um clube, a exemplo do que um grupo de ingleses fez em Londres. Esse clube tem um nome esquisito *Treze Contra a Triskedecafobia*,

com treze membros que fazem rituais, quebram espelhos, circulam entre gatos pretos, abrem guarda-chuvas dentro de casa etc. E — é claro — não perdem uma sexta-feira 13 para fazer alguma comemoração especial. *Triskedecafobia* significa “receio ao número 13”.

O OSSO DO DESEJO

Você já ouviu falar no **osso do desejo**? É aquele ossinho em forma de forquilha que a gente encontra no peito das aves. Seu nome real é **fúrcula**. Pois os supersticiosos dizem que o osso do desejo traz boa sorte porque sua forma lembra uma ferradura.

E como se tira a sorte?

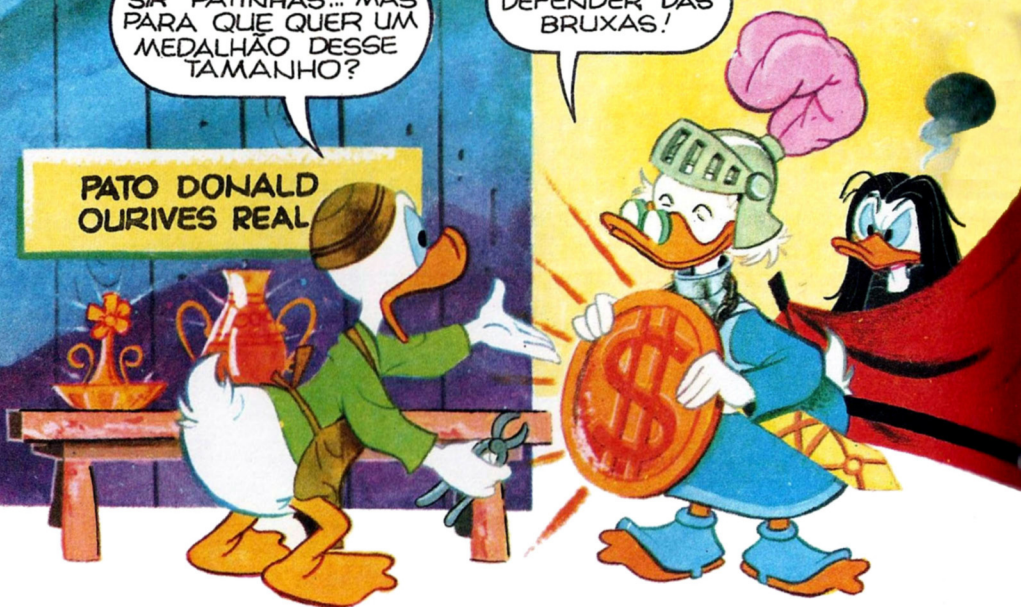
Assim: duas pessoas seguram, cada uma, uma das pontas da forquilha, formulando um desejo. Então puxam as pontas, e a forquilha se parte. Quem ficar com o pedaço mais comprido do osso será atendido em seu desejo. Mas, atenção: não pode dizer a ninguém qual é o desejo!



DESCULPE-ME,
SIR PATINHAS... MAS
PARA QUE QUER UM
MEDALHÃO DESSE
TAMANHO?

PATO DONALD
OURIVES REAL

É PRA ME
DEFENDER DAS
BRUXAS!



AS JÓIAS ERAM AMULETOS

Donald foi buscar Margarida para levá-la ao cinema, quando notou que ela usava seu broche de peixinho pela milésima vez. Perguntou a razão (o Donald é muito indiscreto, vocês sabem), e Margarida explicou que era o seu amuleto da boa sorte.

— Amuleto? — espantou-se o Donald.

— Sim. E não se admire: antes de ser usadas como enfeite, as jóias eram amuletos. Na Antiguidade elas serviam para “defen-

der” o corpo contra feitiçarias. Mais tarde é que passaram a ser usadas como decoração. Mas as jóias tinham outra função: um modo de reservar economias para as horas de aperto. Assim, quando a pessoa precisava de dinheiro, era só vender as jóias, que sempre têm valor. Mas quando vendiam, nos velhos tempos, tinham uma outra superstição: quebravam as jóias antes, que era para “tirar a qualidade defensiva do amuleto”. A palavra **jóia** vem do francês **joie**, que significa **alegria**. Entendeu?

— Entendi — respondeu Donald. — Sua explicação foi **jóia**!

O IMPORTANTE É COMPETIR



MONTREAL, 1976

João do Pulo



Em 1976, nos Jogos de Montreal, todos acreditavam que o cabo do Exército João Carlos Oliveira — o já famoso João do Pulo —, ganharia facilmente a medalha de ouro no salto triplo.

Não era para menos. Um ano antes, nos Jogos Pan-Americanos, realizados na Cidade do México, João do Pulo dera um salto histórico de 17,89 metros.

Tratava-se do novo recorde mundial. E não apenas de um simples recorde. Sua marca era 45 centímetros melhor do

que a do “Canguru” soviético Viktor Saneev, o russo tricampeão olímpico. E superior em 1,33 metro ao melhor salto dado na carreira de Ademar Ferreira da Silva.

Mas João do Pulo, que estava com 21 anos na ocasião, não pôde repetir sua façanha. Ficou mais de um metro abaixo do seu recorde e teve que se conformar com um modesto terceiro lugar e uma simples medalha de bronze.

Seu azar foi que, bem no dia da competição, ele se machucou.



ESPORTES OLÍMPICOS

luta

A luta é outro esporte quase tão velho quanto a nossa civilização.

Já era popular na Grécia Antiga, como forma de defesa e como esporte de competição. Segundo a lenda, ela foi inventada pelo grande Teseu, o herói que conseguiu vencer o Minotauro.

(Minotauro era uma criatura terrível, filho da mulher de um semideus que se apaixonou por um touro.)

Mas o melhor lutador grego era Milon, que ganhou seis Olimpíadas e nunca perdeu para ninguém. Na sua época — uns 500 anos antes de Cristo —, a luta era vio-

lentíssima e só terminava quando um dos lutadores resolvia desistir. Ou então morria.

Com o tempo, a luta se modernizou e dividiu-se em duas formas, que agora fazem parte das Olimpíadas: a greco-romana e a luta livre, também conhecida por *catch-as-catch-can*.

A primeira, em relação aos gregos e romanos, só tem o nome. Pois foi criada no século passado pelo francês Innocente Turgétil. Ele resolveu batizá-la homenageando os Jogos Antigos. Em relação à luta livre, há uma diferença básica: os contendores, na luta greco-romana, não podem fazer uso dos pés.

Como em outras formas de combate, o objetivo do lutador — nas duas modalidades — é derrubar o adversário e, então, imobilizá-lo.



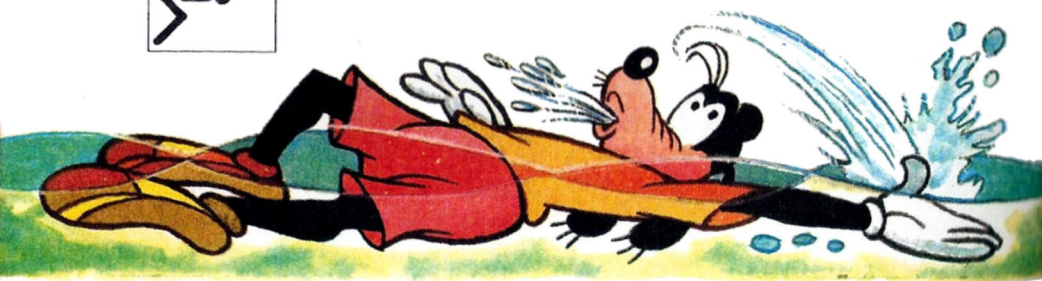
CATEGORIAS

Na luta, as categorias são as seguintes:

Minimosca	até 48 kg	Meio-médio	até 74 kg
Mosca	até 52 kg	Médio	até 82 kg
Galo	até 57 kg	Meio-pesado	até 90 kg
Pena	até 62 kg	Pesado	até 100 kg
Leve	até 68 kg	Superpesado	+ de 100 kg



natação



Sabe por que o homem aprendeu a nadar? Por pura necessidade de sobrevivência. Ele precisava pescar para poder se alimentar — e o jeito era dar um mergulho em busca do peixe, já que não existiam anzóis. Precisava se locomover — e os rios e mares eram seus caminhos naturais.

Portanto, nossos primitivos antepassados não nadavam para se divertir, como a gente faz nas praias e nas piscinas. Tal-

vez por isso é que eles tenham custado a descobrir que a natação também é um esporte maravilhoso — provavelmente o mais benéfico para o corpo humano, podendo ser praticado em qualquer idade, tanto por bebês como por velhinhos.

Embora não competissem, os egípcios do tempo das pirâmides nadavam muito no rio Nilo. Na velha Grécia, as pessoas já sabiam que nadar era um ótimo exercício.



Como esporte, porém, a natação só começou a ser organizada no século XVII, no Japão. Mas ninguém tinha ainda a preocupação de nadar mais depressa do que os outros. Isso só aconteceria no meio do século passado, lá na Austrália, um país que — não por acaso — revelaria ao mundo grandes nadadores.

A partir daí, foram sendo realizadas competições regulares nos cinco continentes, o que levou a natação a ser introduzida nos Jogos Olímpicos a partir de 1896, em Atenas. Em 1912, nos jogos de Estocolmo, as provas de natação foram abertas para as mulheres, que em pouco tempo provariam que são tão boas nesse esporte como os homens.

Ao longo da história das Olimpíadas desportaram muitos e muitos nadadores excepcionais: o havaiano Duke Kahanamoku, o futuro Tarzan Johnny Weissmuller, os australianos Dawn Fraser e Shane Gould, os americanos Don Scholander, Debbie Meyer e Mark Spitz, as alemãs orientais Kornelia Ender e Petra Thumer, e outros.

Atualmente, no programa olímpico, são disputadas as seguintes modalidades, sempre numa piscina retangular, com 50 metros de comprimento e oito raias (uma para cada nadador):

- 100 metros livre
- 200 metros livre
- 400 metros livre
- 800 metros livre (só para mulheres)
- 1 500 metros livre (só para homens)
- 100 metros de peito
- 200 metros de peito
- 100 metros borboleta
- 200 metros borboleta
- 100 metros de costas
- 200 metros de costas
- 400 metros quatro estilos/individual

4 x 100 metros livre/revezamento (só para mulheres)

4 x 200 metros livre/revezamento (só para homens)

4 x 100 metros quatro estilos revezamento

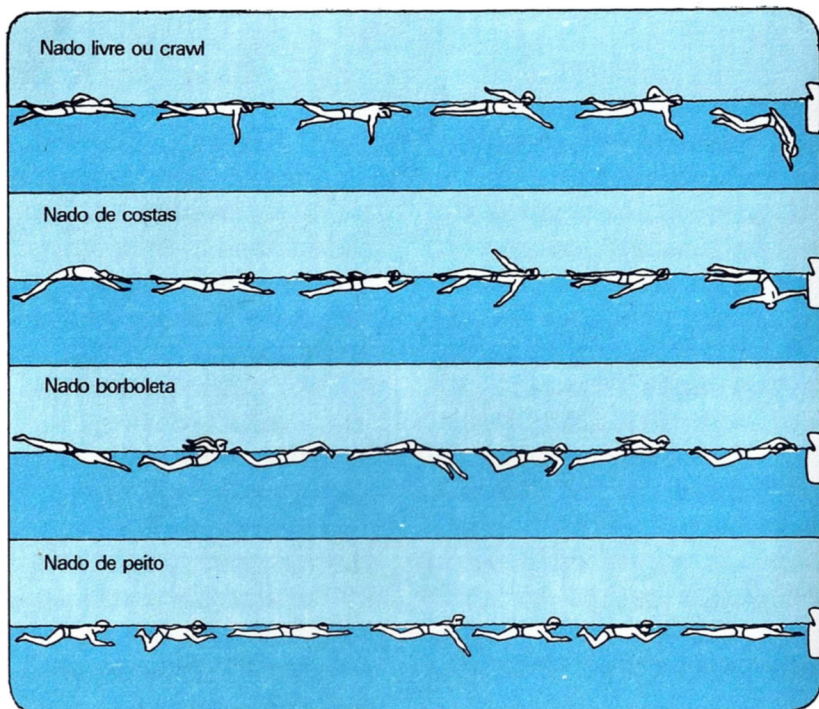
A seguir, você terá algumas explicações sobre os estilos de natação.

Veja também as figuras.

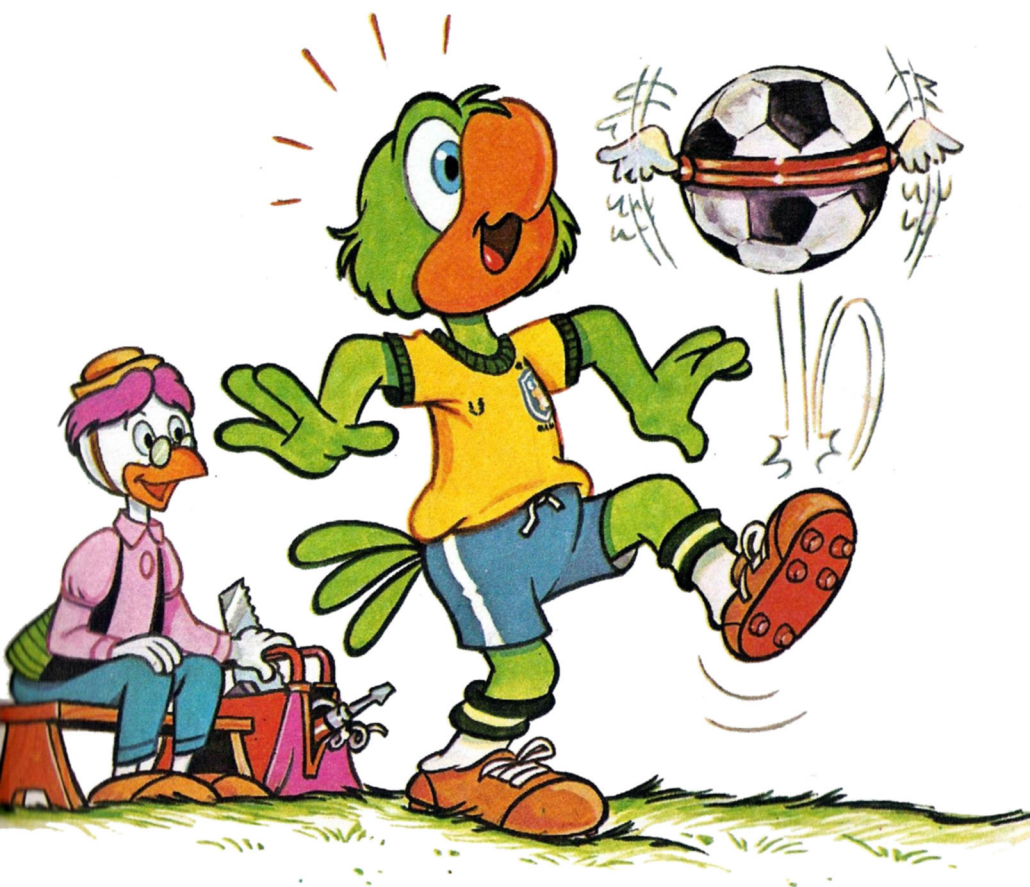
os quatro estilos

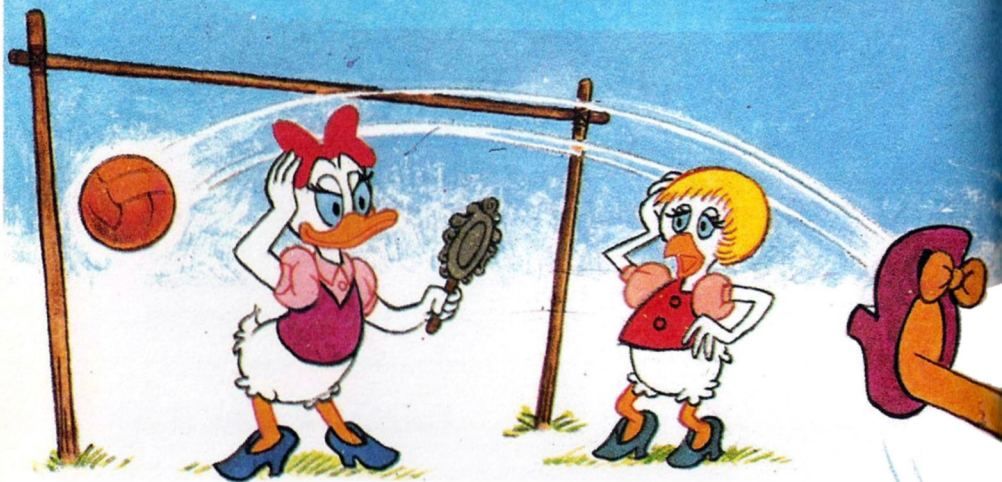
Existem quatro estilos de natação: nado livre (também conhecido como *crawl*), nado de costas, nado borboleta e na-

do de peito. Observando as ilustrações abaixo, você poderá entender melhor os estilos e ver a sequência dos movimentos.



BOLA NA REDE!





FUTEBOL FEMININO

Zé Carioca não queria acreditar no que ouvia.

— Mas é isso mesmo, Zé — confirmou Rosinha, toda animada. — Eu e a namorada do Nestor resolvemos criar “As Brejeiras F. C.”...

— Nada disso, Rosinha — disse Zé Carioca, já meio desconcertado. — Onde é que se viu? Um time de futebol só de mulheres!

Desta vez, porém, foi ele quem precisou ouvir uma pequena “aula”. Rosinha tinha tudo preparado na cabeça. E começou contando que, até uns 25 anos atrás, o futebol feminino era visto apenas como mais uma curiosidade, não como esporte. Aos poucos, a situação foi mudando até que, em 1970, realizou-se na Itália uma Copa do Mundo, vencida pelas dinamarquesas.

No ano seguinte, a FIFA, que nunca havia se interessado pelo problema, fez uma pesquisa e descobriu que o futebol feminino era praticado em 22 países diferentes. Em 1972, o então presidente da entidade, Stanley Rous, finalmente recomendou sua regulamentação.

De qualquer forma, o futebol feminino tem seus defensores e seus inimigos. Estes argumentam que o futebol é um jogo excessivamente viril para ser disputado por mulheres. Outras pessoas, no entanto, lembram que o mesmo ponto de vista era apresentado pelos que, no passado, não queriam ver as mulheres competindo no atletismo. O certo, então, não seria criar regras próprias para esse novo futebol?

O DIA MAIS TRISTE DO NOSSO FUTEBOL

É verdade que no futebol, como em todo esporte, alguém ganha e alguém perde. A alegria de uns é a tristeza de outros. Mas 16 de julho de 1950 ficaria na história como o dia mais triste do futebol brasileiro. Em pleno Maracanã, nossa Seleção perdia a Copa do Mundo, que todos já consideravam nossa. O Brasil só precisava de um empate com o Uruguai para sagrar-se campeão mundial pela primeira vez. No início do segundo tempo Friaça abriu o escore para o Brasil, dando a todos a quase certeza da vitória. Mas o Uruguai empatou

com gol de Schiaffino. Quando Jules Rimet deixou a tribuna de honra para entregar a Copa ao time campeão, ela era ainda do Brasil. Quando o presidente da FIFA chegou ao campo, a Copa já tinha outro dono: Ghiggia acabava de marcar o gol da vitória uruguaia. Foi possivelmente o maior desastre do futebol brasileiro, o mais lamentado título de vice-campeão mundial.

Depois do jogo, espalhou-se o boato de que havia uma caveira de burro enterrada na meta onde o goleiro Barbosa sofrera os dois gols fatídicos.



IRMÃOS FUTEBOLISTAS

...BOLA COM LUISINHO,
QUER DIZER, COM HUGUINHO!
DESCULPEM, ACHO QUE É O
ZEZINHO... BOLAS! JÁ NÃO
ENTENDO MAIS NADA!



Zico e Zeca, os dois sobrinhos do Zé Carioca, ouviam entusiasmados as histórias sobre futebol que o tio lhes contava. Aí o Zico perguntou:

— Dois irmãos, como nós, podem jogar no mesmo time?

— Claro — respondeu Zé. — Existem inúmeros casos de irmãos futebolistas. E quando falo em futebolistas, falo dos que ficaram famosos, pois irmãos, jogando no mesmo time ou mesmo em times diferentes não é novi-

dade. No Brasil, tivemos no passado os irmãos Petronilho e Valdemar de Brito, craques de seleção. Posteriormente, os irmãos Pinga, que brilharam na Portuguesa de Desportos; os irmãos Valente — Álvaro e Ramiro —, titulares do Santos; os irmãos Ditão: Flávio, Geraldo e Gilberto, filhos do Ditão-pai, que foi um beque dos bons. Os irmãos Moreira — Zezé, Aimoré e Aírton —, então, jogaram futebol nos anos 30 e 40 e depois se tornaram técnicos de futebol, por

sinal dos melhores. Há ainda o caso dos talentosos irmãos César, Caio e Luisinho; Brecha e Brida, e outros. Houve também irmãos de jogadores famosos que tentaram a sorte no futebol, mas sem sucesso, como Zoca, irmão de Pelé, e Abílio, irmão de Rivelino. O que significa que, se filho de peixe é peixinho, irmão de peixe nem sempre é peixe no futebol.

— E nos outros países,

tio Zé? — quis saber Zeca.

— Na Itália havia os cinco irmãos Sentimenti, sendo que um deles foi goleiro de seleção. Os irmãos Walter, Fritz e Ottmar foram titulares da Seleção Alemã em 1954. Já os irmãos Charlton — Bobby e Jack — se tornaram campeões mundiais pela Inglaterra em 1966. Portanto, rapazes, vocês podem jogar no mesmo time. Mas o que é mais importante é ambos jogarem bem!

ESQUENTANDO OS MÚSCULOS

Antes de entrar em campo, o futebolista faz o aquecimento, um preparativo indispensável para não começar a correr com o corpo frio e os músculos duros. O jogador deve ir acostumando, aos poucos, o corpo ao esforço físico, pois do contrário poderá sofrer uma

distensão muscular. Esse treinamento começa nos vestiários, mas ainda no campo os atletas se movimentam. Em dias de frio, alguns times europeus continuam o aquecimento no campo e só tiram o agasalho quando o juiz apita o início da partida.





A SELEÇÃO ESCOCESA

Dizem os ingleses, seus velhos rivais, que o melhor jogador da Escócia seria um tal de Walker... Johnny Walker. É uma brincadeira, lógico. Trata-se de uma marca de uísque escocês, não de um craque de futebol.

Mas a fama não foi conseguida por acaso. É que os torcedores da Escócia sempre acompanham seu time, onde quer que ele jogue, e às vezes chegam ao estádio já meio "altos".

Agora, falando sério, é preciso reconhecer que os escoceses são mesmo bons de bola. Muitos jogam nas grandes equipes inglesas. Tanto assim que,

da seleção que disputou a Copa do Mundo da Espanha, em 1982, oito titulares jogavam na Inglaterra.

A Seleção Escocesa tem tido razoável participação nas Copas do Mundo, mas no confronto direto com a Seleção Brasileira não tem sido feliz.

As duas seleções até 1985 haviam jogado seis vezes entre si. A primeira foi em Glasgow, na Escócia, em 1966: houve um empate de 1 a 1. Depois, aconteceram mais um empate e quatro vitórias brasileiras. Dos jogadores da Escócia, nos últimos tempos, destacam-se os atacantes Jordan e Dalglish, grandes goleadores.



GOLS QUE BATIZARAM GRANDES ESTÁDIOS

Dia 16 de junho de 1950. O gigante do Maracanã está em festa: vai ser inaugurado o maior estádio do mundo. Após as solenidades, as seleções de novos do Rio e de São Paulo tomam posição para o início do jogo, ante o incontido entusiasmo popular. O prefeito Mendes de Moraes dá o pontapé inicial e o jogo começa. São 16 horas. E já aos 10 minutos o meia Didi anota para a representação guanabarina o primeiro gol no novo estádio. Mas, se a primazia do gol inaugural

coube aos cariocas, a vitória foi dos paulistas, por 3 a 1.

O estádio do Morumbi, em São Paulo, foi estreado em 2 de outubro de 1960, com a partida entre o São Paulo e o Sporting de Lisboa. Vitória do São Paulo por 1 a 0, com gol de Peixinho.

O Mineirão foi inaugurado no dia 5 de setembro de 1965 com o jogo da Seleção Mineira frente ao time do River Plate, de Buenos Aires. Os mineiros levaram a melhor pela contagem mínima, gol de Bougleux.



O MAIOR PÚBLICO DO MUNDO

Os números exatos não foram levantados até hoje — aliás, não o serão nunca —, mas sabe-se, sem qualquer dúvida, quando se bateu o recorde de público na história do futebol: 16 de julho de 1950, Maracanã, na decisão da Copa do Mundo.

Algumas horas antes de começar o jogo, que decidiria o campeonato, com o estádio já lotado, a torcida arreben-tou as catracas e uma multi-dão se espremeu lá dentro.

Calcula-se que pelo menos 200 mil pessoas viram o Brasil perder a partida por 2 x 1. Muita gente para presenciar uma tragédia só, não?

Oficialmente, o recorde também é do Maracanã e da Seleção Brasileira. E de um dia bom: 31 de agosto de 1969, quando o Brasil derrotou o Paraguai por 1 x 0 (gol de Pelé), pelas eliminatórias da Copa de 70, garantindo assim nossa ida para o México. Total de presentes: 183 341.

No exterior, o maior público para uma partida de futebol foi registrado no jogo Escócia 3 x 1 Inglaterra, no Hampden Park, em Glasgow, no ano de 1937: 146 433 espectadores.

Como se vê, também em matéria de torcida, o futebol do Brasil é o maior!

CERA E CATIMBA

— **A** i, ai, ai! Ui, ui, ui!
Zé Carioca estava esticado no chão, gemendo.

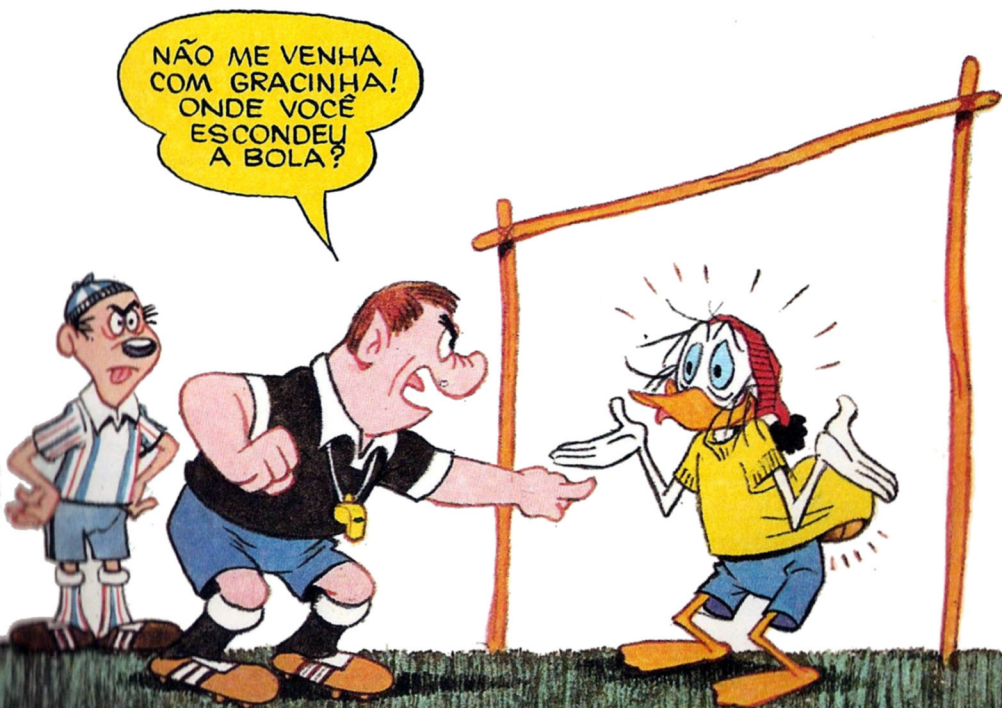
Seu time ganhava por 1 a 0 e o adversário tentava o empate, atacando desesperadamente, em massa. Para "esfriar" o adversário, o Zé fingiu que se machucara. O juiz paralisou a partida para o Zé ser atendido.

Como muitos jogadores manhosos, Zé Carioca utiliza de vez em quando a **catimba** que, embora seja um recurso pouco esportivo, é de difícil punição pelo árbitro. Cair como ele fez, simular contusão, reclamar, reter a

bola, irritar o adversário, tudo isso é catimba.

Um famoso catimbeiro foi Luisinho, meia do Corinthians na década de 50. Ele até sentava na bola em pleno jogo. O atacante Almir, que jogou no Vasco, Flamengo, Corinthians e Santos, catimbou tanto na decisão do Campeonato Carioca de 1966 que acabou brigando com todo o time do Bangu dentro do Maracanã.

A **cera** é um recurso mais utilizado pelos goleiros, que ficam segurando a bola e demoram em repô-la em jogo, visando a ganhar tempo.



...AGORA, NAS
COSTAS!

JÁ ESTOU COMEÇANDO
A DESCONFIA-
R DESTE
MASSAGISTA! AI, AI, AI!



MASSAGENS E FEITIÇOS

No fim do século passado descobriram que, se os jogadores fossem massageados antes das partidas, seu desempenho seria melhor. E, além disso, diminuíam-se os riscos de contusões.

Hoje em dia todo time tem seu massagista. Às vezes, até dois. Sua função principal é friccionar os músculos dos atletas. Mas, freqüentemente, ele também faz outras coisas: presta os primeiros socorros aos jogadores que se machu-

cam, aplica compressas, auxilia o médico do clube, etc.

Alguns massagistas vão além e especializam-se até em ajudar, com rezas e "despachos", os seus times a vencer jogos e ganhar campeonatos.

É a tradicional superstição popular, também presente em nosso futebol. Seja como for, o massagista Santana garante que foram seus "trabalhinhos" com os poderes extraterrenos que levaram o Vasco a ser campeão carioca de 1970!...

GRAÇAS À BOLA...

Quando parou de jogar, há alguns anos, o grande craque argentino Di Stefano, um dos maiores ases do mundo, mandou erguer a escultura de uma bola de futebol em sua mansão de Madrid. Embaixo dela, uma singela inscrição: "Gracias, vieja". Com isso Di Stefano quis agradecer, homenageando a bola, tudo que conseguiu em sua carreira de futebolista.

No Brasil existem vários monumentos a jogadores de futebol. No Parque Antártica, campo do Palmeiras, em São Paulo, há um busto de Valdemar Fiume, um de seus antigos e mais destacados atletas, de grande técnica.

O maior ídolo do Corinthians no passado, Neco, também ganhou uma estátua no Parque São Jorge, simbolizando o reconhecimento da torcida.

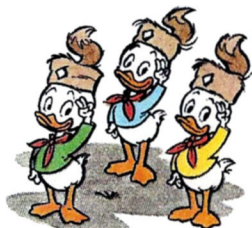
Charles Miller, o homem que introduziu o futebol no Brasil, tornou-se o nome da praça que fica em frente ao estádio do Pacaembu. E Pe-

lé, muito justamente considerado o maior jogador da história do futebol, tem um busto no estádio "Rei Pelé", em Maceió, capital de Alagoas, e outro em sua cidade natal, Três Corações, no Estado de Minas Gerais.



OBRIGADO, LÉ,
POR NÃO TER
PARTICIPADO DO
CAMPEONATO.
GRAÇAS A ESSE
SEU NOBRE GESTO
NOS TORNAMOS
CAMPEÕES.
"BREJEIROS DA
TIJUCA" AGRADECE
E PRESTA-LHE
ESTA HOMENAGEM.

ESCOTEIROS EM AÇÃO



Roda de escoteiros-mirins	8
Um autêntico escoteiro-mirim	9
Atenção sentido!	9
Eu sou o pirata da perna de pau!	12
Saudações do inferno	17
Envelopes do Tio Patinhas	17
Para não tomar banho forçado	18

VIVA A NATUREZA!



Como subir numa árvore	20
Hospedando passarinhos	22
Tico-tico	23
Quaresmeira	24
Tira-manchas	25

HORA DO LANCHE



De água doce ou água salgada?	28
Filés de peixe ao creme de parmesão ...	29
O mistério do macarrão chinês	30
Bolinhas bárbaros	31
A torta mais famosa do mundo	32
Torta de maçã em camadas	33
Pudim, uma invenção brasileira?	34
Manjar branco com ameixas pretas	35
O fogão do Ludovico	36

MAGICAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



A dança dos quadrados	38
As penalidades dos escoteiros-mirins	40
Faça sua mágica - O casaco encantado ..	42
Joguinho do Gastão - O jogo da roda	44

INVENTOS & INVENTORES



Da roda à carruagem	46
Para quem faz a barba	50
A fabriquinha de gelo	51
Energia atômica	52
O que é "royalty"?	54
A pólvora e a dinamite	55
O guarda-chuva	57
O metrô	58

AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPÕES



O revólver e o cavalo do mocinho	60
A lenda do Caramuru	62
Aventureiros da vida real - Francisco de Orellana	64
Aventureiros da vida real - Daniel Boone	65
A radiopatrulha	66
Pulseiras para bandido	67
Polícia Rodoviária	68
As superarmas do superagente	69

O DINHEIRO DA MESADA



Os bancos suíços	72
Caderneta de Poupança	74
Tesouros perdidos e achados!	75
As cortes mais luxuosas	78
O dinheiro no Brasil	80

FIQUE LIGADO!



Câmera ação!	84
Jornais de bairro	85
O programa de serviços	86
Suplementos	88
A coluna do leitor	89

FEITIÇOS & FEITICEIROS



Baco, o deus do vinho	92
Simbolismo das pedras preciosas	93
Centauros, sátiros e faunos	96

SORTE & SUPERSTIÇÃO



Wagner e a rainha Vitória eram um número	98
O diamante do azar	100
Uma história cheia de trezes	102
O osso do desejo	103
As jóias eram amuletos	104

O IMPORTANTE É COMPETIR



Montreal, 1976: João do Pulo	106
Esportes olímpicos - Luta	107
Esportes olímpicos - Natação	108

BOLA NA REDE!



Futebol feminino	112
O dia mais triste do nosso futebol	113
Irmãos futebolistas	114
A Seleção Escocesa	116
Gols que batizaram grandes estádios	117
O maior público do mundo	118
Cera e catimba	119
Massagens e feitiços	120
Graças à bola	121

WWW.AGIBITECA.COM.BR

